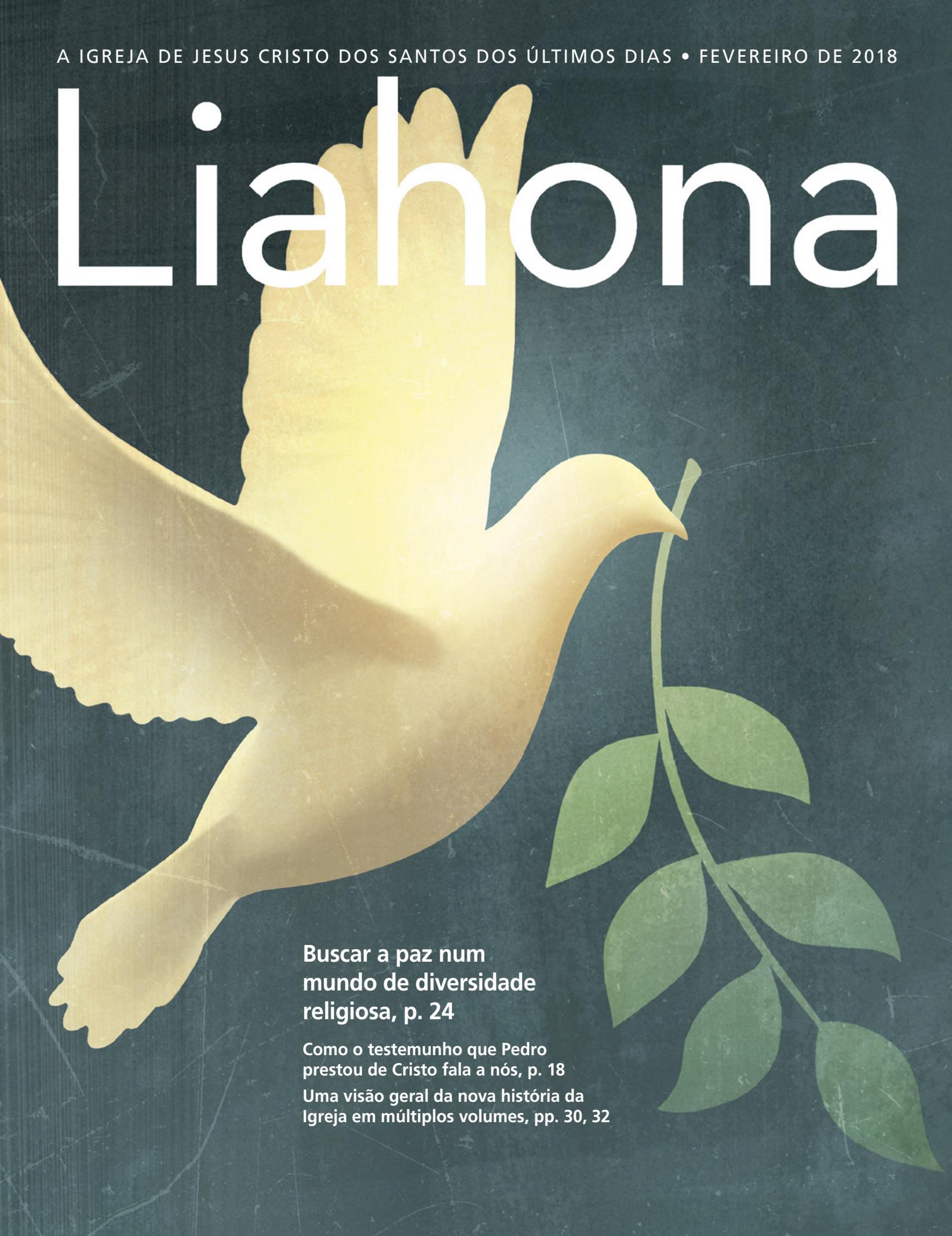


Liahona



**Buscar a paz num
mundo de diversidade
religiosa, p. 24**

**Como o testemunho que Pedro
prestou de Cristo fala a nós, p. 18**

**Uma visão geral da nova história da
Igreja em múltiplos volumes, pp. 30, 32**



“QUER VOCÊ
ESTEJA CUMPRINDO SUA
PROMESSA DE SEMPRE SE
LEMBRAR DELE OU NÃO,
**ELE SEMPRE
SE LEMBRA DE VOCÊ.**”

PRESIDENTE HENRY B. EYRING

Extraído da Mensagem da Primeira Presidência, página 4



32 Santos: A história da Igreja — Capítulo 1: Pedir com fé
Circunstâncias incomuns levaram a família Smith para Palmyra; sentimentos não resolvidos levaram Joseph a orar.

SEÇÕES

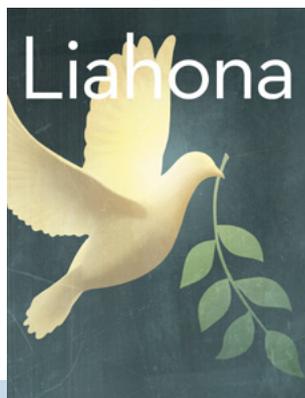
- 8 Caderno da conferência de outubro de 2017**
- 11 Servir na Igreja: A desobrigação é um início, não um fim**
Richard M. Romney
- 12 Ensinar à maneira do Salvador: O que posso fazer para ensinar de modo mais semelhante ao do Salvador?**
Tad R. Callister
- 16 No púlpito: Deus o revelou a mim**
Rachel H. Leatham
- 38 Retratos de fé: Feinga Fanguna**
- 40 Vozes da Igreja**
- 80 Até voltarmos a nos encontrar: O evangelho engloba toda a verdade**
Presidente Dieter F. Uchtdorf

MENSAGENS

- 4 Mensagem da Primeira Presidência: Recordá-Lo sempre**
Presidente Henry B. Eyring
- 7 Princípios das professoras visitantes: Procurem conhecer a irmã e a família dela**

ARTIGOS

- 18 “Quem dizeis que eu sou?”: O testemunho que Pedro prestou de Cristo**
Terry B. Ball
Ao passarmos a amar e a entender o apóstolo Pedro, ficamos mais propensos e capazes de aceitar seu testemunho especial de Cristo.
- 24 Liberdade religiosa: A pedra fundamental da paz**
Élder D. Todd Christofferson
Num mundo de filosofias que competem entre si, podemos nos unir em nossa busca pela paz, aceitando a diversidade religiosa e defendendo a liberdade religiosa.
- 30 Santos: A história da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias**
Élder Steven E. Snow
Saiba mais sobre a nova história da Igreja em múltiplos volumes.



NA CAPA
Ilustração: Joshua Dennis.



44

44 “Clamamos para que Ele nos livrasse”

Reid Tateoka

Por ocasião de um terremoto devastador no Japão, os missionários sentiram a mão protetora e orientadora do Senhor que os manteve em segurança.

48 Minha missão com meus parentes

Andrea Gómez Lagunes

Achei que minha missão estaria encerrada após minha cirurgia, mas de alguma forma me foi permitido ficar. Eu tinha apenas que descobrir a razão.



Veja se consegue encontrar a liahona oculta nesta edição. Dica: Que talentos você pode compartilhar com outras pessoas?

50 Jesus Cristo: Nossa fonte de paz

Élder M. Russell Ballard

O mundo pode nos proporcionar felicidade temporária, mas Jesus Cristo oferece paz eterna.

54 Paz no mundo x Paz em Cristo

Sarah Hanson

Como posso reconhecer os substitutos ilusórios da paz criados pelo mundo?

56 Ninguém pode congelar o que está no meu coração

Blossom Larynoh

Quando a frequência à Igreja se tornou ilegal em Gana, eu sabia que meu testemunho precisaria ser forte.

58 Como aprofundei meu relacionamento com Deus

Élder Massimo De Feo

O Senhor ajuda cada um de nós pessoalmente. Decida agora desenvolver um relacionamento mais forte com Ele.

60 Entreguei minhas preocupações a Deus

Ninoska Nawrath

Quando minha amiga foi hospitalizada por depressão severa, fiquei preocupadíssima. O que eu poderia fazer para ajudar?

62 Pôster: Vida eterna

63 Linha sobre linha: 1 Néfi 3:7

64 Perguntas e respostas

Como posso pedir aos meus amigos que não falem dos outros de maneira indelicada ou inadequada?



74

66 Defender a Igreja

Tracie Carter e Maryssa Dennis

Easton e seu novo amigo GianMarco queriam ensinar seus colegas de classe sobre a Igreja!

68 Fazer brilhar sua luz: Dar presentes

Marissa Widdison

70 O plano de felicidade

Este livreto para colorir vai ajudá-lo a aprender a respeito do plano do Pai Celestial!

72 Os apóstolos prestam testemunho de Cristo

Élder Dallin H. Oaks

73 Continue tentando!

Élder Peter F. Meurs

Mesmo que sinta medo, você pode ajudar as pessoas a serem felizes compartilhando seus talentos e seu testemunho.

74 Cartões de citações da conferência

75 Nossa página

76 Histórias das escrituras: Adão e Eva

Kim Webb Reid

79 Página para colorir

Revista internacional em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Thomas S. Monson, Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf

Quórum dos Doze Apóstolos: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson, Dale G. Renlund

Editor: Hugo E. Martínez

Editores assistentes: Randall K. Bennett, Carol F. McConkie
Consultores: Brian K. Ashton, Bonnie H. Cordon, LeGrand R. Curtis, Jr., Edward Dube, Sharon Eubank, Donald L. Hallstrom, Douglas D. Holmes, Erich W. Kopischke

Diretor administrativo: Richard I. Heaton

Diretor das revistas da Igreja: Allan R. Loyborg

Gerente de relações comerciais: Garff Cannon

Gerente editorial: Adam C. Olson

Gerente editorial assistente: Ryan Carr

Assistente de publicações: Francisca Olson

Equipe de composição e edição de textos: Maryssa Dennis, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lori Fuller, Garrett H. Garff, LaRene Porter Gaunt, Jon Ryan Jensen, Charlotte Larcabal, Michael R. Morris, Eric B. Murdock, Sally Johnson Odekirk, Joshua J. Perkey, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Mindy Anne Selu, Marissa Widdison

Diretor administrativo de arte: J. Scott Knudsen

Diretor de arte: Tadd R. Peterson

Equipe de diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, Mandie Bently, C. Kimball Bott, Thomas Child, David Green, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Emily Chieko Remington, Mark W. Robison, Brad Teare, K. Nicole Walkenhorst

Coordenadora de propriedade intelectual:

Collette Nebeker Aune

Gerente de produção: Jane Ann Peters

Equipe de produção: Ira Glen Adair, Julie Burdett, Thomas G. Cronin, Bryan W. Gysi, Ginny J. Nilson, Derek Richardson

Pré-impressão: Joshua Dennis, Ammon Harris

Diretor de impressão: Steven T. Lewis

Diretor de distribuição: Troy R. Barker

Responsável pela tradução: Patrícia Corrêa

Distribuição: Corporação do Bispado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Steinmühlstrasse 16, 61352 Bad Homburg v.d.H., Alemanha.

Para assinatura ou mudança de endereço, entre em contato com o Serviço ao Consumidor. Ligação Gratuita: 00800 2950 2950. Telefone: +49 (0) 6172 4928 33/34. E-mail: orderseu@ldschurch.org. Online: store.lds.org. Preço da assinatura para um ano: € 4,60 para Portugal, € 1,85 para Açores e CVE 204 para Cabo Verde.

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, acesse o site store.LDS.org ou entre em contato com o Centro de Distribuição local ou o líder da ala ou do ramo.

Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano, suaili, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2018 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

Informação de copyright: A menos que seja indicado o contrário, é permitido copiar o material da revista *Liahona* para uso pessoal, não comercial (inclusive para os chamados na Igreja). Essa permissão pode ser revogada a qualquer momento. O material visual não pode ser copiado caso haja restrições indicadas nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., FL 13, Salt Lake City, UT 84150, USA, e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada: February 2018 Vol. 71 No. 2. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses must be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send all UAA to CFS (see DMM 507.1.5.2). NONPOSTAL AND MILITARY FACILITIES: Send address changes to Distribution Services, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368, USA.

MAIS NA INTERNET



Leia os artigos e envie seu próprio artigo para liahona.LDS.org.



Encontre mensagens inspiradoras (disponíveis em inglês, português e espanhol) que podem ser compartilhadas em [facebook.com/liahona](https://www.facebook.com/liahona).



Envie comentários para liahona@LDSchurch.org.



Faça o pedido no site store.LDS.org. Ou visite um centro de distribuição, consulte os líderes da ala ou telefone para 1-800-537-5971 (EUA e Canadá).

ICONES: GETTY IMAGES

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Os números representam a primeira página de cada artigo.

Adão e Eva, 76

Adversidade, 44, 48, 54, 56, 60

Amizade, 7, 41, 60, 64, 66

Arrependimento, 4, 50

Batismo, 75

Bênçãos patriarcais, 38

Caridade, 7

Chamados na Igreja, 11, 12, 58

Conferência geral, 74

Depressão, 54, 60

Ensino, 12

Ensino familiar, 40

Estudo das escrituras, 43

Família, 10, 48, 75

História da família, 43, 48

História da Igreja, 30, 32

Humildade, 12

Jesus Cristo, 4, 12, 18, 50, 54, 58, 62, 70, 72

Joseph Smith, 32

Liberdade religiosa, 24

Linguagem, 64

Livro de Mórmon, 75

Obediência, 16, 63, 79

Obra missionária, 44, 48, 56, 66

Pai Celestial, 58, 62, 70

Paz, 24, 50, 54, 60

Plano de salvação, 70

Sacramento, 4, 58

Serviço, 7, 11, 42, 68

Talento, 38, 68, 73

Templos, 75

Testemunho, 16, 18, 56, 66, 73

Verdade, 80



**Presidente
Henry B. Eyring**

Primeiro conselheiro
na Primeira
Presidência

RECORDÁ-LO SEMPRE

Consegue imaginar o profeta Morôni gravando as últimas palavras do Livro de Mórmon nas placas de ouro? Ele estava sozinho. Tinha visto sua nação, seu povo e sua família caírem. A terra era “uma cena contínua” de guerra (Mórmon 8:8). Mas ele tinha esperança, pois havia visto os nossos dias! E de todas as coisas que poderia ter escrito, ele nos convidou a *lembrar* (ver Morôni 10:3).

O presidente Spencer W. Kimball (1895–1985) gostava de ensinar que a palavra mais importante do dicionário poderia ser *lembrar*. Por termos feito convênios com Deus, ele disse: “A coisa de que mais necessitamos é lembrar-nos” deles.¹

Encontramos a palavra *lembrar* ao longo de todas as escrituras. Quando Néfi admoestava seus irmãos, com frequência os convidava a se lembrarem das palavras do Senhor e de como Deus salvara seus antepassados (ver 1 Néfi 15:11, 25; 17:40).

Em seu grande discurso de despedida, o rei Benjamim usou a palavra *lembrar* seis vezes. Esperava que seu povo lembrasse “a grandeza de Deus (...) e sua bondade e longanimidade” para com eles (Mosias 4:11; ver também 2:41; 4:28, 30; 5:11–12).

Ao instituir o sacramento, o Salvador convidou Seus discípulos a partilhar dos emblemas “em memória” de Seu sacrifício (Lucas 22:19). Em toda oração sacramental que ouvimos, a palavra *sempre* acompanha as palavras *recordar ou lembrar* (ver D&C 20:77, 79).

Minha mensagem é um convite, sim, um pedido de que você se lembre. Aqui estão algumas sugestões do que você pode se lembrar a cada semana ao tomar os sagrados emblemas do sacramento. Espero que lhe sejam úteis, como foram para mim.

Lembrar-se de Jesus Cristo

Em primeiro lugar, lembre-se do Salvador. Lembre-se de quem Ele era quando esteve na Terra, de como falou com as pessoas e de como mostrou bondade em Seus atos. Lembre-se de com quem Ele passou Seu tempo e o que Ele ensinou. O Salvador “andou fazendo o bem” (Atos 10:38). Visitou os enfermos. Estava comprometido a cumprir a vontade do Pai.

Acima de tudo, podemos nos lembrar do grande preço que Ele pagou, devido a Seu amor por nós, para remover a mancha de nossos pecados. Ao nos lembrar Dele, nosso desejo de segui-Lo aumentará. Vamos querer ser um pouco mais bondosos, um pouco mais dispostos a perdoar e um pouco mais dispostos a conhecer a vontade de Deus e cumpri-la.

Lembrar-se do que você precisa melhorar

É difícil pensar no Salvador — Sua pureza e perfeição — sem também pensar em como somos falhos e imperfeitos em comparação a Ele. Fizemos convênios de obedecer a Seus mandamentos, mas costumamos ficar aquém desse elevado padrão. No entanto, o Salvador sabia que isso aconteceria, e foi por isso que nos deu a ordenança do sacramento.

O sacramento tem suas raízes na prática do Velho Testamento de oferecer sacrifícios, que incluía uma confissão do pecado (ver Levítico 5:5). Já não sacrificamos animais, porém ainda podemos abandonar nossos pecados. As escrituras chamam esse sacrifício de “um coração quebrantado e um espírito contrito” (3 Néfi 9:20). Vá ao sacramento com um coração arrependido (ver D&C 59:12; Morôni 6:2). Ao fazer isso, obterá o perdão dos pecados e



não se desviará do caminho que conduz de volta à presença de Deus.

Lembrar-se do progresso que está fazendo

Ao examinar sua vida durante a ordenança do sacramento, espero que seus pensamentos se concentrem não apenas nas coisas que fez de errado, mas também nas coisas que fez certo — nas ocasiões em que sentiu que o Pai Celestial e o Salvador ficaram

contentes com você. Você pode até reservar um momento durante o sacramento para pedir a Deus que o ajude a ver essas coisas. Se fizer isso, prometo que sentirá algo. Sentirá esperança.

Quando faço isso, o Espírito me reassegura de que, embora eu ainda esteja longe de ser perfeito, sou melhor hoje do que fui ontem. E isso me dá a confiança de que, graças ao Salvador, posso me tornar melhor amanhã.

Sempre é um tempo muito longo, o que implica muito esforço concentrado. Você sabe por experiência própria como é difícil pensar conscientemente em uma única coisa o tempo todo. Mas quer você esteja cumprindo sua promessa de sempre se lembrar Dele ou não, Ele sempre Se lembra de você.

O Salvador conhece seus desafios. Ele sabe como é sentir a pressão das preocupações da vida. Sabe a urgência com que você precisa das bênçãos decorrentes de sempre se lembrar Dele e de obedecer a Ele — “para que [você possa] ter *sempre* consigo o seu Espírito” (D&C 20:77; grifo do autor).

Assim, Ele lhe dá as boas-vindas de volta à mesa do sacramento todas as semanas, oferecendo-lhe novamente a chance de testificar perante Ele que você vai recordá-Lo sempre. ■

NOTA

1. Spencer W. Kimball, “Circles of Exaltation” [Círculos de exaltação], discurso para os educadores religiosos do Sistema Educacional da Igreja, 28 de junho de 1968, p. 5.

ENSINAR USANDO ESTA MENSAGEM

A vida pode ser caótica, tornando difícil nos lembrar sempre de nosso Salvador Jesus Cristo. O sacramento, porém, oferece um momento especial, todas as semanas, no qual podemos refletir sobre Sua vida e Seus ensinamentos. Com aqueles que você visita como mestre familiar, pense em como usar esses momentos serenos agora e discuta como você pode se concentrar mais no Salvador. Como você pode usar esses momentos para refletir sobre as coisas nas quais poderia melhorar pessoalmente? Qual é a importância de se lembrar do progresso que está fazendo a cada semana?



“[Lembraí-vos] de quão misericordioso tem sido o Senhor”
(Morôni 10:3).

JOVENS

Três coisas para lembrar

A palavra *lembrar* aparece muitas vezes no Livro de Mórmon. Néfi incentivou os irmãos a se lembrarem de como Deus salvara seus antepassados. O rei Benjamim pediu ao povo que se lembrasse da grandeza de Deus. E Morôni instruiu seus leitores a recordarem o quanto o Senhor é misericordioso.

É essencial nos lembrar do Salvador — nós até fazemos convênio de nos lembrar sempre Dele toda vez que tomamos o sacramento. O presidente Eyring nos convida a recordar três coisas durante o sacramento.

1. **Lembrar-se de Jesus Cristo:** Leia as escrituras sobre como o Salvador serviu às pessoas e mostrou amor por elas. Como você sente Seu amor? Como pode servir e mostrar amor às pessoas, como fez o Salvador?
2. **Lembrar-se do que precisa melhorar:** Reflita sobre sua semana passada com um coração arrependido. Escolha uma coisa que possa mudar e anote como vai melhorar nisso. Coloque sua meta num lugar bem visível.

3. **Lembrar-se do progresso que está fazendo:** Peça a Deus que o ajude a ver o quanto está progredindo. Anote como se sente.

Não somos perfeitos, mas o Salvador sabe disso. É por isso que Ele nos pede que nos lembremos Dele. Ao nos lembrar Dele, isso nos dá esperança e nos ajuda a melhorar. Mesmo nos momentos em que deixamos de nos lembrar Dele, o presidente Eyring garante: “Ele sempre Se lembra de você”.

CRIANÇAS

Lembrar-nos de Jesus

As escrituras ensinam que devemos sempre nos lembrar de Jesus Cristo. Isso significa que devemos pensar *muito* Nele e seguir Seu exemplo!

Você pode tracejar e colorir este desenho de Jesus para sempre se lembrar Dele. Coloque-o num lugar em que possa vê-lo com frequência.

“E se lembrardes sempre de mim, tereis meu Espírito convosco”
(3 Néfi 18:7).



Procurem conhecer a irmã e a família dela

O trabalho das professoras visitantes consiste em passar sinceramente a conhecer e a amar cada irmã para poder lhe fortalecer a fé e lhe prestar serviço.



Fé, família, auxílio

Rita Jeppeson e sua professora visitante se tornaram grandes amigas ao se encontrarem e conversarem sobre o evangelho. Mas suas visitas também incluem jogos de palavras com que elas se divertem juntas, o que ajuda a mente envelhecida de Rita a ficar ativa. Como a professora visitante descobriu do que Rita precisa e gosta, ambas esperam ansiosamente cada visita. Há muitas coisas que as irmãs podem fazer durante uma visita, como uma caminhada juntas ou ajudar uma irmã com suas tarefas domésticas. Lucy Mack Smith, mãe do profeta Joseph Smith, expressou seus sentimentos em 1842 a respeito de como as irmãs santos dos últimos da recém-criada Sociedade de Socorro devem se sentir umas com as outras. Ela disse: “Precisamos amar-nos mutuamente, cuidar umas das outras, consolar

umas as outras e adquirir instrução, para que possamos todas viver no céu juntas”.¹ Isso ainda é verdade hoje.

O élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Vejam a si mesmos como emissários do Senhor para os filhos Dele. (...) Esperamos que (...) vocês estabeleçam uma era de preocupação genuína pelos membros, voltada ao evangelho, zelando e cuidando uns dos outros, lidando com necessidades espirituais e materiais de qualquer maneira que possam ajudar”.²

Por intermédio de Moisés, o Senhor ordenou o seguinte aos filhos de Israel: “Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo” (Levítico 19:34). As irmãs que visitamos podem ser “estrangeiras” ao começarmos nosso serviço, mas,

à medida que passamos a conhecer as irmãs e a família delas, aumenta o nosso desejo de “carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves”, e de ter nossos “corações entrelaçados em unidade e amor uns para com os outros” (Mosias 18:8, 21).

NOTAS

1. Lucy Mack Smith, em *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, 2011, p. 26.
2. Jeffrey R. Holland, “Emissários da Igreja”, *A Liahona*, novembro de 2016, p. 62.



Pense nisto

Nas famílias das irmãs que você visita, de quais acontecimentos vindouros você deve estar ciente e precisa se lembrar?

Ministrar

Em vez de fornecer uma mensagem específica, esta página apresentará um princípio diferente a cada mês para nos ajudar a ministrar de forma mais eficaz umas às outras. Ao orar e buscar inspiração, você conhecerá a mensagem espiritual e o serviço de que cada irmã precisa.

CADERNO DA CONFERÊNCIA DE OUTUBRO DE 2017

“O que eu, o Senhor, disse está dito (...), seja pela minha própria voz ou pela voz de meus servos, é o mesmo” (D&C 1:38).

Para recordar a Conferência Geral de Outubro de 2017, você pode usar estas páginas (e os Cadernos da conferência que vão ser publicados em edições futuras) para ajudá-lo a estudar e a colocar em prática os mais recentes ensinamentos dos profetas e apóstolos vivos e de outros líderes da Igreja.



DESTAQUES DOUTRINÁRIOS

O juramento e convênio do sacerdócio

Um portador do Sacerdócio de Melquisedeque se compromete a cumprir as responsabilidades associadas ao Sacerdócio Aarônico e a magnificar seu chamado no Sacerdócio de Melquisedeque. (...)

Em troca, Deus promete que o portador do Sacerdócio de Melquisedeque receberá as chaves para compreender os mistérios de Deus. Ele se

tornará perfeito até que possa permanecer na presença de Deus. Será capaz de cumprir seu papel na obra de salvação. Jesus Cristo preparará o caminho diante do portador do sacerdócio e estará com ele. O Espírito Santo estará no coração do portador do sacerdócio, e anjos o apoiarão. Seu corpo será fortalecido e renovado. Ele se tornará herdeiro das bênçãos

de Abraão e, com sua esposa, coerdeiro com Jesus Cristo do reino do Pai Celestial. Essas são as ‘grandíssimas e preciosas promessas’ (2 Pedro 1:4). Não se pode imaginar promessas maiores do que essas.”

Élder Dale G. Renlund, do Quórum dos Doze Apóstolos, “O sacerdócio e o poder da Expição do Salvador”, *Liahona*, novembro de 2017, pp. 65–66.

PROMESSA PROFÉTICA



A FÉ VENCE O TEMOR

“Portanto, embora já tenhamos edificado a fé e a coragem em nosso coração, o Senhor

espera mais de nós e das gerações futuras. Elas precisarão ser mais fortes e corajosas porque vão fazer coisas ainda mais grandiosas e difíceis do que nós. E terão de enfrentar a crescente oposição do inimigo de nossa alma. (...)

Testifico que o Senhor vai adiante de nós toda vez que estamos a serviço Dele. Às vezes, vocês serão como anjos enviados pelo Senhor para fortalecer alguém. Outras vezes, estarão rodeados de anjos que os fortalecerão. Mas terão sempre Seu Espírito no coração, como diz a promessa em cada ordenança do sacramento. Vocês só precisam guardar Seus mandamentos.

Dias melhores ainda estão por vir para o reino de Deus na Terra. A oposição vai fortalecer nossa fé em Jesus Cristo, como tem acontecido desde os dias do profeta Joseph Smith. A fé sempre vence o temor. Trabalhar em conjunto produz união. Suas orações pelos necessitados são ouvidas e respondidas por um Deus amoroso. Ele não descansa nem dorme.”

Presidente Henry B. Eyring, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, “Não tenhais receio de praticar o bem”, *Liahona*, novembro de 2017, p. 103.



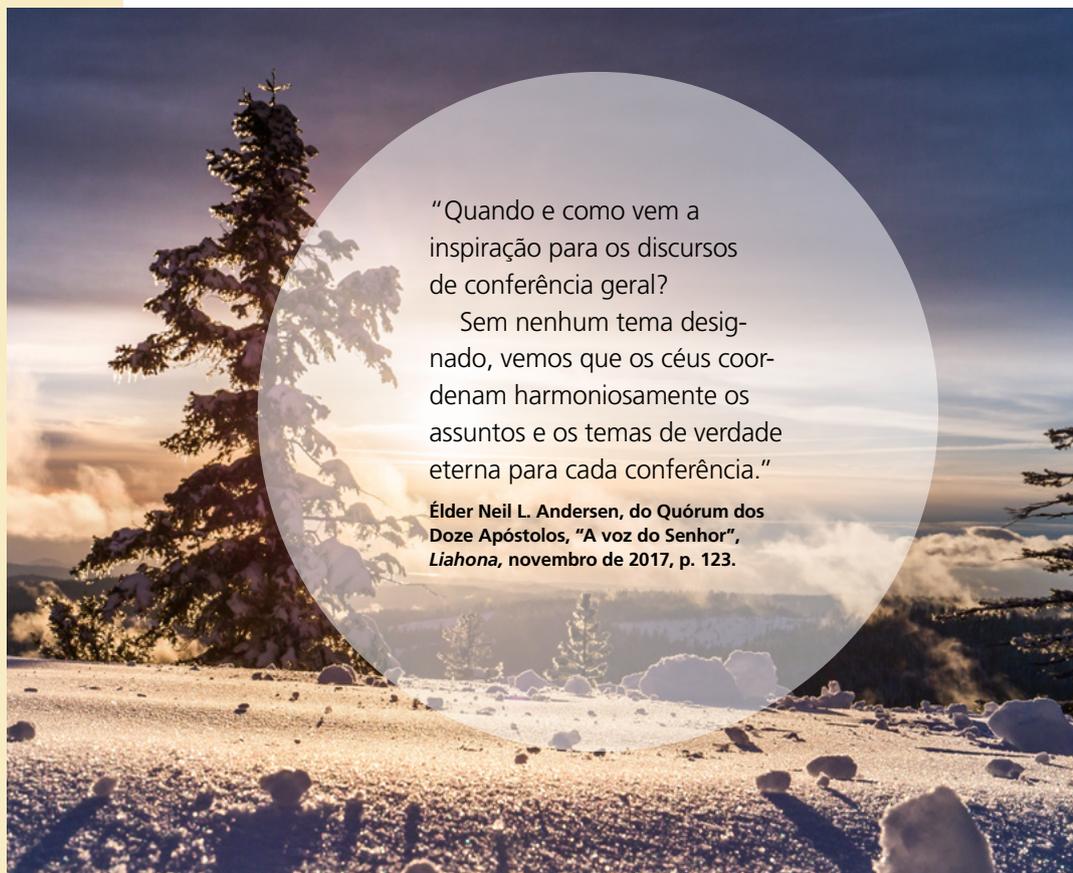
SERVIR AOS QUE NOS CERCAM

“Acredito que a maioria dos membros considera o serviço como parte central de seus convênios e de seu discipulado. Mas penso também que, às vezes, é fácil

perder grandes oportunidades de serviço por estarmos distraídos ou procurando maneiras grandiosas de mudar o mundo, e não vemos que algumas das necessidades mais importantes que podemos atender estão dentro de nossa própria família, entre nossos amigos, em nossa ala e em nossa comunidade. Nós nos sentimos tocados quando vemos sofrimento e grandes necessidades no outro lado do mundo, mas pode ser que não percebamos uma pessoa sentada ao nosso lado na classe. (...)

O Pai Celestial colocou perto de nós aqueles que mais precisam de nossa ajuda, sabendo que estamos mais capacitados para atender suas necessidades.”

Bonnie L. Oscarson, presidente geral das Moças, “As necessidades diante de nós”, *Liahona*, novembro de 2017, p. 26.



“Quando e como vem a inspiração para os discursos de conferência geral?

Sem nenhum tema designado, vemos que os céus coordenam harmoniosamente os assuntos e os temas de verdade eterna para cada conferência.”

Élder Neil L. Andersen, do Quórum dos Doze Apóstolos, “A voz do Senhor”, *Liahona*, novembro de 2017, p. 123.



PERFEIÇÃO: UM DOM DA GRAÇA

“Creio em Sua perfeição e sei que somos Seus filhos e Suas filhas espirituais com potencial divino de nos tornarmos como Ele é. Também sei que, como filhos de Deus, não devemos nos desvalorizar ou nos rebaixar, como se nos flagelar fosse uma forma de nos tornarmos a pessoa que Deus deseja que nos tornemos. Não! Sempre com o desejo de nos arrepender e uma vontade no coração de sermos mais retos, espero que busquemos nos aprimorar pessoalmente de uma maneira que não nos leve a ter uma úlcera, sofrer de anorexia, sentir-nos deprimidos nem destruir nossa autoestima. (...)”

‘Sim, vinde a Cristo, sede aperfeiçoados nele’, suplica Morôni. ‘[Amai] a Deus com todo o vosso poder, mente e força, então (...) *por sua graça podeis ser perfeitos em Cristo*’ (Morôni 10:32; grifo do autor). Nossa única esperança de alcançar a verdadeira perfeição consiste em recebê-la como dádiva do céu, não conseguimos ser perfeitos sozinhos. Assim, a graça de Cristo nos oferece não somente salvação da tristeza, do pecado e da morte, mas também a salvação da nossa insistente autocrítica.”

Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Sede vós pois perfeitos — No final”, *Liahona*, novembro de 2017, p. 41.



RESPOSTAS PARA VOCÊ

Como podemos trazer o Salvador para nossa vida?

“Partilhar [do sacramento] do Salvador e beber Seu sangue significa tirar de nossa vida tudo aquilo que não é condizente com um caráter semelhante ao de Cristo e tornar nossos os Seus atributos. Esse é o significado maior do arrependimento, não apenas nos afastarmos dos pecados passados, mas também voltarmos ‘o coração e a vontade a Deus’ perseverando (ver Guia para Estudo das Escrituras, ‘Arrependimento’).”

Élder D. Todd Christofferson, do Quórum dos Doze Apóstolos, “O pão vivo que desceu do céu”, *Liahona*, novembro de 2017, p. 39.



DESAFIO DO LIVRO DE MÓRMON FEITO EM ABRIL DE 2017

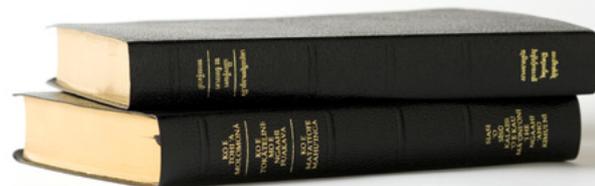
“Desde o desafio do presidente Monson há seis meses [de estudar e ponderar o Livro de Mórmon], tenho procurado seguir seu conselho. Entre outras coisas, fiz uma lista mencionando o que o Livro de Mórmon é, o que ele *afirma*, o que ele *nega*, o que ele *cumpr*e, o que

ele *esclarece* e o que ele *revela*. Olhar para o Livro de Mórmon sob essa perspectiva foi um exercício esclarecedor e inspirador. Recomendo que cada um de vocês faça o mesmo. [Ver no final do discurso do presidente Nelson as listas que ele compilou.] (...)”

[Pense nas seguintes perguntas:] Primeira: Como seria sua vida *sem* o Livro de Mórmon? Segunda: O que vocês *não saberiam*? E terceira: O que vocês *não teriam*? (...)”

Sei que o presidente Thomas S. Monson é o profeta de Deus na Terra atualmente. Eu o amo e o apoio de todo o meu coração.”

Presidente Russell M. Nelson, presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, “Como seria sua vida sem o Livro de Mórmon?”, *Liahona*, novembro de 2017, p. 61.



A DESOBRIGAÇÃO É UM INÍCIO, NÃO UM FIM

Richard M. Romney

Revistas da Igreja

Não subimos nem descemos na Igreja. Seguimos em frente juntos.

Um amigo meu foi desobrigado recentemente do cargo de bispo de sua ala. Poucos dias depois, sabendo que eu também tinha servido como bispo, pedi para falar comigo.

“É normal sentir o que estou sentindo?”, perguntou ele.

“O que está sentindo?”

“Desconectado, acho. Estive envolvido com a vida de muitas pessoas e agora, de repente, acabou. Será que vou me sentir tão envolvido assim de novo?”

A pergunta dele me fez lembrar da época da minha própria desobrigação. Lembro-me de ter tido sentimentos semelhantes. Senti muita falta de estar envolvido no trabalho de ajudar as pessoas a se achegarem ao Salvador e ao Pai Celestial. Senti falta de incentivá-las a buscar e a seguir a inspiração do Espírito Santo. Tinha sido uma bênção maravilhosa servir como bispo, mas, então, havia terminado.

Mas será mesmo? Depois de algum tempo, dei-me conta de que a bênção de prestar serviço nunca desaparece. É uma oportunidade duradoura. Como discípulos de Jesus Cristo, não devemos *sempre* nos lembrar Dele? (Ver D&C 20:77, 79.) Não devemos *sempre* ajudar as pessoas a se achegarem ao

Salvador e ao Pai Celestial? Não devemos *sempre* ajudar as pessoas, em especial nosso cônjuge e nossa família, a buscar e a seguir a inspiração do Espírito Santo?

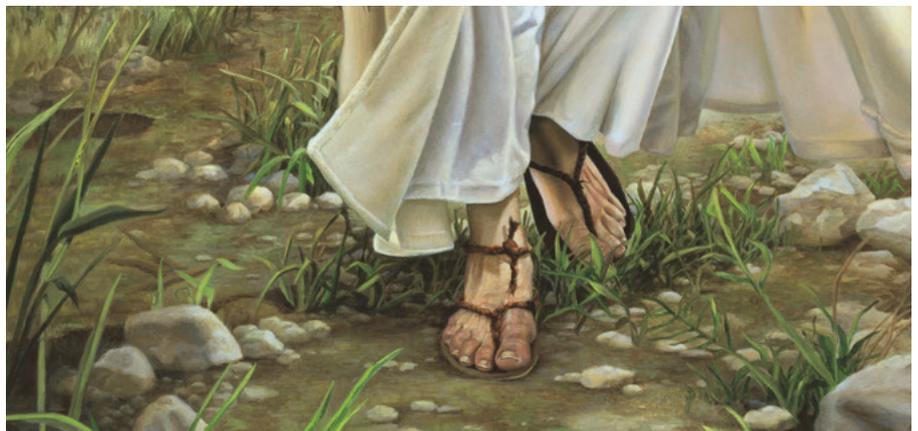
Estas palavras do élder Dallin H. Oaks, do Quórum dos Doze Apóstolos, me vieram à mente: “Não ‘descemos’ quando somos desobrigados nem ‘subimos’ quando somos chamados. Não há ‘em cima ou embaixo’ no serviço do Senhor. Há apenas ‘para frente ou para trás’, e essa diferença depende de como aceitamos nossa desobrigação e nosso chamado e de como agimos em relação a eles. Certa vez presidi a desobrigação de um jovem presidente de estaca que havia prestado um ótimo serviço por nove

anos e se regozijava então com sua desobrigação e com o novo chamado que ele e a mulher tinham acabado de receber. Eles foram chamados como líderes do berçário de sua ala. Somente nesta Igreja isso seria visto como algo igualmente honroso!”¹

À medida que meu amigo e eu conversávamos, compreendemos que o serviço não termina quando somos desobrigados de um chamado, seja ele qual for. Para os seguidores de Cristo, o serviço nunca termina. Em breve recebemos um novo chamado e começamos de novo, seguindo em frente juntos. ■

NOTA

1. Dallin H. Oaks, “As chaves e a autoridade do sacerdócio”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 49.





Tad R. Callister
 Presidente geral da
 Escola Dominical

O QUE POSSO FAZER PARA ENSINAR DE MODO MAIS SEMELHANTE AO DO SALVADOR?

Enquanto eu servia como presidente de missão em Toronto, Canadá, um de meus assistentes veio falar comigo, dizendo: “Presidente, como posso ser um missionário melhor?” Minha primeira resposta foi: “Você está se saindo muito bem”. E, de fato, estava. Mas ele insistiu na pergunta, por isso pensei um pouco e depois lhe dei uma sugestão. Com um sorriso, ele reagiu positivamente.

Compartilhei essa simples experiência com nossos outros missionários. Logo, élderes e sísteres vieram para suas entrevistas e perguntaram: “Presidente, como posso ser um missionário melhor?” Essa simples pergunta de um dos missionários causou um espírito de aprimoramento em toda a missão.

De igual modo, os professores vão receber conselhos construtivos se fizerem com sinceridade esta pergunta ao Senhor e a seus líderes: “O que posso fazer para ensinar de modo mais semelhante ao do Salvador?” O Senhor prometeu: “Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e dará resposta a tuas orações” (D&C 112:10).

Importar-se profundamente

Perguntaram uma vez ao escritor inglês J. B. Priestley como ele se tornara um escritor famoso, uma vez que, quando jovem, alguns de seus colegas tinham sido igualmente talentosos, mas não tiveram tanto sucesso. Ele respondeu: “A diferença entre nós não foi na capacidade, mas no fato de que eles simplesmente brincaram com a ideia fascinante de escrever. Eu me importava profundamente!”¹

Como professores, podemos perguntar: “Estou satisfeito com minha capacidade didática atual, ou me importo profundamente em ensinar como o Salvador?” Se assim for, será que estamos dispostos a deixar de lado todo o orgulho e não apenas esperar instruções, mas buscá-las ativamente?

A humildade é o ponto-chave

Temos muitos professores excelentes nesta Igreja, mas a verdade é que, não importa quantos anos de experiência tenhamos, ou quantos títulos e diplomas, ou o quanto sejamos amados pelos alunos, todos podemos melhorar e nos tornar mais semelhantes ao Mestre dos mestres, desde que

sejamos humildes. Talvez a qualidade que define um professor semelhante a Cristo é a de ser ensinável. A humildade é uma qualidade que ao mesmo tempo propicia a presença do Espírito e nutre nossa sede de aprimoramento.

Em certa ocasião, reuni-me com presidentes de Escola Dominical que estavam decepcionados porque um ou mais professores de sua ala ou seu ramo sentiam que eram tão experientes e bem-sucedidos que não precisavam de mais instruções nem de participar das reuniões de conselho de professores. Isso me entristeceu porque ainda não conheci nenhum professor que não pudesse melhorar em algum aspecto.

Sei que até o professor mais experiente, que participa da reunião de conselho de professores com um coração humilde e o desejo profundo de aprender, *vai* receber inspiração e impressões divinas sobre como pode melhorar. Estive em dezenas de reuniões de conselho de professores e sempre saio com um novo ponto de vista ou o desejo de melhorar uma aptidão ou um atributo que precise ser refinado ou aperfeiçoado.

A necessidade de desenvolver aptidões didáticas

Alguns podem ocasionalmente pensar nas técnicas didáticas como simples ferramentas mecânicas ou seculares. Quando desenvolvidas, porém, essas habilidades permitem que o Espírito escolha dentre várias opções a que melhor atenda às necessidades de cada aluno. Quem é mais produtivo, o homem que tenta cortar uma árvore com um canivete, ou o mesmo homem utilizando uma serra elétrica? Em ambos os casos, o mesmo homem tem a mesma força e o mesmo caráter, mas o último é bem mais produtivo porque dispõe de uma ferramenta mais eficaz. As aptidões

didáticas se tornam uma ferramenta divina nas mãos do Espírito.

Treinamento e prática, dramatizações, estudo e observação são coisas que podem ajudar um professor de qualquer nível de capacidade a desenvolver aptidões que o Espírito pode utilizar — ajudando-nos a ensinar de modo mais semelhante ao do Mestre. Muitas dessas aptidões podem ser desenvolvidas nas reuniões de conselho de professores.

O Senhor pode nos moldar e nos aperfeiçoar

Alguns acham que simplesmente não conseguem ensinar como o Salvador — que esse objetivo está além

de suas capacidades. Pedro talvez tenha achado que não passava de um pescador. Mateus nada mais era que um coletor de impostos desprezado. Mas, com a ajuda do Salvador, cada um deles se tornou um vigoroso líder e professor do evangelho.

Essa capacidade que o Senhor tem de nos moldar e nos aperfeiçoar não difere da que Michelangelo tinha ao esculpir o que é considerada por muitos a melhor obra de arte já produzida pela mão do homem: *Davi*.

Antes de Michelangelo ser contratado para o projeto, dois outros escultores, Agostino di Duccio e Antonio Rossellino, tinham sido designados para completar as



estátuas. Ambos se depararam com o mesmo problema: a coluna tinha a altura e a largura corretas, mas o mármore estava muito danificado. Di Duccio e depois Rossellino haviam tentado dar seu toque artístico àquela coluna, mas sem sucesso. Simplesmente havia imperfeições demais nela.² Por fim, cada um deles desistiu. Michelangelo viu aquelas mesmas imperfeições, mas também viu além delas. Visualizou uma forma viva e majestosa que respirava, o Davi, que hoje costuma fazer com que aqueles que o contemplam suspirem de assombro à primeira vista.

De modo semelhante, Deus declarou que a plenitude de Seu evangelho seria “proclamada pelos fracos e pelos simples aos confins da Terra” (D&C 1:23). Deus vê nossas imperfeições e falhas, mas também vê além delas. Ele tem a capacidade de não apenas nos ajudar a vencer nossas fraquezas, mas

também de transformá-las em pontos fortes (ver Êter 12:26–27). Ele pode ajudar a refinar e aperfeiçoar nossos atributos e nossas aptidões didáticas de modo que ensinemos de maneira mais semelhante à do Salvador.

Maneiras de ensinar de modo mais semelhante ao do Salvador

Seguem-se alguns dos elementos essenciais pelos quais todos podemos nos esforçar para ensinar de modo mais semelhante ao do Salvador:

- **Ensinar pelo Espírito**, sabendo que é o Espírito que dá vida, fôlego e substância a nossas aulas (ver D&C 43:15).
- **Concentrar-se na doutrina**, reconhecendo que a doutrina conforme ensinada nas escrituras e pelos profetas vivos tem o poder inerente de mudar vidas (ver Alma 31:5).

- **Tornar-se um ávido aprendiz**, sabendo que o professor ideal é também o aprendiz ideal (ver D&C 88:118).
- **Buscar revelação**, sabendo que com todo chamado para ensinar vem o direito de receber revelação para magnificar esse chamado (ver D&C 42:61).
- **Demonstrar amor** aprendendo o nome de cada aluno, orando por eles individualmente, tendo interesse pessoal por todos eles (em particular os que têm necessidades especiais) e ajudando de modo significativo os que não comparecem (ver Morôni 7:47–48).

Avaliação pessoal

O apóstolo Paulo deu este conselho: “Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé” (2 Coríntios 13:5). Isso poderia ser parafraseado assim para os professores: “Examinem-se a si mesmos se estão ensinando à maneira do Salvador ou à sua maneira”. O início do ano é um momento adequado para realizar essa avaliação. Por isso você está sendo convidado a responder às perguntas de avaliação pessoal que acompanham este artigo. Ao fazê-lo, o Espírito vai ajudá-lo a saber qual deve ser seu enfoque para se tornar um professor mais semelhante a Cristo e como adquirir e desenvolver as aptidões e os atributos necessários para fazê-lo. ■

NOTAS

1. J. B. Priestley, *Rain Upon Godshill*, 1939, p. 176.
2. Ver “Michelangelo’s David”, accademia.org/explore-museum/artworks/michelangelos-david.



Como me tornar um professor mais semelhante a Cristo:

Avaliação pessoal

Pense nos princípios a seguir sobre o ensino eficaz. Nas áreas em que você sente que pode se desenvolver, use o espaço em branco para escrever o que você se sente inspirado a fazer.

1. Frequento as reuniões de conselho de professores com o humilde desejo de aprender e participar (ver D&C 112:10).	
2. Anoto regularmente as impressões do Espírito para me ajudar como aprendiz e professor (ver D&C 76:28).	
3. Começo a preparar minhas aulas com pelo menos uma semana de antecedência (ver D&C 88:118–119).	
4. Mantenho um equilíbrio adequado entre a parte da instrução do professor e a dos debates entre os alunos (ver D&C 88:122).	
5. Oro fervorosamente para ter o Espírito comigo de modo a poder ser um instrumento nas mãos de Deus (ver D&C 42:14).	
6. Reservo um tempo para ponderar o bloco de escrituras antes de ler a lição ou outros materiais para poder reforçar a revelação que eu venha a receber (ver D&C 42:61).	
7. Ajudo meus alunos, sobretudo os jovens, a não apenas aprender o evangelho, mas também a se tornar professores eficazes, de modo que venham a ser melhores missionários, líderes, professores e pais (ver D&C 88:77).	
8. Oro pelos meus alunos, citando-os pelo nome (ver Lucas 22:32).	
9. Procuo ajudar meus alunos que não comparecem às aulas? (Ver Lucas 15:1–7.)	
10. Qual é minha maior dificuldade para me tornar um professor semelhante a Cristo e como posso superar essa dificuldade?	

Para uma avaliação mais profunda, veja a avaliação pessoal da página 37 de *Ensinar à Maneira do Salvador*.

DEUS O REVELOU A MIM

Rachel H. Leatham

Esta nova série destaca a vida de mulheres dedicadas e suas mensagens, extraídas do livro *At the Pulpit: 185 Years of Discourses by Latter-day Saint Women* [No Púlpito: 185 Anos de Discursos Proferidos por Mulheres Santos dos Últimos Dias], 2017. Alguns capítulos se encontram em churchhistorianspress.org/at-the-pulpit.

Acho que sou uma das moças mais felizes do mundo, e é o evangelho que me faz sentir assim, pois sei que é verdadeiro. Sei realmente que Deus, nosso Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, desceram e trouxeram o evangelho e o estabeleceram e falaram com o profeta Joseph Smith. (...)

Sinto que, se eu pudesse viver para sempre, jamais conseguiria agradecer o suficiente ao Pai Celestial as bênçãos que tive na vida, o privilégio de sair pelo mundo e prestar esse testemunho, falando às pessoas a respeito da Restauração do evangelho, da autoridade que Cristo concedeu a Seus servos e das bênçãos que estão reservadas aos que derem ouvidos e forem obedientes às palavras de verdade, vida e salvação. (...)

Às vezes acho que os jovens que estão em casa não compreendem plenamente as responsabilidades que recaem sobre nós. Nem sempre lembramos que nossos líderes são idosos e que, quando nossos pais e mães se forem, caberá a nós assumir o trabalho deles, e que somos as futuras pessoas responsáveis de Sião. Será que estamos fazendo nossa parte, preparando-nos

de modo a poder realizar o trabalho que nossos pais fizeram?

(...) Será que somos capazes de dizer quais foram as promessas que Deus nos fez se guardarmos Seus mandamentos? Será que conhecemos bem o antigo registro dos habitantes deste continente, o Livro de Mórmon? E será que conhecemos as grandes verdades que nele são ensinadas e os livros que nos ensinam as belezas da obra na qual estamos empenhados hoje? Temo que não estejamos suficientemente instruídos nos princípios do evangelho e que não sejamos tão diligentes quanto deveríamos ser.¹

Quando muito é dado, muito é exigido. E vocês sabem, todos vocês, o quanto nos foi dado e o quanto será exigido de nossas mãos (ver Lucas 12:48; D&C 82:3). Será que estamos nos preparando para não fracassarmos? Vivamos de toda palavra que sai da boca do Senhor (ver Deuteronômio 8:3; Mateus 4:4; D&C 84:44). Vivamos de modo que Ele sempre esteja disposto a nos guardar, abençoar-nos e nos amar.

(...) Quero dizer novamente que sei que o evangelho é verdadeiro.



SOBRE A IRMÃ LEATHAM

Rachel Hannah Leatham (1884–1979) foi a segunda

mulher a ser incluída no relatório oficial da conferência da Igreja, quando discursou numa reunião ao ar livre para o público excedente da Conferência Geral de 5 de Abril de 1908.

Fez parte da primeira geração de mulheres não casadas que serviram missão de proselitismo para a Igreja. Quando tinha 22 anos, foi designada para servir na Missão Colorado, em setembro de 1906.

Ao retornar para Salt Lake City, em 1908, a irmã Leatham se prontificou para ser guia voluntária no escritório de informações da Praça do Templo. O escritório foi inaugurado em 1902, no intuito de prover informações corretas e distribuir literatura da Igreja aos que visitavam a Praça do Templo.

Nessa época, a conferência geral era realizada no Tabernáculo da Praça do Templo. Quando o Tabernáculo ficava lotado, os participantes eram encaminhados a reuniões para o público excedente realizadas no Assembly Hall, ao lado. Quando o Assembly Hall ficava lotado, as pessoas se congregavam no gramado, perto do prédio do escritório de informações, onde eram realizadas reuniões para o público excedente da conferência.

Esta mensagem é um trecho do discurso que a irmã Leatham proferiu na reunião para o público excedente da conferência geral, em 5 de abril de 1908. A pontuação e o uso de maiúsculas foram padronizados.

Não porque meu pai sabe disso nem porque minha mãe sempre o ensinou para mim, mas sei que o evangelho é verdadeiro porque Deus o revelou a mim. Seu Espírito prestou testemunho a meu espírito (ver Romanos 8:16), e esse testemunho

é o dom mais precioso que Deus me concedeu.

Que Deus nos abençoe a todos, peço em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

Para ler mais sobre Rachel H. Leatham e outras mulheres inspiradoras e suas mensagens em Ao Púlpito: 185 Anos de Discursos Proferidos por Mulheres Santos dos Últimos Dias

(2017), acesse churchhistorianspress.org/at-the-pulpit.

NOTA

1. As cartas mensais da irmã Leatham para seu presidente de missão revelavam sua diligência. Em 25 de fevereiro de 1907, ela escreveu: "Tenho me empenhado em cumprir meu dever e sentido grande satisfação em meu trabalho" (Atas gerais da Missão Colorado Denver Sul, p. 166).



FOTOGRAFIA DE RACHEL LEATHAM, CORTESIA DA BIBLIOTECA DE HISTÓRIA DA IGREJA; MOIDURA: GETTY IMAGES



“Quem dizeis que eu sou?”

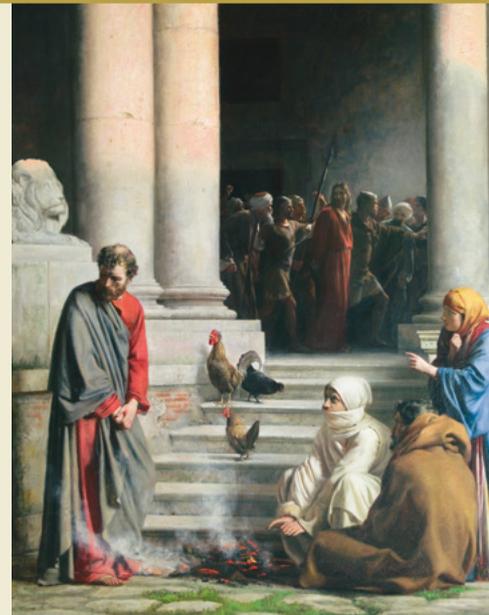
O TESTEMUNHO QUE PEDRO PRESTOU DE CRISTO

Terry B. Ball

Professora de educação religiosa, Universidade Brigham Young

O apóstolo Pedro é amado pelos fiéis — talvez porque nos pareça muito autêntico e seja fácil nos identificarmos com ele. Podemos sentir empatia por ele. Admiramos sua coragem ao largar tudo, “logo” deixando a rede quando o Mestre o chamou, dizendo: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4:18–20). Entendemos sua confusão com o significado e a mensagem das parábolas (ver Mateus 15:15–16). Sentimos o desespero de seu clamor, “Senhor, salva-me”, quando seus pés e sua fé fraquejaram nas águas turbulentas naquela noite no mar da Galileia (Mateus 14:22–33). Apreciamos seu assombro na Transfiguração (ver Mateus 17:1–13). Choramos com ele de vergonha por sua tripla negação (ver Mateus 26:69–75), sofremos com ele no Getsêmani (ver Mateus 26:36–46) e nos unimos à sua alegria e ao seu assombro diante do sepulcro vazio (ver João 20:1–10).

Talvez os autores dos evangelhos quisessem que tivéssemos essa ligação pessoal com Pedro. Em seus relatos, eles parecem preservar de propósito mais experiências e conversas dele com Jesus do que as de qualquer outro dos doze originais.¹ Muitos de nós presumem que tamanha atenção é dada a Pedro nos evangelhos porque ele se tornou o porta-voz e chefe dos apóstolos. Mas talvez Mateus, Marcos, Lucas e João também tenham expressado com tanta frequência e intimidade o convívio que Pedro teve com Cristo porque esperavam que, ao passarmos a amar e entender Pedro, estaríamos mais preparados e capazes para aceitar seu testemunho especial de Cristo — um testemunho que parece ter sido cuidadosamente preparado para ser prestado.



Ao passarmos a amar e a entender o apóstolo Pedro, ficaremos mais preparados e capazes para aceitar seu testemunho especial de Cristo.

A preparação de Pedro

À medida que Pedro acompanhava Jesus ao longo de Seu ministério mortal, o testemunho que o apóstolo tinha de que o Mestre era o Messias parece ter sido adquirido por meio de experiências intelectuais, práticas e de revelação que lhe foram concedidas. Isso quer dizer que o testemunho dele, tal como o nosso hoje em dia, veio por intermédio de sua mente, suas mãos e seu coração.

Pedro sabia que Jesus de Nazaré era mais que um mero homem, porque O viu dar visão ao cego, curar o leproso, fazer o coxo andar e levantar pessoas dentre os mortos (ver Mateus 11:4–5; ver também João 2:11; 10:25; 20:30–31). Sua afirmação lógica de que Jesus era o Cristo foi fortalecida pelo que ele aprendeu ao colocar em prática as instruções do Mestre. Ele lançou sua rede conforme o Salvador orientou e pescou uma enorme quantidade de peixes (ver Lucas 5:1–9; João 21:5–7). Quando o Salvador o chamou, dizendo: “Vem”, ele andou sobre as águas (ver Mateus 14:22–33). E quando ele distribuiu uns poucos pães e peixes à multidão, conforme o Salvador instruíra, o milagre da multiplicação aconteceu sob suas próprias mãos (ver João 6:1–14).

Esses testemunhos de sua mente e de suas mãos devem ter significativamente complementado o mais poderoso testemunho concedido a Pedro: o testemunho revelado a seu coração. Quando Jesus perguntou a Seus discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”, eles mencionaram as conclusões comuns de seus contemporâneos. O Salvador então personalizou

a pergunta, dizendo: “Quem dizeis vós que eu sou?” (Ver Mateus 16:13–15.)

Sem hesitação, Pedro disse:

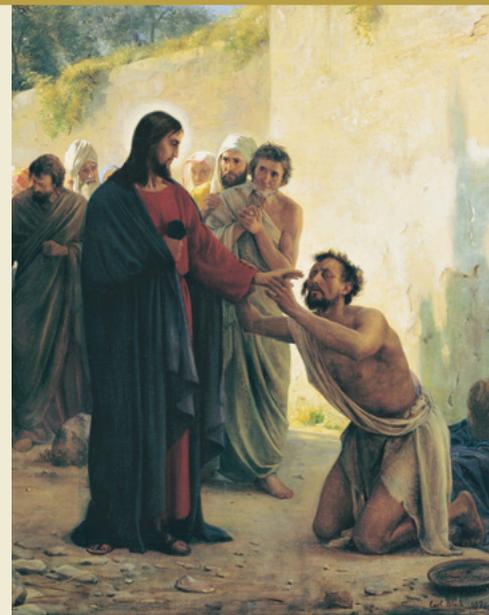
“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus” (Mateus 16:16–17).

A preparação de Pedro para se tornar uma testemunha especial de Cristo incluiu várias experiências bastante íntimas com Jesus.² Esses conselhos e orientações personalizados geralmente eram dados quando ele se aproximava do Salvador com perguntas ou sempre que Cristo percebia que ele precisava de mais treinamento.³

Pedro talvez tenha sido o discípulo de Cristo que mais recebeu repreensões.⁴ É extraordinário notar que Pedro optou por não se ofender, mas, sim, continuar a seguir o Mestre, aumentando dia a dia seu testemunho e aprendendo com Ele.⁵

A preparação do pescador galileu culminou no que ele testemunharia após a Crucificação. Ao ouvir falar do sepulcro vazio, Pedro correu para ver por ele mesmo e saiu dali “admirando-se do que havia acontecido” (Lucas 24:1–12; ver também João 20:1–9). Lucas relata que, em algum momento daquele mesmo dia, o Salvador ressuscitado apareceu em particular para Pedro embora pouco saibamos sobre esse acontecimento (ver Lucas 24:34; 1 Coríntios 15:3–7). Mais tarde naquela noite, o Senhor ressurreto apareceu aos apóstolos e a alguns outros discípulos, convidando-os a tocar nas feridas de Seu corpo. Então,



Pedro sabia que Jesus de Nazaré era mais que um mero homem, porque O viu dar visão ao cego, curar o leproso, fazer o coxo andar e levantar pessoas dentre os mortos.

abriu-lhes o entendimento de como Sua Ressurreição cumprira as profecias escritas na lei de Moisés e nas escrituras, declarando: “Dessas coisas sois vós testemunhas” (ver Lucas 24:36–48; ver também Marcos 16:14; João 20:19–23). Os 11 discípulos viajaram posteriormente para a Galileia, como o Salvador os instruíra, e ali no “monte que Jesus lhes tinha designado”, Ele lhes assegurou: “É-me

dado todo o poder no céu e na terra” (ver Mateus 28:7, 10, 16–20).

Ao longo de tudo isso, a mente, as mãos e o coração de Pedro foram ainda mais preparados para que ele se tornasse uma testemunha do Cristo ressuscitado, porque ele O viu com os próprios olhos, ouviu-O com os ouvidos, sentiu-O com as mãos e sem dúvida sentiu novamente a confirmação do Espírito no coração.

O encargo de Pedro

Assim como levou tempo, ensino e experiência para que Pedro entendesse plenamente a missão expiatória do Messias, a compreensão de sua própria missão como testemunha especial de Cristo foi um processo gradual.

“Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes?”

Parece que o pleno entendimento do que lhe seria exigido adveio a Pedro quando o Senhor o ensinou junto às margens do mar da Galileia. Apesar de por duas vezes ter tocado nas marcas da crucificação no corpo ressuscitado do Mestre, ainda parecia se questionar sobre o que fazer em relação a si mesmo. Assim Pedro anunciou: “Vou pescar” (João 21:3). Agora que Jesus não estava mais com eles, Pedro parecia resignado a retornar a sua antiga vida e a seu meio de sustento. Seus irmãos o seguiram.

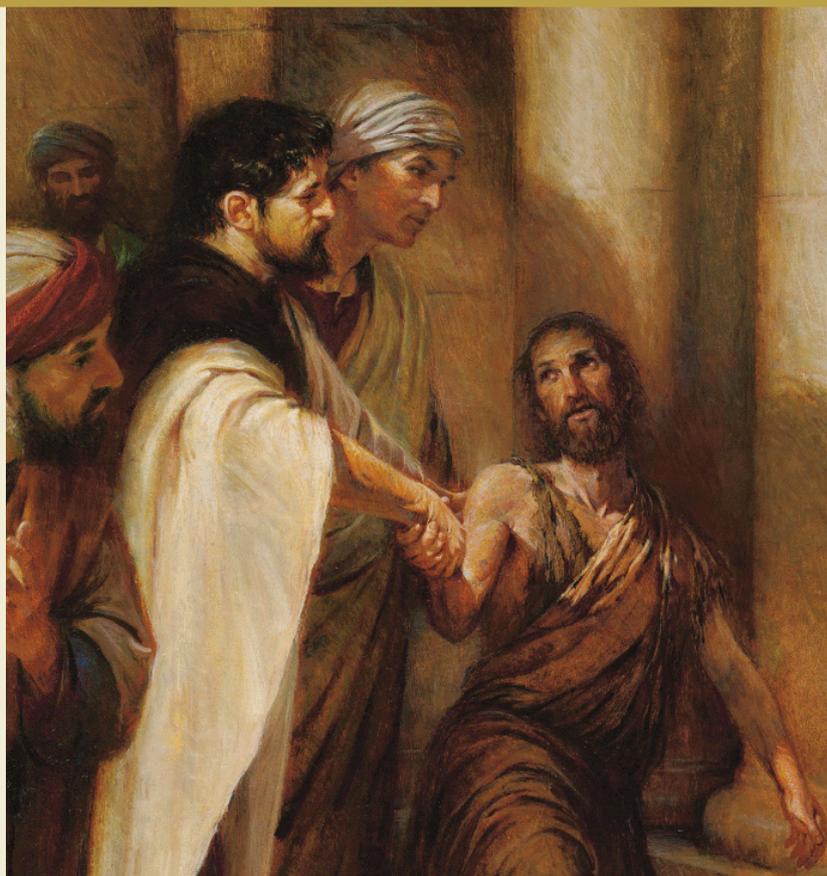
Depois de trabalharem a noite inteira, não pescaram nada. Aproximando-se da praia, provavelmente exaustos e desanimados, viram alguém ali parado que eles não reconheceram, dizendo-lhes que lançassem as redes novamente. Talvez lembrando uma ocasião anterior em que, ao obedecerem a um conselho semelhante, conseguiram uma grande pesca, fizeram como lhes fora sugerido, dessa vez sem protestar nem questionar (ver Lucas 5:1–9; João 21:3–6). Ao puxarem as redes novamente repletas de peixes, João exclamou para Pedro: “É o Senhor” (João 21:7). Ansioso demais para esperar o barco chegar até a praia, Pedro “lançou-se ao mar” para chegar logo ao Mestre (João 21:7). Quando os outros chegaram, uma refeição de pão e peixe os aguardava (ver João 21:9).

Depois da refeição, Jesus se virou para Pedro e muito provavelmente apontando para os próprios peixes que Pedro tinha decidido pescar,

perguntou a Seu apóstolo: “Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes?” (João 21:15.) Sem dúvida Pedro deve ter estranhado a pergunta. Era evidente que ele amava o Salvador mais do que amava os peixes — ou do que pescar. Talvez houvesse um toque de incredulidade em sua resposta: “Sim, Senhor; tu sabes que te amo”, ao que Cristo respondeu: “Apascenta os meus cordeiros” (João 21:15). Novamente o Salvador perguntou a Pedro, e Pedro novamente declarou seu amor a Cristo, e Cristo novamente ordenou: “Apascenta as minhas ovelhas” (João 21:16). Pedro ficou triste quando Jesus pediu pela terceira vez que o discípulo declarasse seu amor. Podemos sentir o desespero e a paixão no terceiro testemunho de Pedro: “Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que eu te amo” (João 21:17). Novamente, Jesus ordenou: “Apascenta as minhas ovelhas” (João 21:17).⁶ Se Pedro realmente amava o Senhor, então não deveria mais ser um pescador, mas, sim, um pastor, cuidando do rebanho do Mestre.⁷ As ações e o ministério de Pedro daquele momento em diante afirmam que por fim ele havia entendido seu encargo e missão de ser um servo e uma testemunha especial de Cristo.

O testemunho de Pedro

Depois daquele dia na Galileia, Pedro seguiu avante para cumprir seu encargo recebido de Cristo com extraordinária fé, coragem e rigor. Como líder dos apóstolos, prosseguiu em seu chamado de presidir a Igreja. Enquanto estava ocupado com os muitos deveres de seu ofício, Pedro não negligenciou sua responsabilidade de sempre ser uma testemunha de Cristo, inclusive para as multidões reunidas na manifestação do Espírito Santo no dia de Pentecostes (ver Atos 2:1–41), no templo, junto ao pórtico de Salomão, após uma cura milagrosa (ver Atos 3:6–7, 19–26), quando foi preso e levado perante os líderes dos judeus (ver Atos 4:1–31; ver também Atos 5:18–20), em sua pregação aos santos (ver Atos 15:6–11) e em suas epístolas.



Pedro cumpriu seu encargo recebido de Cristo com extraordinária fé, inclusive dizendo a um coxo no templo: “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda”.

Em suas epístolas, ele reflete sobre seu testemunho pessoal do sofrimento de Cristo e expressa sua esperança de ser “participante da glória que se há de revelar” (1 Pedro 5:1). Perto do fim, reconheceu destemidamente: “Brevemente hei de deixar este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo já me revelou” (2 Pedro 1:14).

Ao fazer esse solene comentário, Pedro talvez estivesse refletindo sobre as palavras que Jesus lhe dissera, muitos anos antes, nas praias da Galileia. Ali, depois de ordenar a Pedro que apascentasse Suas ovelhas, o Salvador declarou: “Quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando já fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queiras” (João 21:18). Conforme explicou João: “[Jesus] disse isso, significando com que morte havia [Pedro] de glorificar a Deus. E tendo falado isso, disse [a Pedro]: Segue-me” (João 21:19). Sem dúvida, em sua velhice, ao deparar-se com a morte, Pedro encontrou

paz e alegria em saber que tinha realmente seguido Cristo na vida e estava pronto para segui-Lo na morte.

Gostaríamos que mais atividades e escritos de Pedro tivessem sido preservados no Novo Testamento. O que foi preservado é um tesouro que nos faz amar aquele fiel pescador. O registro, pequeno como é, mostra-nos como Pedro foi cuidadosa e pessoalmente preparado por Cristo para ser uma testemunha especial Dele. Ao lermos o relato, veremos nossa fé e nosso entendimento de Cristo aumentarem com os de Pedro. Esse crescimento pode nos dar esperança e perspectiva em nossa jornada pessoal para a fé. Ao observarmos o que Cristo esperava de Pedro ficar claro para ele e depois vemos a coragem e a dedicação com que ele se esforçou para cumprir o encargo recebido do Salvador, somos levados a ponderar: “O que Cristo espera de mim?” e “Será que estou fazendo o suficiente?” Ao estudarmos o testemunho que Pedro prestou de Cristo, vemo-nos ansiosos para dar eco a suas palavras: “Nós cremos e sabemos que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (João 6:69). ■

NOTAS

1. Embora o testemunho, as experiências e os ensinamentos do apóstolo Paulo estejam mais detalhadamente relatados no Novo Testamento do que os de Pedro, Paulo não era um dos doze originais e não é mencionado nos quatro evangelhos.
2. Ver Mateus 17:1–13; 26:36–46, 58; Marcos 13:1–37; Lucas 8:49–56; 9:28–36.
3. Ver Mateus 17:24–27; 18:2–35; 19:27–20:28; Lucas 12:31–49; João 13:6–19.
4. Ver Mateus 14:31; 15:15–16; 26:33–34, 40; Marcos 8:32–33; João 18:10–11.
5. Em relação a Pedro e às frequentes repreensões que ele recebia de Cristo, o presidente Spencer W. Kimball (1895–1985) comentou: “Às vezes, Ele repreendia Pedro, porque o amava; e Pedro, por ser um grande homem,

progredia com essas reprimendas. No livro de Provérbios, existe um versículo maravilhoso do qual todos nós precisamos nos lembrar: ‘Os ouvidos que escutam a repreensão da vida farão a sua morada no meio dos sábios. O que rejeita a correção menospreza a sua alma, mas o que escuta a repreensão adquire entendimento’ (Provérbios 15:31–32). Sábio é o líder ou o seguidor que consegue aguentar a ‘repreensão da vida’. E Pedro pôde fazê-lo por saber que Jesus o amava; e, assim, Jesus pôde prepará-lo para uma posição ou responsabilidade muito alta no reino” (“Jesus: O líder perfeito”, *A Liahona*, agosto de 1983, p. 8).

6. Alguns comentam que, ao permitir que Pedro afirmasse por três vezes seu amor por Ele, Cristo estava dando a Pedro uma chance de reparar sua tripla negação naquela desesperada noite do julgamento. Ver, por exemplo, James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, 15ª ed., 1971, p. 608; Jeffrey R. Holland, “O primeiro grande mandamento”, *A Liahona*, novembro de 2012, p. 83. Para uma reflexão sobre a negação e as lições que podem ser aprendidas com ela, ver Gordon B. Hinckley, “E, [Pedro], saindo dali, chorou amargamente”, *A Liahona*, outubro de 1979, p. 104; Neal A. Maxwell, “O irmão ofendido”, *A Liahona*, julho de 1982, p. 63. Outros comentaristas, notando as sutis diferenças no texto grego, sugerem que as três perguntas foram feitas cada uma delas para ensinar a Pedro diferentes aspectos e deveres de seu chamado. Consequentemente, o Salvador perguntou duas vezes a Pedro “amas-me?” usando a palavra grega *agapao*, que significa um tipo social ou moral de amor, geralmente considerado um amor divino ou incondicional, traduzido em outros lugares como “caridade” (por exemplo, 1 Coríntios 13:1–4; 2 Pedro 1:7; Apocalipse 2:19). Na terceira vez em que Jesus perguntou a Pedro “amas-me?”, Ele usou o termo *phileo*, que significa amizade, afeto ou amor fraternal. É interessante notar que, em resposta a cada uma das três perguntas, Pedro afirmou seu amor usando *phileo*. Para a primeira afirmação do amor de Pedro, Cristo ordenou a ele que “apascentasse”, do grego *bosko*, que significa pastar, alimentar ou nutrir, Seus “cordeiros”, do grego *arnion*, que significa uma ovelha jovem ou filhote. Para a segunda afirmação do amor de Pedro, Cristo lhe ordenou que “apascentasse”, do grego *poimaino*, que significa cuidar ou pastorear, Suas “ovelhas”, do grego *probaton*, que significa uma ovelha adulta. Em resposta à terceira afirmação do amor de Pedro por Cristo, ele deveria *bosko* Suas *probaton*. Assim, ao fazer a pergunta três vezes e de três maneiras, o Salvador perguntou ao discípulo se ele tinha caridade e amor fraternal por Ele; e, em Seus mandamentos subsequentes, o Salvador ensinou a Pedro que ele não apenas deveria nutrir, mas também pastorear tanto os jovens quanto os idosos de Seu rebanho.
7. Para mais reflexões sobre esse acontecimento e os princípios que podem ser aprendidos com ele, ver Robert D. Hales, “Quando te converteres, confirma teus irmãos”, *A Liahona*, julho de 1997, p. 91.

Pedro encontrou paz e alegria em saber que tinha realmente seguido Cristo na vida e estava pronto para segui-Lo na morte.







Élder D. Todd Christofferson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Liberdade religiosa: A pedra fundamental da paz

Que busquemos a paz por meio do trabalho conjunto para preservar e proteger a liberdade de todas as pessoas seguirem e manifestarem uma religião ou crença de sua escolha.

O élder Christofferson fez este discurso durante a conferência inter-religiosa realizada em São Paulo, Brasil, no dia 29 de abril de 2015.

Agradeço imensamente o convite de estar com vocês esta noite, neste encontro inter-religioso, que congrega muçulmanos, sikhs, católicos, adventistas, judeus, evangélicos, mórmons, espíritas e pessoas que não professam religião alguma, além de muitos outros, lado a lado com líderes governamentais e empresariais para debater e celebrar a liberdade religiosa. Sem dúvida, o simples fato de nos reunirmos neste contexto singular é um forte símbolo por si só.

Estou particularmente satisfeito por estar no Brasil, um país rico em diversidade cultural e populacional. Por abraçar sua diversidade, inclusive religiosa, o Brasil tem prosperado e continuará a prosperar. Recentemente o Brasil foi reconhecido como o país com as mais baixas restrições governamentais à religião.¹ Felicito o Brasil por essa significativa honraria. O Brasil tem agora a responsabilidade de liderar um movimento mundial para promover essa liberdade. Como Jesus Cristo afirmou no Novo Testamento:

“Vós sois a luz do mundo; Não se pode esconder uma cidade [ou neste caso, uma nação] edificada sobre um monte (...).

Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:14, 16).

Estimados colegas, o mundo precisa que a luz do Brasil brilhe longa e intensamente. Nesta noite celebramos o que essa visão pode se tornar.

Histórico e princípios básicos

A liberdade religiosa é a pedra fundamental da paz em um mundo onde muitas filosofias competem entre si. Ela nos dá todo o espaço para determinar por nós mesmos o que pensamos e no que acreditamos — para seguirmos a verdade que Deus nos fala ao coração. Ela permite a coexistência de diversas crenças, protege os vulneráveis e nos ajuda a negociar conflitos. Por essa razão, o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos sabiamente concluiu, em diversos casos, que a liberdade religiosa é vital para os que têm fé, “mas também é um bem precioso para ateus, agnósticos, céticos e para os que não se envolvem com o tema”. Isso se dá porque “o pluralismo indissociável de uma sociedade democrática, conquistado com grande sacrifício ao longo dos séculos, depende dela”.²

Uma liberdade robusta não é simplesmente aquilo a que os filósofos políticos se referem como uma liberdade “negativa” sem controle, por mais importante que seja. Em vez disso, é uma liberdade “positiva”, muito mais rica — a liberdade de viver sua própria religião ou crença em um ambiente jurídico, político e social que seja tolerante, respeitoso e que acomode as diversas crenças.

Usamos nossa liberdade de religião e crença para estabelecer nossas convicções básicas, sem as quais todos os outros direitos humanos não teriam significado. Como podemos reivindicar a liberdade de expressão sem sermos capazes de dizer em que realmente acreditamos? Como podemos reivindicar a liberdade de reunião sem que possamos nos reunir com outras pessoas que compartilham nossos ideais? Como desfrutar da liberdade de imprensa sem que possamos imprimir ou divulgar publicamente quem realmente somos?

A boa notícia é que tem havido um avanço notável na propagação da liberdade religiosa. Tenho observado esse avanço ao longo de minha própria vida. Apenas como exemplo, em 1948, quando eu tinha 3 anos de idade, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Declaração

Universal dos Direitos Humanos, que declara que “toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”.³

Quando eu tinha 21 anos, foi negociado um tratado para tornar vinculante a declaração das Nações Unidas. Esse tratado — conhecido como Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos — fortaleceu a ideia de que cada pessoa deve ter “a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em grupo, tanto em público quanto em ambiente privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos”.⁴ O tratado entrou em vigor dez anos depois, em 1976.

Em janeiro de 2017, 169 países haviam assinado o tratado — praticamente todos os países desenvolvidos do mundo.⁵ A Convenção Americana de Direitos Humanos (Pacto de San José, Costa Rica), adotada em 1969 e em vigor desde 1978, protege a liberdade religiosa usando uma linguagem quase idêntica.⁶

Fortes razões alicerçam o avanço obtido e devem nos motivar a seguir adiante. A liberdade religiosa se correlaciona fortemente com uma série de benefícios econômicos, cívicos e de saúde pública.⁷ De modo geral, as pessoas religiosas têm melhor vida familiar, casamentos mais sólidos, menos incidência de uso de drogas e de outros crimes, apresentam maior nível de escolaridade, maior disponibilidade para serem voluntários e fazer doações a instituições de caridade, demonstram melhores hábitos de trabalho, vivem mais, desfrutam de melhor saúde, têm renda mais alta, assim como níveis mais elevados de bem-estar e de felicidade.⁸ A liberdade de religião e a prática da religião claramente fortalecem a sociedade.

A necessidade de vigilância e cooperação

Infelizmente, os amparos concebidos à liberdade de religião e crença tendem a ser fracos e sofrem violações e ataques. Forças poderosas procuram restringir a liberdade religiosa ainda em seu crescimento — até mesmo em países que historicamente a protegeram com mais vigor. Tais pressões têm prevalecido ou ganhado terreno em muitos países. Vastas áreas do mundo achariam impensável uma celebração como a que desfrutamos aqui no Brasil.



É notável que, em 2013, cerca de 5,5 bilhões de pessoas — 77 por cento da população mundial — viviam em países com níveis altos ou muito altos de restrições à liberdade religiosa, comparados aos 68 por cento de apenas seis anos antes.⁹

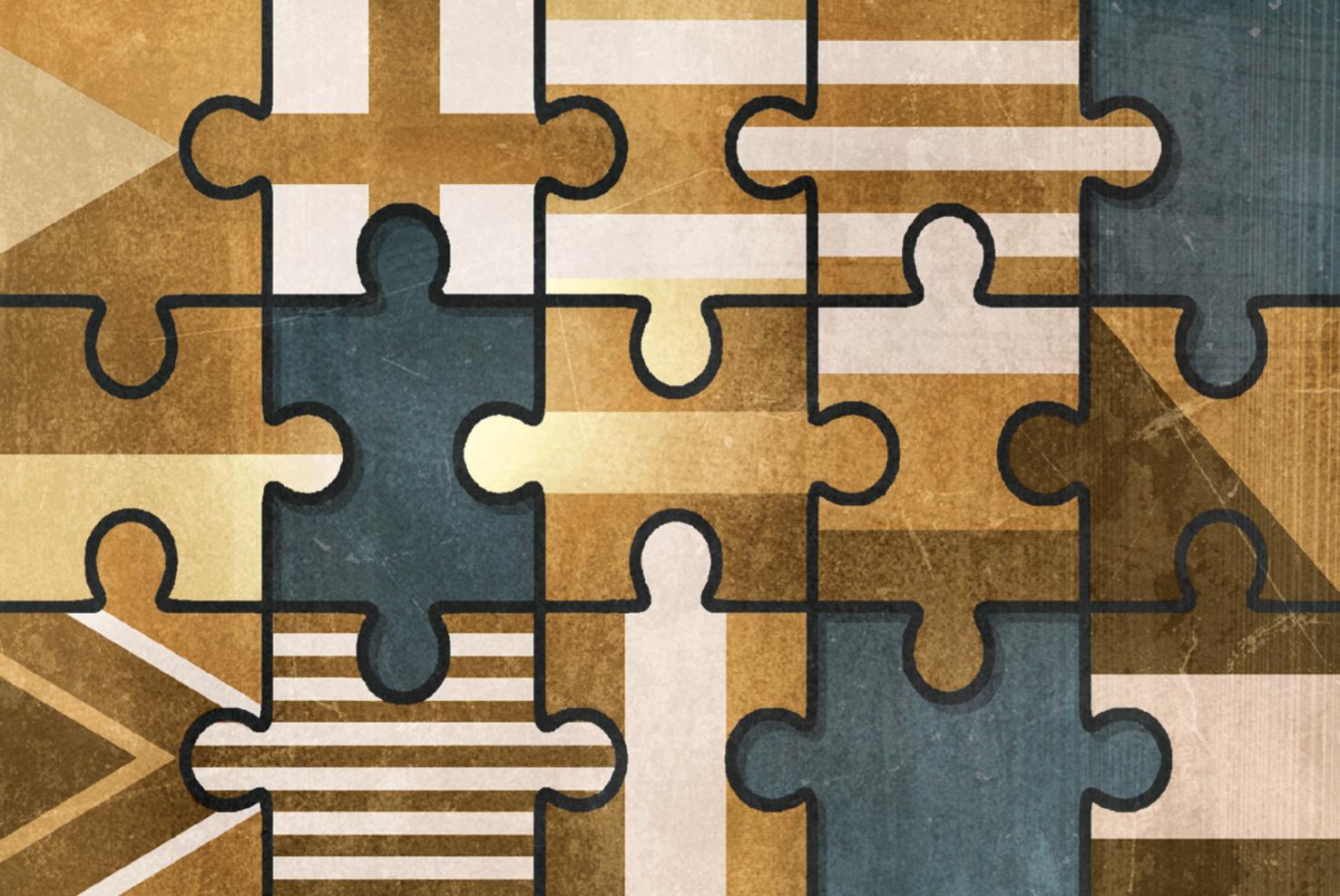
Praticamente todas as democracias ocidentais alegam acreditar no princípio da liberdade religiosa. É na aplicação do princípio que surge a controvérsia. As ameaças a essa liberdade surgem quando pessoas e instituições religiosas procuram dizer ou fazer algo — ou se recusam a dizer ou fazer algo — que seja contrário à filosofia ou aos objetivos dos detentores do poder, inclusive das maiorias políticas. A religião, em geral, é uma contracultura e, portanto, impopular. Por isso, a liberdade religiosa, ainda que no geral seja apoiada como princípio, na prática recebe vigorosa oposição.

Na Europa e América do Norte, têm surgido controvérsias sobre a questão de as igrejas poderem decidir quem contratar

(ou não contratar) como ministros, se as pessoas podem usar roupas ou símbolos religiosos no trabalho ou na escola, se os empregadores devem pagar por métodos contraceptivos ou abortos para seus empregados, se as pessoas podem ser compelidas a executarem serviços que ofendam suas crenças, se o reconhecimento profissional ou acadêmico pode ser negado ou revogado em razão de padrões ou crenças morais, se organizações estudantis religiosas podem ser obrigadas a aceitar alunos com crenças distintas.

O Brasil, com sua diversidade religiosa, também enfrenta situações semelhantes, tais como as polêmicas relativas à abertura do comércio aos domingos, ao uso de roupas religiosas ou à proteção dada às tradições afro-brasileiras. Felizmente, muitas têm sido resolvidas a favor da liberdade religiosa. A pronta e adequada resolução dessas questões que envolvem o livre exercício das crenças religiosas será de valor inestimável

Em 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que declarava: “Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”. Quando eu tinha 21 anos, foi negociado um tratado para tornar vinculante a declaração das Nações Unidas. Desde janeiro de 2017, 169 países assinaram o tratado.



A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem a felicidade de permanecer ao seu lado nesse esforço vital. Embora estejamos otimistas quanto a fazermos a diferença nos nossos esforços coletivos, nenhum de nós pode vencer essa luta sozinho.

para o respeito que o Brasil já demonstra para com a sua diversidade. Ao permitir que as pessoas e as organizações religiosas vivam sua fé de forma pública e sem recriminação, o Brasil continuará a ser um exemplo luminoso de esperança para a liberdade religiosa no mundo.

Encorajo-os a agarrar-se às liberdades estabelecidas em sua nação e liderar corajosamente a promoção da liberdade religiosa no cenário mundial. A necessidade de proteger e preservar a liberdade religiosa — de forma justa e equilibrada e que também proteja os direitos fundamentais dos outros — é premente.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem a felicidade de permanecer ao seu lado nesse esforço vital. Embora estejamos otimistas quanto a fazermos a diferença nos nossos esforços coletivos, nenhum de nós pode vencer essa luta sozinho. Faço minhas as palavras que meu colega, élder Dallin H. Oaks, do Quórum dos Doze

Apóstolos, declarou recentemente em um fórum semelhante a este:

“É imperativo que aqueles entre nós que acreditam em Deus e na realidade do certo e do errado se unam com mais eficácia para proteger nossas liberdades religiosas de pregar e praticar a nossa fé em Deus e os princípios do certo e do errado que Ele estabeleceu. (...) Tudo o que é necessário para termos unidade e uma ampla coalizão em relação ao que proponho é uma crença comum de que existe certo e errado no comportamento humano e que isso foi estabelecido por um Ser Supremo. Todos os que creem nesse [princípio] fundamental devem se unir de modo mais eficaz para preservar e fortalecer a liberdade de advogar e praticar nossas crenças religiosas, sejam elas quais forem. Devemos percorrer juntos os caminhos que levam a garantir nossa liberdade de buscar nossos caminhos diferentes quando tal for necessário de acordo com nossa crença”.¹⁰

Nossa tarefa será difícil e exigirá vigilância constante, mas é de extrema importância.

Encerro com uma passagem de Doutrina e Convênios. Essa passagem foi revelada em 1835, numa época em que, a despeito da proteção constitucional, meus antepassados estavam sendo expulsos de seus lares por terem abraçado o que para outros pareciam crenças novas e diferentes. Portanto, este é um lembrete solene para a nossa época, especialmente quando muitas das restrições atuais à liberdade religiosa vêm também de países que adotam o princípio, mas por vezes deixam de aplicá-lo.

Nossa escritura diz: “Nenhum governo pode existir em paz a não ser que tais leis sejam feitas e mantidas invioladas, de modo a garantir a todo indivíduo o livre exercício de consciência”. O governo pode “reprimir o crime, mas jamais controlar consciências”; ele “deve castigar delitos, mas nunca suprimir a liberdade da alma” (D&C 134:2, 4).

Que busquemos a paz por meio do trabalho conjunto para preservar e proteger a liberdade de todas as pessoas seguirem e manifestarem uma religião ou crença de sua escolha, seja individualmente ou em comunidade, em seu país ou longe dele, em público ou privado, e na adoração, na observância, na prática ou no ensino. ■

Para o discurso completo, acesse mormonnewsroom.org.

NOTAS

1. Ver “Brazil Has Lowest Government Restrictions on Religion among 25 Most Populous Countries”, 22 de julho de 2013, theweeklynumber.com/weekly-number-blog; “Restrictions and Hostilities in the Most Populous Countries”, 26 de fevereiro de 2015, pewforum.org.
2. Kokkinakis v. Greece, 3/1992/348/421 (25 de maio de 1993), para. 31; Nolan e K. v. Russia, 2512/04 (12 de fevereiro de 2009), para. 61; ver também Serif v. Greece, 38178/97 (14 de dezembro de 1999), para. 49; European Convention on Human Rights, Article 9.
3. Nações Unidas, Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 18, 10 de dezembro de 1948, un.org/en/documents/udhr.
4. Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, Artigo 18, 16 de dezembro de 1966, ohchr.org/EN/ProfessionalInterest/Pages/CCPR.aspx.
5. Ver Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos; ver também W. Cole Durham Jr., Matthew K. Richards e Donlu D. Thayer, “The Status of and Threats to International Law on Freedom of Religion or Belief”, em Allen D. Hertzke, ed., *The Future of Religious Freedom: Global Challenges*, 2013, pp. 31–66.
6. Ver Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de San José, Costa Rica), 22 de novembro de 1969 (Conferência Especializada Interamericana de Direitos Humanos), oas.org; ver também Juan G. Navarro Floria e Octavio Lo Prete, “Proselitismo y Libertad Religiosa: Una Visión desde América Latina”, em *Anuario de Derecho Eclesiástico del Estado*, n° 27, 2011, pp. 59–96.
7. Ver Brian J. Grim, Greg Clark e Robert Edward Snyder, “Is Religious Freedom Good for Business?: A Conceptual and Empirical Analysis”, *Interdisciplinary Journal of Research on Religion*, vol. 10, 2014, pp. 4–6; Paul A. Marshall, “The Range of Religious Freedom”, em Paul A. Marshall, ed., *Religious Freedom in the World*, 2008, pp. 1–11.
8. Ver Patrick F. Fagan, “Why Religion Matters Even More: The Impact of Religious Practice on Social Stability”, *Backgrounders*, n° 1992 (18 de dezembro de 2006), pp. 1–19; Robert D. Putnam e David E. Campbell, *American Grace: How Religion Divides and Unites Us*, 2010, pp. 443–492.
9. Ver “Latest Trends in Religious Restrictions and Hostilities”, 26 de fevereiro de 2015, pewforum.org.
10. Dallin H. Oaks, “Preserving Religious Freedom”, discurso, Faculdade de Direito da Universidade Chapman, 4 de fevereiro de 2011, mormonnewsroom.org.

IDEIAS PARA A NOITE FAMILIAR

Converse sobre a importância da liberdade religiosa com a família, inclusive como os cidadãos de seu país conquistaram essa liberdade. Que acontecimentos conduziram à liberdade religiosa em seu país? Isso pode incluir leis, protestos e até guerra. Você pode criar um jogo de perguntas e respostas para ajudar a família a aprender sobre esse assunto de modo mais envolvente. Além disso, é possível debater as perguntas a seguir: Como a liberdade religiosa é uma bênção em nossa vida? Como nossa vida seria diferente se não fôssemos livres para praticar nossa religião? Como podemos ajudar a promover a liberdade religiosa para nós e para os outros?





**Élder
Steven E. Snow**
Setenta autoridade
geral e historiador
e registrador
da Igreja

Santos:

A HISTÓRIA DA IGREJA DE JESUS CRISTO NOS ÚLTIMOS DIAS

Em 1861, o presidente Brigham Young (1801–1877) pediu aos historiadores da Igreja que mudassem sua abordagem. “Escrevam no estilo narrativa”, ele aconselhou e “escrevam somente cerca de dez por cento”.¹

A história nas páginas a seguir segue esse conselho. É com satisfação que apresento a nova série de quatro volumes intitulada *Santos: História da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias*. O capítulo 1 está nesta edição e os capítulos subsequentes serão publicados nesta revista nos próximos meses. O primeiro volume estará disponível ainda este ano e os outros virão na sequência.

A série *Santos* foi preparada em obediência ao mandamento do Senhor de “continuamente fazer o registro e escrever a história da igreja” (D&C 47:3). Diferente de outras histórias da Igreja, esse é um relato em narrativa redigido num estilo envolvente que será acessível a jovens e adultos.

Santos, contudo, não é ficção histórica. É uma história real com base nos registros de pessoas do passado. Cada detalhe e cada linha de diálogo tem fontes históricas como suporte. Notas ao final de cada capítulo se referem aos registros e às fontes adicionais. Quem desejar ler os registros, entender melhor os tópicos relacionados e descobrir mais histórias, encontrará links nas páginas finais dos livros e online em santos.LDS.org.

A valiosa história da Restauração

Esses livros não são escrituras, mas, como as escrituras, incluem tanto a verdade divina quanto histórias de pessoas imperfeitas tentando se santificar por meio da Expiação de Jesus Cristo (ver Mosias 3:19).

Em conjunto, os quatro volumes contam a história da Igreja do Senhor em seus esforços para cumprir sua

Esta gravura de Nauvoo estará na capa de Santos, volume 1.



responsabilidade de aperfeiçoar os santos (ver Efésios 4:11–13).

A série Santos tem um formato, um estilo e um público-alvo bem diferentes daqueles das duas coletâneas de histórias da Igreja publicadas no passado. A primeira história começou com Joseph Smith na década de 1830 e foi publicada a partir de 1842.² A segunda foi publicada em 1930 pelo historiador assistente da Igreja, B. H. Roberts.³ O alcance mundial do evangelho restaurado desde aquela época e o mandamento do Senhor de continuamente escrever a história “para o bem da igreja e para as gerações vindouras” (D&C 69:8) mostram que é hora de incluir mais santos dos últimos dias na história.

Santos conta as histórias de homens e mulheres comuns desde o início da Igreja até agora. Também fornece novos detalhes e nova compreensão das pessoas e dos acontecimentos mais conhecidos da história da Igreja. Cada história vai ajudá-lo a entender e apreciar os santos que vieram antes de você para fazer da Igreja o que ela é atualmente. Como você, eles tiveram desafios e sucessos e se sacrificaram para estabelecer Sião. Entrelaçadas, as histórias deles — e as suas — criam a valiosa história da Restauração.

Nosso passado sagrado

Os registradores do Livro de Mórmon usaram placas maiores e menores. Nas placas maiores, registraram a

história política e militar. Usaram as placas menores para “as coisas de Deus” que eram “muito preciosas”, inclusive “prédicas sagradas ou grandes revelações ou profecias” (1 Néfi 6:3; Jacó 1:2, 4). As placas menores foram registradas “por amor a Cristo e para o bem de nosso povo” (Jacó 1:4). *Santos* objetiva ser a história das “placas menores”, aquela que trata de nosso passado sagrado. Assim, inclui somente um pequeno exemplo de todas as histórias que poderiam ser contadas para mostrar como o Senhor atua na vida dos santos dos últimos dias.

Santos não trata somente de pessoas imperfeitas no passado que se tornaram melhores com a ajuda do Senhor. Também é *para* as pessoas imperfeitas atuais que querem sempre se lembrar Dele. Vai ajudá-lo a se lembrar de como o Salvador tem sido misericordioso com Seu povo, como transformou pessoas fracas em fortes e como os santos em todo o mundo se uniram para levar adiante o trabalho de Deus. ■

NOTAS

1. Brigham Young, em Wilford Woodruff, diário, 20 de outubro de 1861, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
2. Ver *History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints [História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias]*, ed. B. H. Roberts, 1902–1912, vols. 1–6; 1932, vol. 7.
3. Ver B. H. Roberts, *A Comprehensive History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints: Century I [História Completa de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: Século 1]*, 6 vols., 1930.

EM QUAIS FORMATOS SANTOS ESTARÁ DISPONÍVEL?

Os quatro volumes serão publicados em 14 idiomas no formato livro, online no site santos.LDS.org e no aplicativo Biblioteca do Evangelho. Também estarão disponíveis nos formatos de livro eletrônico [e-book] e audiolivro em alguns idiomas.

QUAL SERÁ O CONTEÚDO DE CADA VOLUME?

- O volume 1 — disponível ainda este ano — conta a história da Restauração desde a infância de Joseph Smith até quando os santos receberam as ordenanças no Templo de Nauvoo, em 1846.

- O volume 2 relatará os desafios enfrentados pelos santos na coligação para o oeste dos Estados Unidos e terminará com a dedicação do Templo de Salt Lake em 1893.
- O volume 3 vai narrar o crescimento global da Igreja, terminando com a dedicação do Templo de Berna, na Suíça, em 1955.
- O volume 4 trará ao leitor o passado recente, quando os templos se espalharam por toda a Terra.

Material adicional mais denso dos tópicos selecionados será publicado online para dar suporte a cada volume.





Capítulo 1

Pedir com fé

Este é o capítulo 1 de uma nova narrativa histórica de quatro volumes intitulada Santos: A História da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias. O livro estará disponível em 14 idiomas na versão impressa, na seção História da Igreja do aplicativo Biblioteca do Evangelho e em santos.LDS.org. Os próximos capítulos serão publicados em edições posteriores até que o volume 1 seja lançado ainda este ano. Esses capítulos estarão disponíveis em 47 idiomas no aplicativo Biblioteca do Evangelho e em santos.LDS.org.

Em 1815, a ilha indonésia de Sumbawa estava esplêndida, com seus campos cobertos de verdes plantações devido às chuvas recentes. As famílias locais estavam se preparando para a estação seca que logo chegaria, como faziam todos os anos havia gerações, cultivando arrozais na base de um vulcão adormecido chamado Tambora.

Inesperadamente, porém, no dia 5 de abril daquele ano, o vulcão acordou rugindo depois de décadas de inatividade, expelindo cinzas e lava. A centenas de quilômetros dali, testemunhas ouviram um estrondo, que parecia ser um tiro de canhão. Pequenas erupções continuaram a ocorrer nos dias seguintes até que, na noite de 10 de abril, a montanha finalmente explodiu. Três jatos de fogo ardente subiram em direção ao céu, fundindo-se em uma imensa explosão brilhante. A lava incandescente fluiu montanha abaixo, atingindo a vila que ficava no sopé enquanto fortes ventanias assolaram a região, arrancando árvores e destruindo casas.¹

O caos continuou durante as duas noites seguintes, com as cinzas espalhando-se por um raio de quilômetros, tanto na terra quanto no mar, acumulando-se por mais de meio metro de altura em alguns pontos. O dia se tornou noite, e o mar agitado invadiu o litoral, arruinando as plantações e inundando as vilas costeiras, enquanto o

Tambora expelia cinzas, pedras e lava de maneira constante pelas próximas semanas.²

Nos meses seguintes, os efeitos da erupção foram sentidos em todo o globo. Ainda que espetaculares pores do sol impressionassem observadores no mundo todo, as cores vibrantes escondiam os efeitos mortais da cinza do vulcão, que se espalhou pela Terra e tornou o clima imprevisível e devastador no ano seguinte.³

Na Índia, por exemplo, a erupção fez com que a temperatura caísse e a cólera se propagasse, matando milhares e destruindo famílias. Nos férteis vales chineses, o costumeiro clima ameno de verão foi substituído por nevascas e chuvas copiosas que destruíram as colheitas. Na Europa, a escassez de alimentos e provisões levou à fome e ao pânico.⁴

Em todo lugar, as pessoas procuravam explicações para o sofrimento e a morte causados pelo estranho clima. Na Índia, homens santos ofereciam orações e cânticos nos templos hindus. Na China os poetas debatiam sobre dores e perdas. Na França e na Grã-Bretanha, os cidadãos se ajoelhavam em oração, receosos de que as terríveis calamidades preditas na Bíblia estivessem caindo sobre eles. Na América do Norte, os ministros pregavam que Deus estava punindo os cristãos desobedientes, advertindo o povo repetidamente a fim de fomentar o fervor religioso.

Por toda aquela nação, as pessoas se congregavam nas igrejas e nas reuniões de reavivamento religioso, ansiosas para saber como poderiam ser salvas da destruição iminente.⁵

A erupção do Tambora continuou a afetar o clima na América do Norte durante o ano seguinte, com o fim da

primavera trazendo neve e geadas mortais, tanto que 1816 entrou para a história como o ano sem verão.⁶ Aquele revés foi mais uma causa de frustração para um fazendeiro chamado Joseph Smith Sr., de Vermont, no nordeste dos Estados Unidos, que já vinha sofrendo havia anos por causa do solo rochoso da região. Entretanto, naquele ano, ele e a esposa, Lucy Mack Smith, ao observarem suas lavouras perecerem sob as repetidas geadas, souberam que enfrentariam a ruína financeira e um futuro incerto se ficassem onde estavam.

Aos 45 anos, Joseph Sr. já não tinha o mesmo vigor da juventude, e a perspectiva de recomeçar em novas terras era assustadora. Ele sabia que os filhos mais velhos, Alvin, de 18 anos, e Hyrum, de 16, poderiam ajudá-lo a limpar a terra, construir uma casa, plantar e colher. A filha Sophronia, de 13 anos, já podia ajudar Lucy com o trabalho na casa e na fazenda. Os filhos mais novos, Samuel, de 8 anos, e William, de 5 anos, estavam começando a ajudar mais, enquanto Katherine, de 3 anos, e Don Carlos, recém-nascido, ainda não podiam ajudar.

O filho do meio, Joseph Jr., de 10 anos, era um caso à parte, pois quatro anos antes tinha sido submetido a uma operação para remover uma infecção na perna e, depois daquela época, andava com a ajuda de uma muleta. Embora estivesse começando a recuperar a força na perna, ele mancava com dor, tanto que seu pai achava que ele não cresceria muito nem seria tão forte quanto Alvin e Hyrum.⁷

Com a certeza de que poderiam contar uns com os outros, a família Smith decidiu abandonar sua casa em Vermont a fim de se estabelecer em uma terra melhor.⁸ Assim como muitos de seus vizinhos, Joseph Sr. decidiu viajar para o sudeste do Estado de Nova York, onde esperava comprar uma boa fazenda a crédito, e depois mandaria uma mensagem a Lucy e aos filhos para que a família pudesse se reunir novamente e começar tudo de novo.

Quando Joseph Sr. partiu para Nova York, Alvin e Hyrum o acompanharam por um trecho da estrada antes de dizer adeus. Joseph Sr. amava a esposa e os filhos, mas não conseguira lhes proporcionar muita estabilidade na vida, pois a má sorte e alguns investimentos arriscados tinham impedido a família de prosperar e de adquirir uma casa própria. No entanto, a esperança era de que, em Nova York, as coisas seriam diferentes.⁹

Quando chegou o inverno, Joseph Sr. havia encontrado terras boas e mandou uma mensagem para sua família. Foi assim que Joseph Jr. atravessou a neve com dificuldade, junto de sua mãe, seus irmãos e suas irmãs em direção a uma vila chamada Palmyra, perto de onde seu pai os aguardava.

Visto que o marido não poderia ajudar com a mudança, Lucy contratou um homem chamado Howard para conduzir o carroção da família. O homem, no entanto, não só foi descuidado com as bagagens e pertences da família como também gastou seu pagamento com jogos e bebidas. Posteriormente, ao se juntarem a outra família que também viajava para o oeste, Howard expulsou Joseph do carroção para que as filhas da outra família sentassem ao seu lado enquanto ele conduzia os cavalos.

Sabendo o quanto era doloroso para Joseph andar, Alvin e Hyrum confrontaram Howard algumas vezes, mas, sempre que assim faziam, ele batia nos dois com a alça de seu chicote.¹⁰

Se fosse mais forte, Joseph provavelmente também teria

tentado confrontar Howard. Apesar de a perna machucada o impedir de trabalhar e de brincar, sua forte determinação compensava a fraqueza física. Antes que os médicos fizessem um corte em sua perna para raspar pedaços do osso infectado, eles queriam amarrá-lo e dar conhaque para sedá-lo. Mas Joseph pediu apenas que seu pai o segurasse.

Ele ficou acordado e alerta o tempo todo, com o rosto pálido e pingando de suor. A mãe, que era normalmente muito forte, quase desmaiou quando ouviu seus gritos, mas, depois de tudo o que passou,

sentiu-se como se fosse capaz de suportar qualquer coisa.¹¹

Enquanto mancava ao lado da carroça, Joseph podia ver que sua mãe já não aguentava mais Howard. Eles já tinham viajado mais de 300 quilômetros e, até aquele momento, ela tinha sido excepcionalmente paciente com o mau comportamento do condutor.

Foi então que, a cerca de 160 quilômetros de Palmyra, Lucy estava se preparando para outro dia de viagem quando Alvin veio correndo em sua direção, dizendo que Howard jogara os pertences e a bagagem deles na rua, e que estava prestes a ir embora, levando os cavalos e o carroção consigo.

Lucy procurou o homem e o encontrou em um bar. Então ela declarou: “Certamente, como há um Deus no céu, aquele carroção, os cavalos e os bens que os acompanham são meus”.



Quando Joseph tinha 12 anos de idade, debates religiosos agitavam a zona rural onde morava. Ele ouvia os pregadores, na esperança de aprender mais sobre sua alma imortal, mas os sermões deles não raro o deixavam confuso.





Este centro de visitantes em Sharon, Vermont, marca o local onde Joseph Smith nasceu em 23 de dezembro de 1805. O obelisco de pedra ao fundo tem a altura de 38 pés e meio (11,7 metros) a partir da base, um pé para cada ano de sua vida.

Ela então olhou ao seu redor e viu que o estabelecimento estava lotado de homens e mulheres, a maioria viajantes como ela. “Este homem”, disse ela, encarando-o, “está determinado a tirar de mim todos os recursos que possuo para prosseguir viagem, deixando-me totalmente desamparada e com oito crianças pequenas”.

Howard disse que já havia gastado o dinheiro que lhe fora pago para conduzir o carroção e que não poderia ir adiante.

“Você não tem mais nenhuma utilidade para mim”, respondeu Lucy. “Eu mesma me encarregarei dos cavalos.”

Ela deixou Howard no bar e prometeu levar seus filhos ao encontro do pai, custasse o que custasse.¹²

A estrada à frente estava lamacenta e fria, mas Lucy Smith conduziu sua família em segurança até Palmyra, onde pôde ver as crianças abraçarem o pai e beijar-lhe o rosto, sentindo-se recompensada por tudo o que tinham sofrido para chegar ao seu destino.

A família alugou uma pequena casa na cidade e conversou sobre como fariam para obter sua própria fazenda.¹³ Eles decidiram que o melhor seria trabalhar e juntar dinheiro suficiente para dar de entrada nas terras ocupadas por uma floresta das redondezas. Para ganhar dinheiro e sustentar a família, Joseph Sr. e os filhos mais velhos trabalhavam cavando poços, cortando madeira para construir cercas e colhendo feno, enquanto Lucy e as filhas produziam e vendiam tortas, toalhas decoradas e *root beer*, uma bebida feita à base de raízes, ervas e especiarias.¹⁴

Quando Joseph Jr. cresceu, sua perna se fortaleceu a ponto de ele conseguir caminhar facilmente em Palmyra. Na cidade, ele teve contato com pessoas de toda a região; muitas delas estavam procurando uma religião para satisfazer seus anseios espirituais e explicar as dificuldades da vida. Joseph e sua família não pertenciam a uma igreja, mas muitos de seus vizinhos adoravam em uma das grandes capelas presbiterianas, no local de culto dos batistas, no salão dos quakers ou no acampamento onde os pastores metodistas itinerantes realizavam reuniões ocasionais de reavivamento religioso.¹⁵

Quando Joseph tinha 12 anos, os debates religiosos se disseminaram por toda a região e, apesar de não ler muito, ele gostava de pensar profundamente sobre as ideias que ele ouvia dos pregadores, na esperança de aprender mais sobre sua alma imortal; mas os sermões deles não raro o deixavam confuso. Eles disseram a Joseph que ele era um pecador, em um mundo pecaminoso, desamparado sem a graça salvadora de Jesus Cristo. Embora acreditasse naquelas mensagens e se sentisse mal por seus pecados, Joseph não sabia muito bem como receber o perdão.¹⁶

Ele achava que ir à igreja poderia ajudá-lo, mas não conseguia decidir a qual delas deveria ir para adorar, já que as diferentes denominações discutiam profusamente sobre como as pessoas poderiam ficar livres do pecado. Depois de ouvir os diversos argumentos por algum tempo, Joseph ficou angustiado ao ver que as pessoas liam a mesma Bíblia, mas chegavam a conclusões diferentes sobre seu

significado. Ele acreditava que a verdade de Deus existia, mas não sabia como encontrá-la.¹⁷

Seus pais também não sabiam ao certo apesar de virem de famílias cristãs e acreditarem na Bíblia e em Jesus Cristo. Lucy ia com mais frequência às reuniões da igreja e normalmente levava os filhos com ela, pois, desde a morte de sua irmã, muitos anos antes, ela procurava encontrar a verdadeira igreja de Jesus Cristo.

Certa vez, antes de Joseph nascer, ela ficou gravemente enferma e teve medo de morrer antes de encontrar a verdade. Ela sentiu um abismo escuro e solitário entre ela e o Salvador, pois sabia que não estava preparada para a próxima vida.

Durante toda aquela noite, ela ficou acordada orando a Deus, prometendo-Lhe que, se Ele a deixasse viver, ela encontraria a igreja de Jesus Cristo. Enquanto orava, ouviu a voz do Senhor garantindo que ela a encontraria se a procurasse. Depois dessa experiência, ela frequentara muitas igrejas, mas ainda não encontrara a igreja certa. Mesmo quando sentia que talvez a igreja do Salvador não estivesse mais na Terra, ela continuava procurando, confiante de que ir à igreja era melhor do que não ir.¹⁸

Como sua esposa, Joseph Sr. sentia o desejo de encontrar a verdade. No entanto, ele sentia que não pertencer a uma

igreja era melhor do que pertencer à igreja errada. Seguindo os conselhos de seu pai, Joseph Sr. examinava as escrituras, orava fervorosamente e acreditava que Jesus Cristo tinha vindo para salvar o mundo.¹⁹ Mas não conseguia harmonizar o que sentia ser verdadeiro com a confusão e a discórdia que via nas igrejas ao seu redor. Certa vez, sonhou que pastores rivais eram como gado, berrando enquanto cavavam a terra com seus chifres, o que aprofundou sua preocupação de que eles pouco sabiam sobre o reino de Deus.²⁰

Joseph Jr. ficava cada vez mais confuso ao ver a insatisfação de seus pais com as igrejas locais.²¹ Sua alma estava correndo perigo, mas ninguém podia lhe dar respostas satisfatórias.

Depois de passar mais de um ano economizando dinheiro, a família Smith juntou o suficiente para comprar 40 hectares de floresta em Manchester, ao sul de Palmyra. Lá, quando não estavam trabalhando para outras pessoas, eles coletavam a seiva açucarada das árvores de bordo, cultivavam um pomar e limpavam os campos para o plantio.²²

Enquanto trabalhava para ajudar a estabelecer a fazenda da família, Joseph continuava preocupado com sua alma. O reavivamento religioso em Palmyra tinha se acalmado, mas os pregadores continuaram a competir pelos conversos ali e por toda a região.²³ Dia e noite, Joseph observava o Sol, a Lua e as estrelas movendo-se pelo firmamento de maneira

Esta casa de toras, próxima a Palmyra, Nova York, é uma réplica da casa dos Smith, construída depois que se mudaram de Vermont. O Bosque Sagrado está ao fundo.



ordenada e majestosa, admirando a beleza da Terra, repleta de vida. Ele também observava as pessoas ao seu redor e se maravilhava com a força e a inteligência da vida humana. Tudo parecia testificar que Deus existia e que tinha criado a humanidade a Sua própria imagem, mas Joseph se perguntava como poderia se comunicar com Ele.²⁴

No verão de 1819, quando Joseph tinha 13 anos, os pastores metodistas se reuniram para uma conferência a poucos quilômetros da fazenda Smith, saindo também pela região para fazer proselitismo a fim de motivar famílias, como a de Joseph, a se converter. O sucesso daqueles pastores preocupou outros ministros locais, e logo a competição por conversos se tornou intensa.

Joseph frequentava as reuniões, ouvia a pregação agitada e testemunhava os conversos gritarem de alegria. Ele queria exultar com eles, mas se sentia no meio de uma guerra de palavras e divergências de opinião. “Quem, dentre todos esses grupos está certo, ou estão todos igualmente errados?”, ele perguntava a si mesmo. “Se algum deles é correto, qual é, e como poderei sabê-lo?” Ele sabia que precisava da graça e da misericórdia de Cristo, mas, com tantas pessoas e igrejas discutindo questões religiosas, não sabia onde encontrá-las.²⁵

A esperança de que pudesse encontrar as respostas e a paz para sua alma parecia cada vez mais distante e ele se perguntava como alguém poderia encontrar a verdade em meio a tanta confusão.²⁶

Essa incerteza continuou até que, numa daquelas pregações, Joseph ouviu um ministro citar o primeiro capítulo de Tiago no Novo Testamento. “Se algum de vós tem falta de sabedoria”, ele disse, “peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, sem repreensão”.²⁷

Joseph foi para casa e releu aquela passagem na Bíblia. “Jamais uma passagem de escritura penetrou com mais poder no coração de um homem do que essa, naquele momento, no meu”, ele lembrou mais tarde. “Pareceu entrar com grande força em cada fibra de meu coração. Refleti repetidamente sobre ela, tendo consciência de que se alguém necessitava de sabedoria de Deus, era eu.” Ele já havia examinado a Bíblia antes e acreditava que ela tinha todas as respostas, mas agora a própria Bíblia estava dizendo que ele poderia falar diretamente com Deus para receber respostas pessoais às suas perguntas.

Joseph decidiu orar em voz alta, algo que nunca havia feito antes, mas decidiu fazê-lo, pois confiava na promessa da Bíblia, que ensinava: “Peça-a com fé, não duvidando”.²⁸ Deus ouviria suas perguntas, por mais incomuns que fossem. ■

Uma lista completa dos trabalhos citados está disponível em inglês no site santos.LDS.org.

A palavra *Tópico* nas notas indica que há mais informações online no site santos.LDS.org.

NOTAS

1. Raffles, “Narrative of the Effects of the Eruption” [Narrativas sobre os Efeitos da Erupção], pp. 4–5, 19, 23–24.
2. Raffles, “Narrative of the Effects of the Eruption” [Narrativas sobre os Efeitos da Erupção], pp. 5, 7–8, 11.
3. Wood, *Tambora*, p. 97.
4. Wood, *Tambora*, pp. 78–120; Statham, *Indian Recollections*, [Lembranças Indianas], p. 214; Klingaman e Klingaman, *Year without Summer* [Ano sem Verão], pp. 116–118.
5. Wood, *Tambora*, pp. 81–109; Klingaman e Klingaman, *Year without Summer* [Ano sem Verão], pp. 76–86, 115–120.
6. Klingaman e Klingaman, *Year without Summer* [Ano sem Verão], pp. 48–50, 194–203.
7. Joseph Smith History, 1838–1856, volume A-1, p. 131; Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 2, p. 11, volume 3, [2]. **Tópico:** Joseph Smith’s Leg Surgery [Cirurgia na perna de Joseph Smith].
8. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, p. 3; Stilwell, *Migration from Vermont* [Migração de Vermont], pp. 124–150.
9. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, p. 4; Bushman, *Rough Stone Rolling* [Pedra Bruta], pp. 18–19, 25–28. **Tópico:** Joseph Sr. and Lucy Mack Smith Family [A família de Joseph Sr. e Lucy Mack Smith].
10. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, p. 5; Joseph Smith History, 1838–1856, volume A-1, pp. 131–132.
11. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, p. 2; Joseph Smith History, 1838–1856, volume A-1, p. 131.
12. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, pp. 5–6; Lucy Mack Smith, History, 1845, p. 67; Joseph Smith History, 1838–1856, volume A-1, p. 132. **Tópico:** Lucy Mack Smith.
13. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, pp. 6–7.
14. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, p. 7; Tucker, *Origin, Rise, and Progress of Mormonism* [Origem, Ascensão e Progresso do Mormonismo], p. 12. **Tópico:** Joseph Sr. and Lucy Mack Smith Family [A família de Joseph Sr. e Lucy Mack Smith].
15. Cook, *Palmyra and Vicinity* [Palmyra e Arredores], pp. 247–261. **Tópicos:** Palmyra e Manchester; Christian Churches in Joseph Smith’s Day [Igrejas cristãs na época de Joseph Smith].
16. Joseph Smith History, por volta do verão de 1832, pp. 1–2, em *JSP*, H1, pp. 11–12.
17. Joseph Smith—History, Vol. 1, pp. 5–6; Joseph Smith History, 1838–1856, volume -1, pp. 1–2, em *JSP*, H1, pp. 208–210 (rascunho 2). **Tópico:** Religious Beliefs in Joseph Smith’s Day [Crenças religiosas na época de Joseph Smith].
18. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 2, pp. 1–6; “Records of the Session of the Presbyterian Church in Palmyra” [Registros da sessão da Igreja Presbiteriana em Palmyra], 10 de março de 1830.
19. Asael Smith para “My Dear Selfs” [Meus entes queridos], 10 de abril de 1799, e Letter and Genealogy Record [Carta e registro genealógico], por volta de 1817–1846, Biblioteca de História da Igreja.
20. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, miscellany, p. 5; Anderson, *Joseph Smith’s New England Heritage* [A Ascendência de Joseph Smith em New England], pp. 161–162.
21. Joseph Smith—History, volume 1, pp. 8–10; Joseph Smith History, 1838–1856, volume A-1, p. 2, em *JSP*, H1, pp. 208–210, (rascunho 2). **Tópico:** Religious Beliefs in Joseph Smith’s Day [Crenças religiosas na época de Joseph Smith].
22. Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, livro 3, pp. 8–10; Joseph Smith History, por volta do verão de 1832, p. 1, em *JSP*, H1, p. 11. **Tópico:** Sacred Grove and Smith Family Farm [O bosque sagrado e a fazenda da família Smith].
23. **Tópico:** Awakenings and Revivals [Despertar e reavivamento espiritual].
24. Atos 10:34–35; Joseph Smith History, por volta do verão de 1832, p. 2, em *JSP*, H1, p. 12.
25. Neibaur, Diário, 24 de maio de 1844, disponível em josephsmithpapers.org; Joseph Smith—History, volume 1, p. 10; Joseph Smith, “Church History” [A História da Igreja], *Times and Seasons*, 1º de março de 1842, vol. 3, p. 706, em *JSP*, vol. 1, p. 494.
26. Joseph Smith, Journal, 9 a 11 de novembro de 1835, em *JSP*, J1:87; Joseph Smith, History, volume 1, pp. 8–9; Joseph Smith History, 1838–1856, volume A-1, p. 2, em *JSP*, H1, p. 210 (rascunho 2).
27. “Wm. B. Smith’s Last Statement” [A última declaração de William B. Smith], *Zion’s Ensign*, 13 de janeiro de 1894, p. 6; Tiago 1:5.
28. Joseph Smith—History, volume 1, pp. 11–14; Joseph Smith History, 1838–1856, volume A-1, pp. 2–3, em *JSP*, H1, pp. 210–212 (rascunho 2); Tiago 1:6.





RETRATOS DE FÉ

Como entalhador, Feinga sustenta a esposa, seus três filhos e três outras crianças de quem cuidam. Nem sempre é fácil, mas, ao colocar Deus em primeiro lugar, invariavelmente têm o suficiente.

CHRISTINA SMITH, FOTÓGRAFA

Feinga Fanguna

Tongatapu, Tonga

Quando minha esposa, 'Anau, e eu nos casamos, eu entalhava pequenos objetos e ia ao mercado vendê-los. Alguns dias eu voltava com dinheiro, em outros, não vendia nada.

Em minha bênção patriarcal, foi-me prometido que Deus abençoaria o trabalho de minhas mãos e que eu usaria meu talento para ajudar as pessoas. Essas profecias estão sendo cumpridas.

Somos abençoados de muitas maneiras. Nossos parentes acham que somos ricos. Não somos, mas temos tudo aquilo de que precisamos porque colocamos Deus em primeiro lugar.

DESCUBRA MAIS

Veja mais sobre a jornada de fé de Feinga em liahona.LDS.org.

Encontre mais histórias de fé na Biblioteca de mídia do site LDS.org.

Saiba como você pode se tornar mais autossuficiente por meio da iniciativa de autossuficiência da Igreja em srs.LDS.org.



Disse a ele que o que havia acabado de acontecer não fora por acaso, eu tinha recebido uma inspiração.

SEGUI A PRIMEIRA IMPRESSÃO

Num domingo depois de voltar para casa após a igreja, dormi quase a tarde toda.

Estava escuro quando acordei. Comecei meu planejamento semanal com uma oração para saber do Senhor como eu poderia servi-Lo melhor. Senti a inspiração de fazer visitas de mestre familiar. Já eram 8 horas da noite, então disse a mim mesmo que iria na próxima terça-feira, mas a inspiração para ir naquela noite ficou mais forte.

Lembrei-me do conselho que ouvi o élder Ronald A. Rasband, do Quórum dos Doze Apóstolos, dar no centro de treinamento missionário em Lima, Peru, quando eu era professor lá: “Sigam a primeira impressão”. Imediatamente telefonei para meu

companheiro de visitas, mas ele não respondeu. Decidi ir assim mesmo.

Saí de casa e vi um jovem sacerdote de minha ala descendo a rua. Aproximei-me dele e perguntei se iria comigo. Ele concordou. Na primeira casa, o irmão abriu a porta. Eu disse que senti que precisava vê-lo. Ele sorriu e nos contou que seria operado no dia seguinte e gostaria de uma bênção. Dei-lhe a bênção e saímos para a visita seguinte.

O relógio marcava 8 horas e 40 minutos quando chegamos à casa da próxima família. Eles ficaram surpresos de nos ver porque era muito tarde. Entramos na casa e notamos que o pai estava doente. Ofereci-me para lhe dar uma bênção.

Ao voltarmos para casa, compartilhei Morôni 7:13 com meu jovem companheiro: “Tudo o que convida e impele a fazer o bem e a amar a Deus e a servi-lo, é inspirado por Deus”.

Disse a ele que o que havia acabado de acontecer não fora por acaso, eu tinha recebido uma inspiração. Ele respondeu que acreditava porque, antes de eu me aproximar, ele tinha orado para saber como reconhecer o Espírito.

Não sei se a impressão de fazer visitas de mestre familiar foi mais pelas famílias que visito ou pelo jovem sacerdote, mas sou grato por ter ouvido. Sei que grandes bênçãos virão se seguirmos a primeira impressão do Espírito. ■

Kenny Quisipitupac, Lima, Peru

TODOS PRECISAM DE UM AMIGO

Aproximei-me das portas da igreja com um pensamento claro na mente: “Se eu não encontrar um amigo na igreja hoje, nunca mais vou voltar”. Eu frequentara a igreja com um amigo algumas vezes antes, mas esta era a primeira vez que ia como pesquisador sozinho e por *minha* vontade. Sentia que precisava me filiar à Igreja, mas tinha alguns temores e dúvidas.

Quando entrei na capela, fui recebido por um jovem adulto que tinha um largo sorriso e um aperto de mãos sincero. Apresentou-se como Dane McCartney. Eu já vira Dane antes, quando ele fez teste para o time de futebol americano da faculdade no qual joguei. Minha ansiedade foi embora quando me convidou para me sentar com ele durante as reuniões da Igreja. Também me convidou para jantar na casa dos seus pais logo depois. Não tive a menor chance de me sentir sozinho naquele dia. Dane e sua família se achegaram a mim e me ajudaram a responder a muitas de minhas perguntas. Filiei-me à Igreja algumas semanas depois.

Se Dane tivesse sido somente simpático comigo, é bem provável que eu tivesse saído da capela após a reunião sacramental e desistido, pensando que tinha tentado, mas que aquela igreja não era para mim. Ainda que seja muito importante ser amigável, ser um *amigo* envolve mais do que ser somente gentil. O amor e o apoio dos McCartney foram importantes para minha conversão.

Isso foi há 14 anos. Desde aquela época, servi como missionário de

tempo integral, casei-me no templo e fui abençoado com cinco filhos maravilhosos. Também servi como bispo e presidente de estaca. Reuni-me com membros que pararam de ir à igreja porque se sentiam solitários e não tinham nenhum amigo lá. Fiquei muito triste por eles. Gostaria que alguém tivesse

Dane me mostrou que ser amigo envolve mais do que ser somente gentil.

estendido a mão para eles como os McCartney fizeram comigo.

Agradeço a meu Pai Celestial por Dane ter sido um amigo naquele dia. Espero que tenhamos coragem de ser amigos daqueles que estão pesquisando a Igreja, são membros novos ou estão retornando a ela. ■

Tim Overton, Arizona, EUA



UMA BÊNÇÃO DE CONSOLO

Quando ficou claro que o câncer de meu pai era terminal, minha mãe falou com desânimo: “Acho que não vamos ter nosso milagre”. Naquele momento, senti que nossa família receberia milagres mesmo que a preservação da vida de meu pai não estivesse entre eles.

Um milagre aconteceu numa manhã quando minha amiga Beth me perguntou quais eram meus planos para o dia. Disse a ela que tinha planejado passar a tarde com meu pai no hospital, mas não conseguira ninguém para tomar conta das crianças. Beth generosamente se ofereceu para cuidar de meus filhos para que eu pudesse fazer companhia a meu pai. Também se ofereceu para trazer o jantar para minha família. Fiquei muito grata.

Quando cheguei ao hospital, meu pai não tinha forças suficientes para abrir os olhos ou comer qualquer coisa. Mas logo depois teve um aumento considerável de energia. Por mais de três horas, ficou bem acordado, e conversamos e até caminhamos pela ala do hospital algumas

vezes. Nenhuma outra visita apareceu naquele período. Foi uma bênção ter aquele tempo com ele só para mim.

Rimos e choramos juntos naquele dia. Meu pai compartilhou comigo seus sentimentos sobre deixar a vida na Terra e o que mais importava para ele — seu testemunho do evangelho de Jesus Cristo. Aquela tarde é

uma das lembranças mais queridas de minha vida. Três dias depois, ele faleceu.

Só uma semana depois de seu funeral que percebi que a última vez que falei com meu pai foi na tarde em que Beth cuidou das crianças. Chorando, enviei a Beth um e-mail de agradecimento por seu serviço e



Fiquei emocionada por Deus ter inspirado Beth a ser a bênção pela qual ela orou que eu recebesse.

expliquei o quanto representou para mim.

Beth respondeu: “Tenho o testemunho de que Deus quer nos dar bênçãos de consolo e graça — particularmente quando passamos por algo difícil. Tenho orado para que você e sua família recebam consolo durante este período”.

Fiquei emocionada por Deus ter inspirado Beth a ser a bênção pela qual ela orou que eu recebesse. Sei que Deus nos concede bênçãos de consolo durante os tempos difíceis em nossa vida. ■

Sarah Bieber, Calgary, Alberta, Canadá



Próximos a minhas escrituras estavam quatro nomes que eu tinha levado ao templo recentemente.

ONDE ESTÁ MEU TESOURO?

Depois de mandar os filhos para a escola, comecei a pensar no restante do dia. Eu tinha muito o que fazer, mas teria que trabalhar no turno da noite no hospital, então meu tempo era limitado. Poderia cuidar do quintal, continuar a fazer o acolchoado para o aniversário de meu sobrinho ou me exercitar. Então me lembrei de uma citação do presidente Ezra Taft Benson (1899–1994):

“Quando colocamos Deus em primeiro lugar, todas as outras coisas entram no devido eixo ou são eliminadas de nossa vida” (“O grande mandamento — Amar o Senhor”, *A Liahona*, julho de 1988, p. 3).

“É isto: escrituras!”, pensei. Sentei-me à escrivaninha e continuei o estudo das escrituras do dia anterior:

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

Mas ajuntai tesouros no céu (...).

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:19–21).

“Onde está meu tesouro?”, pensei. Próximos a minhas escrituras estavam quatro nomes da família de meu marido que eu tinha levado ao templo recentemente. Os pais de meu marido foram os primeiros em sua família a se filiarem à Igreja. Eu passara os últimos dois anos trabalhando na linhagem de meu falecido sogro. Decidi acessar o FamilySearch para ver se as ordenanças foram registradas como realizadas.

Olhei nos ícones do templo em sua linhagem. Para minha surpresa, alguns nomes que eu preparara para as ordenanças de selamento não tinham sido registrados como completos. Devo ter perdido os cartões e os selamentos ainda não tinham sido feitos! Assim que imprimi novamente os nomes, um pensamento inequívoco me veio à mente: “Agora você pode conduzir o seu dia”.

Senti paz ao saber que tinha colocado o Senhor em primeiro lugar. Ele me ajudou a priorizar o que era mais importante. Desfrutar da companhia da família na eternidade é certamente o meu maior tesouro. Sei que, se colocar Deus em primeiro lugar, todas as outras coisas se reverterão para meu benefício espiritual e para o de outras pessoas. ■

Ashlee Cornell, Oklahoma, EUA

“Clamamos para que Ele nos livrasse”

Reid Tateoka

O terremoto que atingiu o Japão em março de 2011 atingiu a categoria 9.0 na escala Richter e foi um dos abalos sísmicos mais devastadores registrados na história. Naquela época, eu estava servindo como presidente da Missão Japão Sendai, a parte do Japão que estava mais próxima do epicentro do tremor. Mais de 16 mil pessoas morreram e centenas de milhares de casas e edifícios desabaram com o terremoto e com um tsunami.

Apesar da grande devastação, não perdemos um único missionário sequer. Nos dias e semanas que se seguiram, vi milagres acontecerem na vida dos missionários com quem servi. Tanto antes como depois do terremoto, um Pai amoroso fez com que uma série de acontecimentos salvasse os missionários.

Guiados a lugares seguros

As reuniões de liderança da Zona Koriyama de nossa missão quase sempre eram realizadas na quinta-feira.

Dessa vez, porém, a reunião foi marcada para sexta-feira, 11 de março de 2011 — o dia do terremoto. As reuniões de liderança normalmente incluíam só os líderes de zona e de distrito. Nessa ocasião, todos os missionários da zona foram convidados para comparecerem à reunião. Isso significa que, no dia do terremoto, os missionários de Japão Sendai que moravam mais próximo dos reatores nucleares danificados pelo terremoto e pelo tsunami estavam bem longe dos respectivos apartamentos, todos em segurança na reunião feita na capela em Koriyama. O Senhor os havia transferido para terreno seguro.

Os missionários em nossa reunião de liderança não foram os únicos que foram guiados para lugares seguros antes do terremoto. Eles aprendem cedo a confiar no Senhor e a seguir os sussurros do Espírito. Quando ocorreu o abalo sísmico, não houve tempo para chamar os líderes e pedir orientação. Os outros missionários sobreviveram porque já tinham seguido o

**Em meio à terrível
devastação, o
Senhor protegeu
Seus missionários.**

Espírito, que os levava a lugares seguros que o Pai Celestial havia preparado para eles.

Depois do terremoto, muitos missionários foram para os centros de evacuação. Algumas zonas instintivamente foram para as capelas, que sofreram poucos danos em comparação com outros lugares, e onde puderam sentir com mais força a paz do Espírito Santo. Alguns poucos afortunados puderam ficar em seu



FOTOGRAFIAS FORNECIDAS PELO AUTOR E POR MICHAEL REMINGTON



apartamento, mas sem aquecimento, água, eletricidade ou comida. Mas todos estavam em segurança.

Guiados por bloqueios nas ruas e estradas

A princípio, sem saber dos danos causados às usinas nucleares, tentei enviar os missionários que tinham vindo para a nossa reunião de liderança de volta para seus respectivos apartamentos imediatamente após o terremoto. Mas o Senhor colocou obstáculos. Não havia ônibus ou trens. Portanto, o Pai Celestial continuou a manter os missionários em segurança em Koriyama.

Pensei que minha presença seria necessária na casa da missão, perto do epicentro do tremor, mas, depois de oito horas dirigindo em ruas congestionadas e danificadas, descobrimos que nossa rota também estava bloqueada. No final, o fato de termos

permanecido em Koriyama fez com que pudéssemos ajudar mais na evacuação dos outros missionários, um processo que deixou claro como o Senhor estava cuidando de nós.

Depois do terremoto, houve uma corrida aos postos de gasolina. Os caminhões-tanques capazes de fazer manobras nas ruas destruídas andavam muito devagar, resultando em esperas de três horas pela gasolina, se houvesse alguma. Mas o Senhor nos deu de maneira milagrosa aquilo de que precisávamos. Enquanto, por exemplo, evacuávamos as sísteres e os élderes para um lugar seguro em Niigata, do outro lado da ilha, percebemos que tínhamos viajado 18 horas com um único tanque de gasolina, sendo que o medidor de combustível mostrava sempre o tanque cheio. Quando nos aproximamos de Niigata, o medidor imediatamente baixou para “vazio”.

Viagem perigosa

Felizmente, nosso amado Pai continuou a nos guiar para que fizéssemos uma evacuação ordeira em meio àquela devastação total. Viagens longas eram perigosas. Muitas coisas ainda aconteceram após o terremoto. O transporte público foi interrompido. O suprimento de água e energia foi cortado e era quase impossível comprar gasolina ou comida. A irmã Tateoka e eu entendemos muito bem que nós dois éramos os únicos que conseguiríamos resgatar dois élderes numa área montanhosa e dois outros que estavam depois da montanha, do outro lado da ilha. As rodovias estavam fechadas, portanto levaríamos cinco ou seis horas viajando montanha acima, sentido norte, em estradas de terra, mais duas ou três horas para passar pela montanha e descer até Tsuruoka e mais quatro para voltarmos a um local seguro.

Sáimos bem cedo de manhã no dia 16 de março e chegamos ao apartamento do élder Ohsugi e do élder Yuasa por volta de 5 horas da tarde. Para pegar os dois últimos élderes, precisávamos voltar no sentido sul, subir uma montanha e descer para a cidade de Tsuruoka. Com menos de meio tanque de gasolina, sabíamos que não poderíamos voltar. Quando começamos a dirigir para pegar os dois últimos élderes, começou a nevar. Logo fomos pegos por uma tempestade de neve na qual mal conseguíamos ver a estrada, viajando menos de 25 quilômetros por hora. Eu não conseguia enxergar a demarcação na estrada.

Às 7 horas e 30 minutos da noite, quando finalmente chegamos ao topo da montanha, a polícia nos parou. Um policial disse que uma avalanche tinha bloqueado a estrada e fechado a passagem da montanha. Disse-nos que não poderíamos prosseguir; tínhamos que dar meia-volta e pegar uma estrada alternativa para o outro lado da ilha, contornando a avalanche. Sem gasolina suficiente para fazer isso, parecia que não havia jeito nenhum de buscar o élder Lay e o élder Ruefenacht em Tsuruoka.

Viagem milagrosa

Desanimados, demos meia-volta como orientados pelo policial. Pedi aos élderes na van que ligassem para todos os membros da Ala Yamagata para ver se podíamos encontrar alguém que pudesse nos dar um pouco de gasolina. Paramos para fazer uma oração fervorosa, invocando todos os poderes do céu que estivessem a nosso alcance. Oramos

por outro milagre, voltando-nos novamente para o Senhor.

Os missionários telefonaram para todos os membros ativos, mas ninguém tinha gasolina. Os postos estavam sem gasolina e fechados. Foi então que os élderes sentiram que deveriam ligar para um amigo menos ativo, o irmão Tsuchihashi. O Pai Celestial tinha novamente guiado nosso caminho. O irmão Tsuchihashi podia nos dar 20 litros de gasolina. Mas, para chegarmos até esse bondoso irmão, tivemos que viajar mais uma hora em sentido norte, na direção oposta à que queríamos ir. A quantidade de gasolina ajudaria, mas não seria suficiente para contornarmos a avalanche.

Com fé, viajamos para o norte, ainda sem saber como conseguiríamos pegar os outros dois élderes. Conseguimos chegar até a cidade de Shinjo, onde recebemos os 20 litros de gasolina. Logo depois, recebi um telefonema do presidente Yoshida, meu conselheiro, que a essa altura estava bem preocupado com o fato de não termos voltado ainda. Ele nos perguntou onde estávamos e, quando respondi que estávamos em Shinjo, ficou chocado com o fato de estarmos tão longe do nosso destino. Seria impossível para ele vir em nosso socorro e nos ajudar a voltar.

Depois ele olhou em um mapa e com a voz gaguejante e entrecortada, disse: “Existe uma passagem pela montanha, que é bem pouco conhecida e vai levá-los de Shinjo até os élderes em Tsuruoka”. O Senhor preparou o caminho para que estivéssemos exatamente onde precisávamos para contornar a avalanche. A gasolina



O ESPÍRITO NOS GUIARÁ

“Como parte do plano divino de Deus, somos abençoados com o dom do Espírito Santo. (...) Ao navegarmos pelos mares da vida, seguir a inspiração do Espírito Santo é essencial. O Espírito vai nos ajudar a evitar as tentações e os perigos, além de nos consolar e nos ajudar a vencer os desafios.”

Élder Quentin L. Cook, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Firmes como os navios de Bristol: Dignos de entrar no templo — Nos bons e nos maus momentos”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 42.

que nos foi dada foi exatamente a quantidade necessária para contornar a avalanche e chegar até os élderes.

Quando entrei em contato com cada um dos missionários e soube como tinham sido guiados para lugares seguros pouco antes do terremoto e do tsunami, senti-me extremamente grato. Dois missionários, que foram protegidos do tsunami porque subiram para o quarto andar de um centro de evacuação, expressaram sua gratidão por terem ficado em local seguro num momento de grande perigo.

As palavras de Helamã descrevem a situação que eles passaram: “O Senhor nosso Deus nos deu a certeza de que nos livraria; sim, de tal modo que nos encheu a alma de paz e concedeu-nos grande fé e fez com que tivéssemos esperança nele para nossa libertação” (Alma 58:11). ■

O autor mora em Utah, EUA.

Minha missão com meus parentes

Andrea Gómez Lagunes

Quando abri meu chamado missionário, fiquei surpresa ao ver que tinha sido designada para a Missão México Veracruz. Minha família residia em Veracruz quando eu nasci, e a maioria dos meus parentes mora lá. Somos os únicos membros da Igreja em nossa família, por isso fiquei entusiasmada com a ideia de ter oportunidade de compartilhar o evangelho com meus parentes.

No entanto, enquanto estive lá, nunca servi em uma área perto de onde moravam, mas dei o endereço deles para outros missionários, para que pudessem fazer-lhes uma visita.

Depois de 15 meses na missão, comecei a ter problemas no joelho. Doía tanto, às vezes, que a dor chegava a ser insuportável. Quando fui ao médico, recebi o diagnóstico de que o problema só poderia ser resolvido com uma cirurgia. Isso significava voltar para casa mais cedo. Eu não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo; eu só tinha mais três meses de missão.

Decidi orar ao Senhor para pedir consolo e, se possível, um milagre. Em resposta a minha prece, senti um profundo alívio no coração. A esposa do meu presidente de missão, com todo o amor de uma mãe, encorajou-me a voltar para casa para me recuperar, e escrevi para minha família, comunicando que voltaria para casa em duas semanas.

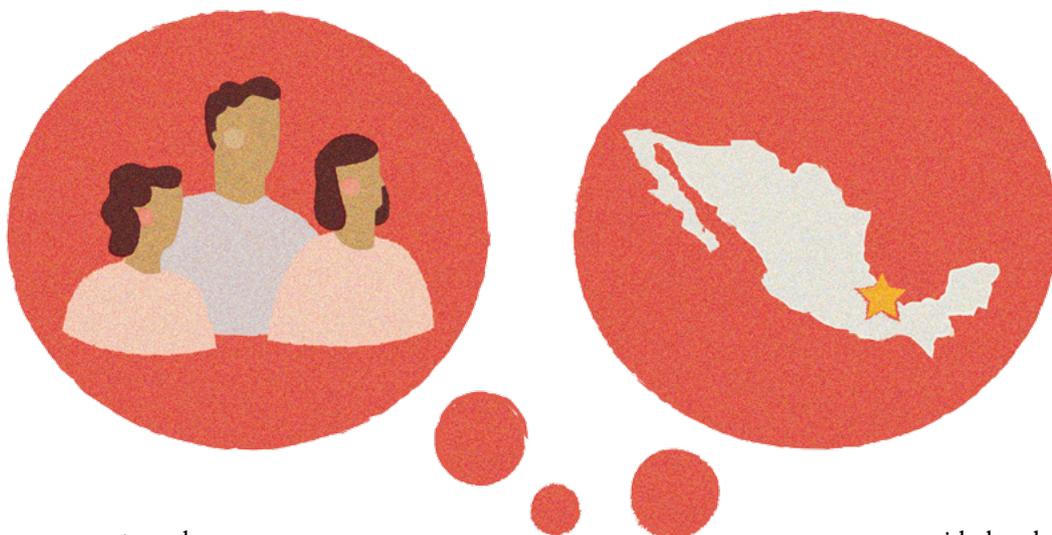
Depois disso, tive uma entrevista com meu presidente de missão. Ele me contou que minha mãe tinha entrado em contato com ele e que lhe dera uma opção: já que eu teria de cessar minhas atividades missionárias por um tempo, ela viria para Veracruz para cuidar de mim na casa de uma tia e de um tio meu durante minha recuperação. Meu presidente de missão disse que era uma opção viável, mas que ele teria de pedir permissão para fazer isso.

Quando descobri depois que a permissão tinha sido concedida, meu coração pulou de alegria: eu poderia ficar e terminar minha missão! Fiz uma oração para agradecer.

A pergunta do meu presidente de missão não me saía da cabeça: Por que o Senhor permitiu que eu ficasse e terminasse minha missão?

No dia da cirurgia, meu presidente de missão disse-me: “Síster Gómez, você precisa descobrir por que o Senhor permitiu que continue aqui em Veracruz”. Daquele momento em diante, concentrei-me em descobrir a razão.

Naquele mesmo dia, minha mãe, que chegara a Veracruz, anunciou: “Sua Mamá Lita (minha avó paterna) está vindo ao hospital para ver você. Vai ser uma boa oportunidade



para perguntar sobre nossos antepassados”.

“Ótima ideia!”, pensei. Não via a hora de fazer perguntas aos meus parentes sobre meus antepassados! Mamá Lita me perguntou o que significava ser uma missionária. Eu lhe ensinei sobre a Restauração e depois falei sobre o plano de salvação, já que meu avô — o marido dela — tinha falecido alguns anos antes. Em seguida, ela fez a pergunta que eu estava esperando: “Vou poder ver meu marido querido outra vez?”

Sua pergunta me encheu o coração de alegria, e respondi: “Claro que vai!” Os olhos dela brilharam. Foi maravilhoso compartilhar essa verdade eterna com ela! Surgiram mais perguntas, todas voltadas para o plano de salvação. Em contrapartida, fiz-lhe perguntas sobre meus antepassados para poder preencher dados na minha árvore familiar. Senti como o Espírito a ajudou a entender o plano de salvação.

Depois, quando visitei o restante dos meus parentes, conversei com minha avó materna, que me ajudou a encontrar mais nomes. Pude também compartilhar o evangelho com todas as pessoas que visitei.

Percebi por que Deus tinha permitido que primeiro eu fosse para Veracruz em missão e depois ficasse lá após a cirurgia. Voltei da missão sentindo um grande amor pela história da família. Graças aos ternos

cuidados da minha mãe, consegui terminar minha missão.

Minha avó paterna morreu um ano depois, o que me deixou muito triste. Por outro lado, senti-me grata e feliz por poder fazer o trabalho do templo por ela após um ano. Quando servi de procuradora em seu batismo, não consegui segurar as lágrimas de alegria. Ela finalmente teria a chance de estar com seu esposo amado, com quem foi casada por mais de 60 anos.

Não tenho dúvidas de que o Senhor conhece nosso coração. Ele permitiu que eu ficasse em Veracruz para ensinar minha família e proclamar as boas-novas trazidas por nosso Redentor, Jesus Cristo. Sei que um dia poderei rever meus avós. É nossa responsabilidade fazer o trabalho do templo por nossos antepassados para que um dia Deus nos diga: “Vem a mim, ó bendito; há um lugar preparado para ti nas mansões de meu Pai” (Enos 1:27). ■

A autora mora em Chihuahua, México.





**Élder
M. Russell Ballard**

Do Quórum dos
Doze Apóstolos

JESUS CRISTO

Nossa fonte de paz

A paz que acalma nosso coração perturbado só é alcançada quando seguimos a Luz de Cristo.

Depois de um dia inteiro de ensinamentos e instruções, o Senhor sugeriu a Seus discípulos que fossem de barco para o outro lado do mar da Galileia.

Enquanto navegavam à noite, “levantou-se uma grande tempestade de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia.

E ele estava na popa dormindo sobre uma almofada, e despertaram-no, e disseram-lhe: Mestre, não te importa que pereçamos?

E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança” (Marcos 4:37–39).

Podem imaginar o que os apóstolos devem ter pensado quando viram os elementos da natureza — o vento, a chuva e o mar — obedecerem ao calmo comando de seu Mestre? Embora tivessem acabado de ser chamados ao santo apostolado, eles O conheciam, amavam-No e criam Nele. Haviam deixado sua família e seu trabalho para segui-Lo. Em um tempo relativamente curto, tinham-No

este, que até o vento e o mar lhe obedecem?” (Marcos 4:40–41.)

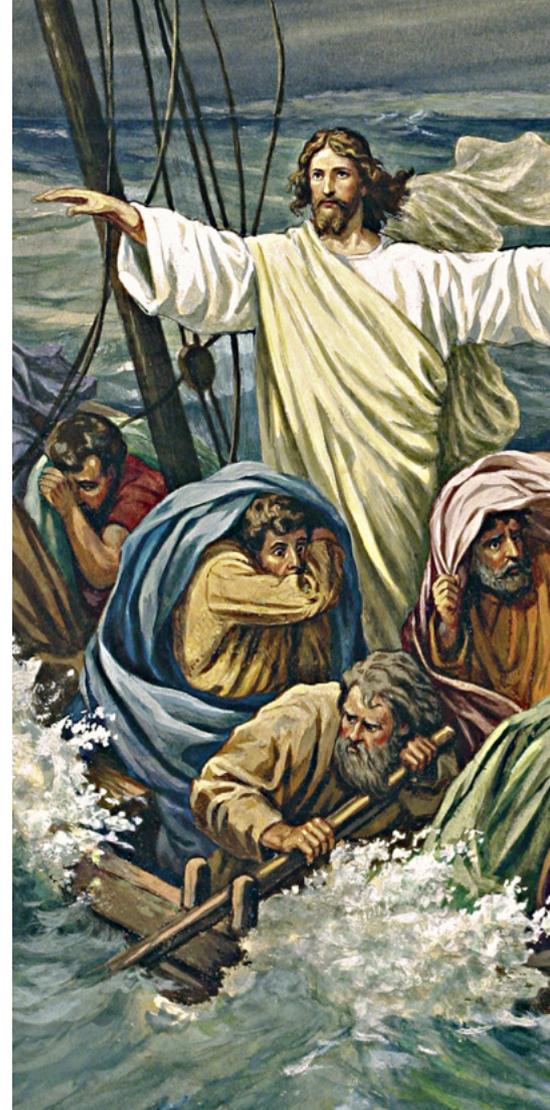
Em tempos de turbulência e temor, a promessa de paz infinita e eterna do Salvador ressoa sobre nós com um poder especial, da mesma maneira que Sua habilidade de acalmar as ondas deve ter afetado profundamente aqueles que estavam com Ele no mar da Galileia naquela noite tempestuosa há tanto tempo.

Como encontrar paz interior

Tal como aqueles que viviam na época de Seu ministério mortal, há alguns entre nós que procuram a paz

física e a prosperidade como sinais do assombroso poder do Salvador. Às vezes não conseguimos compreender que a paz duradoura que Jesus promete é uma paz interior, nascida da fé, ancorada pelo testemunho, nutrida

pelo amor e expressa pela obediência e pelo arrependimento contínuos. É uma paz de espírito que nos ecoa no coração e na alma. Quando se vivencia e se conhece verdadeiramente essa paz interior, não há temor pela desarmonia e discórdia do mundo. Sabe-se, no fundo do coração, que tudo está bem considerando-se aquilo



que realmente importa.

Não há paz no pecado. Pode haver comodidade, popularidade, fama e até mesmo prosperidade, mas não há paz. “Iniquidade nunca foi felicidade” (Alma 41:10). Ninguém pode estar em paz se estiver levando uma vida em desarmonia com a verdade revelada. Não existe paz em ter um espírito mesquinho ou contencioso. Não há paz na vulgaridade, promiscuidade ou permissividade. Não há paz no vício em drogas, álcool ou pornografia. Não há paz em abusar das pessoas de qualquer forma, seja emocional, física ou sexualmente, pois quem

A PAZ DURADOURA QUE JESUS PROMETE É UMA PAZ INTERIOR, NASCIDA DA FÉ, ANCORADA PELO TESTEMUNHO, NUTRIDA PELO AMOR.

ouvido ensinar coisas inacreditáveis e tinham-No visto realizar milagres extraordinários. Mas aquilo estava aquém de sua compreensão, e o olhar no rosto deles deve ter mostrado isso.

“E disse-lhes: Por que sois tão tímidos? Por que não tendes fé?

E sentiram um grande temor, e diziam uns aos outros: Mas quem é



**NÃO HÁ PAZ NO PECADO.
PODE HAVER COMODIDADE,
POPULARIDADE, FAMA E ATÉ
MESMO PROSPERIDADE, MAS NÃO
HÁ PAZ. “INIQUIDADE NUNCA FOI
FELICIDADE” (ALMA 41:10).**

“Deixo-vos a paz”

Algumas horas antes de iniciar aquele processo glorioso, porém terrível, da Expição, o Senhor Jesus Cristo fez esta importante promessa aos Seus apóstolos: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (João 14:27).

Estava Ele prometendo aos Seus discípulos o tipo de paz que o mundo reconhece como segurança, ausência de disputas ou tribulações? Certamente o registro histórico sugeriria outra coisa. Aqueles primeiros apóstolos passaram por muitas provações e perseguições pelo restante da vida, o que deve ter levado o Senhor a acrescentar à Sua promessa de paz: “Não vô-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27).

“Tenho-vos dito essas coisas para

que em *mim* tenhais paz”, continuou Ele. “No mundo tereis aflição, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33; grifo do autor).

A paz, a verdadeira paz que penetra até o âmago de nossa alma, vem apenas por meio da fé no Senhor Jesus Cristo. Quando essa preciosa verdade é descoberta e os princípios do evangelho são compreendidos e aplicados, uma grande paz pode destilar-se no coração e na alma dos filhos do Pai Celestial. O Salvador disse por intermédio de Joseph Smith: “Aprende de mim e ouve minhas palavras; anda na mansidão de meu Espírito e terás paz em mim” (D&C 19:23).

Sou grato por poder testificar a vocês que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Ao segui-Lo com fé e confiança, todos podem encontrar a doce paz interior que o evangelho oferece. ■

Extraído de um discurso da Conferência Geral de Abril de 2002.

tiver tal comportamento permanecerá num tormento mental e espiritual até buscar a Cristo com toda a humildade e buscar o perdão por meio do completo arrependimento.

Creio que, vez por outra, todos ansiamos pela “paz de Deus, que excede todo o entendimento” (Filipenses 4:7). A paz que acalma o coração perturbado só nos vem quando seguimos o Espírito de Cristo, que é “concedido a todos os homens, para que eles possam distinguir o bem do mal” (Morôni 7:16), pois nos leva ao arrependimento pelos pecados e à busca do perdão.

**CREIO QUE, VEZ POR OUTRA,
TODOS ANSIAMOS PELA
“PAZ DE DEUS, QUE EXCEDE
TODO O ENTENDIMENTO”
(FILIPENSES 4:7).**

Paz no mundo x

PAZ EM CRISTO

Jesus Cristo pode nos dar paz duradoura mesmo durante momentos de dificuldade e provações.

Sarah Hanson

Em um mundo de agitação social, política e religiosa, do que precisamos para ter paz? Bons amigos? Uma família amorosa? Proteção e segurança? Às vezes, achamos que nossa vida precisa preencher esses requisitos para que realmente tenhamos paz. Mas a vida jamais será cem por cento fácil e

perfeita. Então, como lidamos com as provações e sentimos paz ao mesmo tempo?

O mundo diz que só existe paz quando não existe conflito. Mas isso não é verdade! Por intermédio de Seu evangelho, Jesus Cristo nos concede uma paz interior que supera a paz que o mundo oferece.

Se nos voltarmos para Ele com fé, poderemos sentir paz em qualquer situação.

O Salvador ensinou: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; *não vô-la dou como o mundo a dá*” (João 14:27; grifo do autor). Veja aqui algumas maneiras de como a paz do mundo difere da paz de Jesus Cristo.

Paz no mundo

1. A paz tem de vir de modo instantâneo; não temos que esperar por ela!

2. Não é possível ter paz em meio a dificuldades.

3. Paz significa ausência de guerra.

4. Você tem paz quando vive do jeito que bem entender.

5. Admitir seus erros e suas fraquezas não lhe traz paz.

6. Você só tem paz se focar nas suas próprias necessidades.

7. A aprovação dos outros traz paz.

8. Temos de tentar adquirir paz por nós mesmos.



Paz em Cristo

1. Às vezes, temos de esperar para ter paz, mas “não desista. (...) Confie em Deus e acredite nas coisas boas que estão por vir”.¹

2. Podemos ter paz mesmo durante as provações.

3. Paz é algo que podemos ter em qualquer situação.

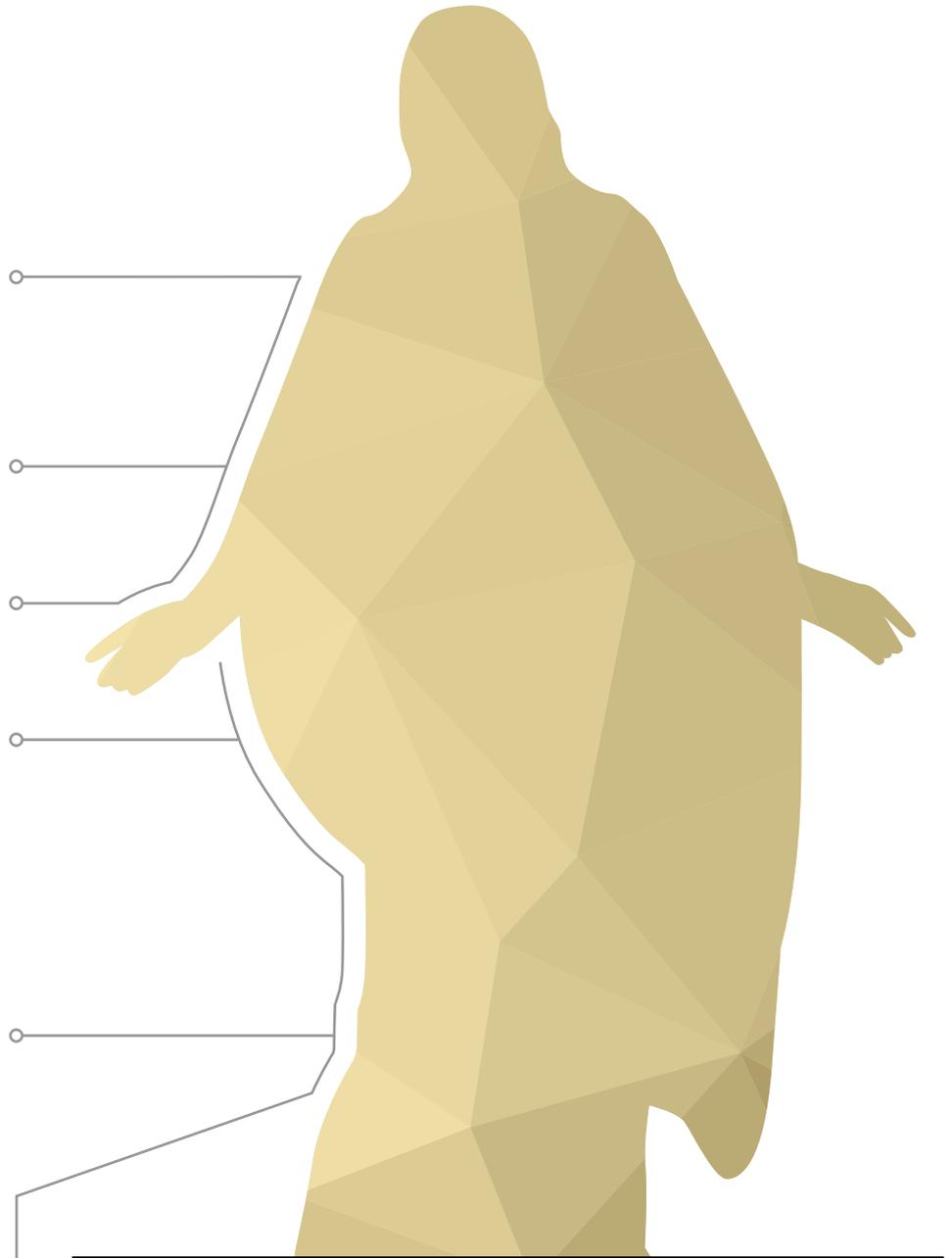
4. A paz resulta de vivermos o evangelho e de obedecermos aos mandamentos de Deus.

5. O arrependimento sincero traz paz. “A principal beleza da palavra *arrependimento* é a promessa de se livrar de velhos problemas, velhos hábitos, velhas tristezas e velhos pecados. Ela está entre as mais esperançosas, as mais encorajadoras e, sim, as mais pacíficas palavras do vocabulário do evangelho.”²

6. Encontramos paz quando servimos aos outros e somos pacificadores.

7. Sentimos paz ao tentar ser discípulos melhores de Jesus Cristo.

8. “O tipo de paz que é prometida como recompensa da retidão (...) é uma dádiva prometida da missão e do sacrifício expiatório do Salvador.”³



Se pusermos Jesus Cristo no centro de nossa vida, sentiremos que Ele realmente “nos [encherá] a alma de paz” (Alma 58:11). Neste mundo teremos experiências difíceis, mas somos abençoados por saber que há uma pessoa com quem podemos contar para enfrentar qualquer desafio. O Senhor disse: “Tenho-vos dito essas coisas para que em mim tenhais paz; no mundo

tereis aflição, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33). Graças à Expição do Salvador, podemos ter paz hoje e para sempre. ■

NOTAS

1. Jeffrey R. Holland, “O sumo sacerdote dos bens futuros”, *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 45.
2. Jeffrey R. Holland, “As coisas pacíficas do reino”, *A Liahona*, janeiro de 1997, p. 89.
3. Quentin L. Cook, “Paz de consciência: A recompensa da retidão”, *A Liahona*, maio de 2013, p. 33.

NINGUÉM PODE CONGELAR O QUE ESTÁ NO MEU CORAÇÃO

Blossom Larynoh



Quando a Igreja chegou a Gana em 1978, o governo não entendia bem o que era a Igreja e suas práticas. Isso levou a uma série de boatos. Assim como a Igreja cresceu nos dez anos seguintes, os boatos também se intensificaram. Lembro-me de ouvir as pessoas dizendo que os Estados Unidos estavam mandando homens para espionar nosso governo. Isso, com toda a literatura antimórmon em circulação, fez com que o governo ficasse muito desconfiado.

O congelamento

Em 14 de junho de 1989, o governo fechou todos os edifícios da Igreja, mandou os missionários para casa e proibiu todas as atividades oficiais da Igreja. Chamamos isso de “o congelamento”. Como eu só tinha 18 anos na época, tudo o que eu sabia era que um dia anunciaram que não poderíamos mais ir à igreja. Colocaram até guardas nos edifícios da Igreja para garantir que ninguém se aproximasse.

Como não podíamos mais nos reunir nas capelas, conseguimos permissão dos líderes da Igreja para fazer as reuniões sacramentais em casa. Quem não tivesse um portador do sacerdócio era incentivado a ir a uma casa onde houvesse um. Foi uma época confusa, mas ao mesmo tempo muito especial. Prestávamos nosso testemunho, e isso nos aproximou.

Como você ainda diz que é mórmon?

Certa vez, durante o congelamento, tive de sair de casa para frequentar uma escola em regime de internato. Quando cheguei lá, um dos professores ficou sabendo que eu era membro da Igreja. Por causa disso, ele me chamou num canto e começou a falar mal da Igreja para mim. Ele fez tantas críticas ásperas! Muitas vezes me perguntava: “Por que ele me disse aquelas coisas? Acredito nos ensinamentos do evangelho e ainda sou uma pessoa”.

Certo dia, ele me perguntou como é que eu ainda dizia que era mórmon. Eu não tinha ficado sabendo sobre o congelamento? Na nossa cultura, não confrontamos os mais velhos. Por isso, como ele era professor, eu não deveria rebater suas palavras. Mas, naquele momento, percebi que eu realmente tinha um testemunho. Não sei como estas palavras saíram da minha boca, mas o Espírito estava comigo, e criei coragem e disse: “A Igreja está no meu coração. E ninguém pode congelar o que está no meu coração”.

Depois disso, ele parou de me importunar.

Em novembro de 1990, o governo acabou com o congelamento e disse que os membros da Igreja estavam livres para adorar a Deus novamente. Não tínhamos



O CONGELAMENTO EM GANA

Em 14 de junho de 1989, o governo de Gana baniu A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os edifícios da Igreja foram fechados, mas os 6 mil membros tiveram permissão de fazer as reuniões em casa. Em 29 de novembro de 1990, o governo suspendeu a proibição e permitiu que a Igreja retomasse todas as atividades. Atualmente há mais de 72 mil membros em Gana, um centro de treinamento missionário e um templo.

Blossom era moça quando o governo proibiu as reuniões da Igreja em Gana.



rádios ou televisão na escola, por isso só fiquei sabendo da novidade porque aquele professor ouviu a notícia e imediatamente mandou me chamar. Quando me viu, anunciou: “As proibições feitas à sua Igreja foram suspensas! Você pode ir à igreja novamente!” Ele estava feliz por mim.

Ninguém pode congelar o que está no seu coração!

Os que permaneceram na Igreja e adoraram juntos durante o congelamento criaram fortes laços de amizade. Tornamo-nos verdadeiros irmãos. Até hoje, mesmo tendo cada um seguido seu caminho, se acontece alguma coisa com um de nós, todos ficam sabendo. Sentimos que somos pioneiros.

Gosto de dizer às pessoas que, se você sabe no que acredita e se tem testemunho de suas crenças, mesmo que haja provações, sua fé não precisa ser abalada. Se você sabe que algo é verdadeiro e acredita naquilo, ninguém pode tirar isso de você. Ninguém pode congelar o que está no seu coração! ■

A autora mora na Califórnia, EUA.



Élder Massimo De Feo
Dos Setenta

COMO APROFUNDEI MEU RELACIONAMENTO COM DEUS

Quando fiz 12 anos, comecei a pensar seriamente em como poderia me envolver mais com o evangelho. Eu estava morando em Taranto, onde nasci, na Itália. Fazia poucos anos que meu irmão e eu tínhamos conhecido a Igreja e nos tornado membros, mas comecei a sentir um grande desejo de participar mais de suas atividades. Comecei a ter o desejo de distribuir o sacramento. Lembro-me de ir andando para a Igreja todos os domingos, orando em meu coração para ser chamado para distribuir o sacramento.

Certo domingo, meu presidente de ramo me chamou para conversarmos em sua sala. Ele disse: “Massimo, o Senhor deseja que você receba o sacerdócio e seja ordenado diácono”.

Quando ouvi essas palavras — “o Senhor deseja que você” —, fiquei impressionado. Senti que não era um ser humano me pedindo que fizesse algo, mas que era o próprio Senhor dando-me *pessoalmente* uma responsabilidade. Quando meu presidente de ramo me olhou, senti que o Senhor estava estendendo os braços para mim.

Ao começar a distribuir o sacramento todos os domingos, comecei a sentir o poder da divindade em minha vida. Senti-me responsável, envolvido na Igreja e sabia que estava fazendo o trabalho do Senhor. Senti-me mais próximo Dele ao servi-Lo.

Essa experiência de sentir a mão de Deus tanto por intermédio dos meus líderes como de minhas responsabilidades me ajudou a desenvolver um relacionamento mais profundo e pessoal com Ele. Eu queria me envolver mais no evangelho. Vivendo daquela maneira, senti a presença de Deus em minha vida. Desenvolver esse tipo de relacionamento com Ele é uma das coisas mais importantes que você pode fazer em sua juventude.



VER O SENHOR EM SEUS LÍDERES

Ao conversar com meu presidente de ramo, fiquei profundamente impressionado quando senti que era o Senhor, não só meu presidente de ramo, que estava me dando uma responsabilidade. O fato de reconhecer o Senhor na pessoa do meu líder fez com que eu me sentisse mais próximo Dele, e meu relacionamento com Ele se aprofundou.

Se você entender, como jovem, que quando recebe um chamado ou assiste às aulas da Igreja está ouvindo as palavras do Pai Celestial e de Jesus Cristo, então conseguirá ver a Igreja de uma maneira diferente, de uma forma espiritual. Você *vai querer* participar do trabalho do Senhor. Poderá ter experiências espirituais profundas e se sentir mais próximo Dele todos os domingos.

VER O SENHOR NAS ORDENANÇAS

Podemos também desenvolver um relacionamento pessoal com o Senhor ao reconhecer Sua presença quando participamos das ordenanças do evangelho. Quando participamos das ordenanças como, por exemplo, do sacramento, “manifesta-se o poder da divindade” (D&C 84:20). Quando eu distribuía o sacramento, mesmo tendo somente 12 ou 13 anos de idade, sentia realmente que era um instrumento em Suas mãos. Sentia a presença e o poder de Deus nessas ordenanças e o poder da divindade em minha vida. Ter essa experiência sagrada todas as semanas, reconhecendo o Senhor nessa ordenança, ajudou-me a aprofundar meu relacionamento pessoal com Ele.

Isso não se limita a *distribuir* o sacramento. Também podemos sentir o poder da divindade ao *tomarmos* o sacramento todo domingo. Quando tomamos o sacramento, não devemos fazê-lo de maneira negligente, ou só de vez em quando, sem levar esse momento a sério. Temos que querer tomá-lo, decidir tomá-lo e nos preparar para fazê-lo a fim de que tudo isso nos permita sentir o poder da divindade em nossa vida. Devemos usar o sacramento como uma poderosa ferramenta espiritual para aprofundar nosso relacionamento com Deus e para nos preparar para nossos desafios diários.



UM RELACIONAMENTO PESSOAL E PROFUNDO

Decida agora desenvolver um relacionamento pessoal e profundo com o Senhor. Quanto mais próximo se sentir Dele, mais fácil será servir a Ele.

O Senhor estende os braços para cada um de nós individualmente. Quando frequentamos a Igreja, estamos ouvindo Suas palavras. Quando tomamos o sacramento, estamos participando de Suas ordenanças sagradas. Precisamos reconhecer a presença e o poder de Deus em nossos líderes e nas ordenanças para conseguir aprofundar nosso relacionamento pessoal com Ele. ■

ENTREGUEI MINHAS PREOCUPAÇÕES A DEUS

Quando descobri que minha amiga estava tendo sérios problemas, fiquei muito preocupada e desestabilizada.

Ninoska Nawrath

Quando minha amiga Fernanda (nome fictício) não apareceu na escola numa sexta-feira, fiquei me perguntando o que teria acontecido. “Ela adoeceu? Será que está bem?” Essas foram as perguntas que fiz a algumas amigas no final do dia. “Ela não está doente”, disse uma delas, “só teve que ir a um psicólogo”. Quando perguntei o motivo, respondeu que Fernanda estava sofrendo de depressão e andava ferindo a si mesma. Não muito tempo depois, Fernanda foi internada em um hospital para fazer tratamento, e não a vimos por algumas semanas.

Embora fôssemos amigas, ela não tinha contado nada sobre essa parte de sua vida para mim. Fernanda tinha



escondido o fato de todo mundo porque sentia vergonha. Tempos depois, ela me contou que não queria que as pessoas tivessem pena dela ou da situação. Mas não senti pena, só compaixão.

Naquele primeiro dia, deitei-me em minha cama depois da escola e enterrei o rosto no travesseiro. Estava emocionalmente exausta, mas ansiosa demais para dormir. Meu mundo estava desabando. Senti como se estivesse no meio de uma tempestade, num turbilhão de pensamentos e sentimentos. Senti-me confusa, sozinha e, acima de tudo, tão impotente para ajudar!

Como eu poderia ajudar?

O que poderia fazer ou dizer para ajudá-la? Como nós, sendo suas amigas, poderíamos nos unir e lhe dar nosso apoio? Não consegui encontrar nenhuma solução que me desse algum consolo ou confortasse minhas amigas. Orei para receber inspiração, mas sentia que minhas orações não estavam sendo respondidas.

Porém, na semana seguinte, tive uma grande ideia. Eu estava na minha aula do seminário diário bem cedo de manhã quando o professor falou

sobre a Primeira Visão e sobre como Joseph Smith pediu ajuda diretamente ao Pai Celestial para ajudá-lo com suas dificuldades e preocupações. Meu professor disse: “Se buscarmos o Pai e perguntarmos a Ele, receberemos uma resposta. Nunca estaremos sozinhos”.

Percebi que, em minha tristeza, eu tinha fechado o coração para o Pai Celestial. Embora eu tentasse orar com frequência, não era suficiente — eu não encontrava a paz porque ainda estava sentindo muito medo. Eu sabia que Ele entendia exatamente como eu me sentia e que Ele podia me ajudar. Mas eu precisava me abrir para Ele e confiar Nele de verdade para que Ele pudesse me ajudar — eu precisava exercer fé.

E foi o que fiz. Com o tempo, ao continuar a orar e a ler as escrituras, tentando deixar que o Salvador carregasse meu fardo, compreendi que a depressão da minha amiga acabaria sendo curada. Embora o caos exterior continuasse, eu me sentia calma, em equilíbrio e harmonia. Minha mãe continuou a me incentivar a encontrar paz, dizendo: “Sua amiga vai ficar

bem, e você também. Fique firme no evangelho, e tudo vai se resolver”.

Meu apoio à minha amiga

Quando Fernanda finalmente voltou para a escola, pude lhe dar grande apoio, mas somente porque eu mesma tinha encontrado paz em Jesus Cristo. Esforcei-me o máximo que pude para ser uma boa ouvinte, ser positiva e compartilhar o evangelho. Senti confiança ao explicar a ela o plano de salvação e que o Pai Celestial queria que sentíssemos alegria, apesar de termos dificuldades. Pode levar tempo, mas isso é possível para todos os Seus filhos.

Já tive muitas situações na vida em que senti angústia e tristeza, mas, graças ao evangelho, sempre me lembro de onde vim. Sei que sou filha de Deus e que Ele tem um plano para mim e para Fernanda. Todos nós andamos por caminhos diferentes, mas cada caminho é para o nosso bem porque Ele nos ama. Todo caminho, toda provação tem um propósito. Se pudermos encontrar paz nessas provações, poderemos compartilhar essa paz com outras pessoas. ■

A autora mora em Maule, Chile.



DEPRESSÃO: COMO DEVE SER NOSSA REAÇÃO

Se você tiver um amigo que esteja sofrendo de depressão, faça um esforço especial para ouvi-lo e mostre seu apoio durante esse período difícil. Essas pessoas precisam do seu amor. Peça conselhos a seus pais. Certifique-se de que os pais de seu amigo ou sua amiga estejam cientes da situação (mesmo que seu amigo não queira que saibam) e lhes pergunte como pode ajudar. Se a situação for grave (como quando a pessoa se autoflagela) e os pais estão cientes, mas não fazem nada, comente o problema com um professor, com o diretor da escola ou com um líder da Igreja.

E A **VIDA ETERNA**
É ESTA: QUE TE
CONHEÇAM, A TI
SÓ, POR

**ÚNICO DEUS
VERDADEIRO,
E A JESUS
CRISTO,**

A QUEM
ENVIASTE.

João 17:3

1 Néfi 3:7

○ Senhor ordenou a Néfi que fosse e fizesse algo.



1 EU VOU

“Vocês demonstram sua confiança [em Deus] quando ouvem com a intenção de aprender e de arrepende-se e, depois, fazem tudo o que Ele lhes pede. Se confiarem em Deus o suficiente para escutar a mensagem Dele em todo discurso, hino e oração desta conferência, vocês a ouvirão. E, se depois fizerem o que Ele deseja que vocês façam, sua capacidade de confiar Nele aumentará e, com o tempo, vão-se sentir dominados pela alegria de descobrir que Ele passou a confiar em vocês.”

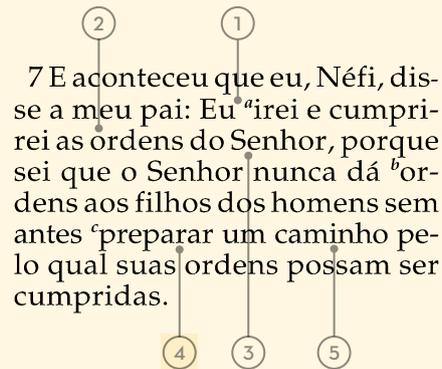
Presidente Henry B. Eyring, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, “Confiar em Deus e, então, fazer”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 73.

2 FAZER

“Adotei a seguinte regra:

Quando o Senhor ordenar, faça-o.”

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith, 2007, p. 169.



3 O SENHOR ORDENOU

“Todo mandamento do Senhor é dado para nosso desenvolvimento, progresso e crescimento.”

Élder Robert D. Hales (1932-2017), do Quórum dos Doze Apóstolos, “Se queres (...) entrar na vida, guarda os mandamentos”, *A Liahona*, julho de 1996, p. 37.

4 ELE PREPARARÁ UM CAMINHO

No Velho Testamento, preparar caminho significava criar uma estrada boa e bem demarcada (ver Deuteronômio 19:3) ou limpar uma trilha, removendo obstáculos (ver Isaías 40:3).

Quando o Senhor nos dá um mandamento, sempre prepara um caminho para nós se estivermos dispostos a confiar Nele e a obedecer. Porém, tal como Néfi, temos primeiro que agir com fé. Então o caminho vai aparecer, pois o Senhor “opera com poder, de acordo com a fé dos filhos dos homens” (Morôni 10:7).

5 REALIZAR

“Se tivésseis fé (...) nada vos seria impossível.”

Mateus 17:20

Nota do editor: Esta página não visa a constituir uma explicação exaustiva dos versículos de domínio doutrinário selecionados, mas apenas o ponto de partida para seu próprio estudo pessoal.

Como posso pedir aos meus amigos que não falem dos outros de maneira indelicada ou inadequada?

Mexericos, palavras grosseiras, vulgaridade — você já deve ter ouvido todas essas coisas ao caminhar pelos corredores de sua escola. Às vezes seus amigos são os que participam disso, e você pode se sentir incomodado e inseguro sobre como reagir, mas pode fazer a diferença dando um bom exemplo.

Embora não seja agradável se contrapor às pessoas, lembre que “a linguagem ou os gestos profanos, vulgares ou rudes, tanto quanto piadas imorais, são coisas ofensivas ao Senhor e aos outros”.¹ E mesmo que sejam ditas em tom de brincadeira, as palavras grosseiras magoam.

Se seus amigos disserem coisas impróprias ou rudes sobre outras pessoas, “incentive-os gentilmente a escolher outras palavras. Se eles persistirem, afaste-se educadamente ou mude de assunto”.² Explique a eles que você acredita que toda pessoa é um filho de Deus e deve ser respeitada por isso. Decida ser um amigo que apoia a todos, em vez de um inimigo que critica e despreza as pessoas. Seu forte exemplo será um modelo útil para seus amigos.

O livreto *Para o Vigor da Juventude* ensina que “uma linguagem limpa e inteligente é evidência de uma mente brilhante e sadia”.³ Deixe que suas palavras reflitam suas crenças, e o Espírito estará com você para lhe dar orientação nessas situações difíceis.

E esteja seguro disto: os verdadeiros amigos vão respeitá-lo por sua decisão de usar uma linguagem limpa e inspiradora que salienta as qualidades positivas das pessoas.



Ajudar uns aos outros a se manterem positivos

Minhas amigas e eu usamos pulseiras de elástico; e, toda vez que uma de nós diz algo maldoso sobre outra pessoa, esticamos e soltamos a pulseira dela. Esse é um bom lembrete para mantermos sempre nossas palavras e nossos pensamentos positivos.

Caroline J., 18 anos, Utah, EUA



Pedir ajuda a Deus

A oração vai ajudá-lo a receber forças de Deus para saber como falar com as pessoas. Em primeiro lugar, peça ao Senhor para saber o que dizer aos amigos. Peça também que Ele ajude seus amigos a entender a importância de considerar todas as pessoas filhos amados do Pai Celestial. Saliente a importância de ver o que há de melhor nas pessoas e de não dizer coisas ruins a respeito delas.

Victória Kércia M., 19 anos, Piauí, Brasil

Aceitar as diferenças com amor

Minhas amigas precisam saber que, como todas temos pontos fortes diferentes, podemos beneficiar umas às outras. A despeito das imperfeições das pessoas, sempre devemos ter mais amor por elas, e também devemos crer no poder de mudança que há no sacrifício expiatório do Salvador.

Esther M., 19 anos, Mbuji-Mayi, República Democrática do Congo

Ser direto

Você pode dizer educadamente a seus amigos: “Ei, parem com isso. Não gosto disso”, ou “Por favor, não falem assim. É grosseria”. Afinal de contas, um dos dois grandes mandamentos é “[amar] o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39).

Clayton P., 14 anos, Arizona, EUA

Mudar a perspectiva deles

Você pode simplesmente dizer-lhes que o que estão fazendo não é certo e que devem tentar deixar as pessoas felizes, e não tristes. Pode até perguntar como se sentiriam se fossem o alvo dos comentários rudes das pessoas. Ajude-os a ver a situação de outra perspectiva. Ajudando as pessoas a serem melhores, você poderá sentir o Espírito com mais frequência, e o Senhor vai abençoá-lo por suas ações justas.

Darren O., 15 anos, Utah, EUA



Ter coragem

Assim como Ester, Joseph Smith ou José do Egito, e muitas outras figuras das escrituras, você pode ter a coragem de impedir que seus amigos digam coisas impróprias sobre outras pessoas. Eu estava nessa mesma situação e tive a coragem de conversar com meus amigos de modo carinhoso e compreensivo. No final, eles aceitaram e entenderam como é importante usar uma linguagem pura e digna. Além de ler as escrituras e orar, o jejum ajuda muito nessas situações.

Ore e peça com fé que nosso Pai Celestial lhe dê a coragem para falar e tocar o coração de seus amigos.

Paola H., 17 anos, San Salvador, El Salvador



Ser um exemplo

A melhor maneira de fazer isso é dar o exemplo. Tome a iniciativa de dizer coisas boas e positivas sobre qualquer pessoa que esteja sendo alvo de comentários maldosos. Ficará impressionado com a rapidez com que a conversa pode mudar.

Élder Eads, 24 anos, Missão Coreia Seul Sul

Explicar as consequências negativas

Diga a seus amigos quantas experiências e interações positivas com as pessoas eles estão perdendo. Explique que dizer palavras rudes não é bom porque isso nos distancia das outras pessoas e polui nossa mente. Além disso, as pessoas boas passam a nos evitar quando usamos linguagem grosseira.

Elisa Ferreira S., 16 anos, Minas Gerais, Brasil



AS PALAVRAS TÊM PODER

“As palavras têm um poder surpreendente, tanto para edificar quanto para difamar. Provavelmente nos lembramos de palavras negativas que nos deixaram deprimidas e de outras palavras ditas com amor que elevaram nosso espírito. Escolher dizer apenas o que é positivo sobre as outras pessoas — e para elas — eleva e fortalece as pessoas a nosso redor e ajuda outras a seguirem o caminho do Salvador.”

Jean B. Bingham, presidente geral da Sociedade de Socorro, “Tarei a luz do evangelho para o meu lar”, *A Liahona*, novembro de 2016, p. 7.

NOTAS

1. *Sempre Fiéis: Tópicos do Evangelho*, 2004, p. 139.
2. *Sempre Fiéis*, p. 140.
3. *Para o Vigor da Juventude*, livreto, 2011, p. 20.

PRÓXIMA PERGUNTA

“Venho tendo dificuldades com as mesmas tentações há muito tempo. É frustrante. Como posso livrar-me delas?”

Envie sua resposta e, se desejar, uma fotografia de alta resolução até 15 de março de 2018, para liahona.LDS.org (clique em “Enviar um artigo”).

As respostas podem ser editadas por motivo de espaço ou clareza.

“Sou da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Eu sei quem sou eu e o plano de Deus”

(Músicas para Crianças, p. 48).

A primeira reunião de Easton na Alemanha tinha acabado de terminar. Ele achava que seria muito diferente, mas foi muito parecido com a reunião da Igreja no lugar onde ele morava, nos Estados Unidos.

Só que ali ele teve que usar fones de ouvido para ouvir os discursos traduzidos para o inglês.

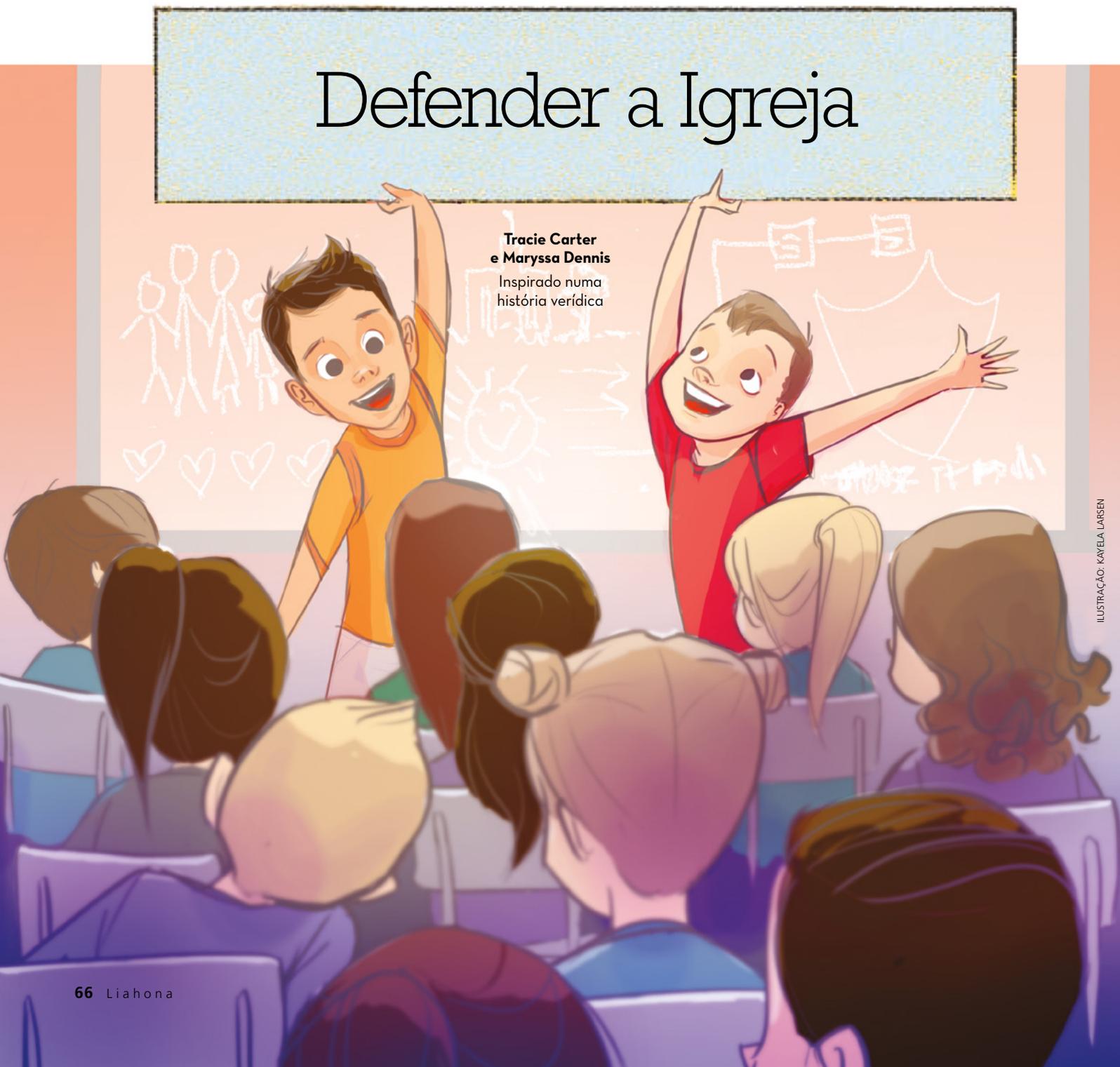
Sua mãe e seu pai tinham começado a conversar com a família sentada atrás deles. Parecia que tinham um filho da idade dele!

“Esta é a família Finotto”, disse a mãe para Easton. “GianMarco estará na sua classe na escola.”

Defender a Igreja

**Tracie Carter
e Maryssa Dennis**

Inspirado numa
história verdadeira



“Ótimo!” Easton sorriu para GianMarco. O nome dele parecia “João” e “Marcos” grudados um no outro — sem o “s” do fim. “Então, de onde vocês são?”

GianMarco sorriu de volta. “Somos da Itália. Mas acabamos de nos mudar para cá, vindos da China.”

“Uau!”, exclamou Easton. “Nunca estive na China.”

No dia seguinte, Easton foi para sua nova escola. Estava um pouco nervoso. Mas então viu GianMarco acenando do outro lado da sala de aula. Ao menos já tinha um amigo. Havia alunos do mundo inteiro na sua classe. Talvez ele gostasse daquela escola.

“Bom dia!” A professora sorriu para todos. “Sou a senhorita Albano. Para começar, alguém pode me dizer o que significa *identidade*?”

Uma menina ergueu a mão. “Significa quem somos. O que é mais importante para nós.”

“Exatamente!”, concordou a senhorita Albano. “Então vamos nos conhecer uns aos outros. Quais são algumas das coisas que fazem parte da sua identidade? Que coisas tornam *você* a pessoa que você é?”

“Gosto de videogames!”, disse uma menina da primeira fileira. A professora sorriu e escreveu *hobbies* no quadro. “O que mais?”

GianMarco levantou a mão. “Sou da Itália.” A senhorita Albano fez que sim com a cabeça e escreveu *país*.

Easton pensou em algo para dizer. “Vou à igreja”, disse um menino, nos fundos.

“Essa é uma resposta muito boa!”, pensou Easton. “Eu devia ter dito isso.”

Alguém riu. E então, muitas crianças estavam rindo. Easton olhou para GianMarco, confuso. GianMarco também parecia confuso. Por que eles estavam rindo?

Quando voltaram para casa, Easton contou à mãe o que havia acontecido.

A mãe franziu a testa. “Algumas pessoas não entendem por que a igreja é importante. Acham que é algo bobo.”

“Ah”, disse Easton. Ele não achava que a igreja fosse algo bobo, de modo algum.

Algumas semanas depois, a senhorita Albano pediu aos alunos que fizessem uma apresentação com um dos pais sobre a identidade da família de cada um.

“Qual deve ser nosso projeto?”, perguntou a mãe, enquanto arrumava a mesa para o jantar.

Easton pensou nas risadas da classe. “Acho que devemos falar sobre a Igreja”, sugeriu Easton.

A mãe sorriu. “Ótima ideia!”

“E será que GianMarco e a irmã Finotto poderiam participar do projeto conosco?”

“Boa ideia. Vou ligar para eles depois do jantar.”

No dia seguinte, GianMarco e a irmã Finotto foram à casa de Easton. Primeiro, todos conversaram sobre o que achavam que era mais importante no tocante à Igreja. A mãe anotou todas as ideias num caderno. Depois, fizeram cartazes e procuraram gravuras de Jesus, dos profetas e dos templos para colar neles.

Por fim, chegou a hora da apresentação. Easton ficou ao lado de GianMarco e das mães, na frente da classe. Respirou fundo.

“Somos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, começou ele. Eles se revezaram para explicar coisas sobre a Igreja. GianMarco falou das escrituras. A mãe de Easton falou dos profetas. A irmã Finotto falou da noite familiar. Easton falou do batismo. Foi ótimo!

Easton se sentiu muito bem quando terminaram. Ninguém riu — na verdade, parece que as crianças gostaram muito! Ele ficou contente por poder compartilhar algo tão importante com a classe. Sorriu. Ele conhecia sua identidade. Ele era um filho de Deus! ■

As autoras moram em Baden-Württemberg, Alemanha, e em Utah, EUA.

Sou um filho de Deus

Creio em Jesus Cristo

Faço parte de uma família



FILHOS DE DEUS

“Como descobrimos nossa *identidade*? Em primeiro lugar, lembremos que somos filhos de Deus.”

Presidente Russell M. Nelson, presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, “Identity, Priority, and Blessings” [Identidade, prioridades e bênçãos], *Ensign*, agosto de 2001, p. 11.

Olá!
Meu nome é Alice,
e procuro fazer
BRILHAR MINHA LUZ
MOSTRANDO
GRATIDÃO!

Dar presentes

Extraído de uma entrevista com Marissa Widdison, Revistas da Igreja



FAMÍLIA DIANTE DO TEMPLO DE SÃO PAULO BRASIL

1. **Tocar hinos**

Moro no Brasil com meus pais, minha irmã e meu irmão. Minha irmã Julia e eu tocamos piano na reunião sacramental da nossa ala.

Sentimentos felizes

Quando mostramos gratidão, o Senhor nos abençoa com sentimentos felizes que vêm do Espírito Santo.



2. Um presente inesperado

Certo domingo, um homem chamado irmão Stahlke nos deu um presente. Disse que era para agradecer pela música que tocávamos aos domingos. Quando abrimos a caixa, encontramos um tipo especial de flauta! Montei a flauta e comecei a tocar. Fiquei encantada com o som.



4. Um sonho especial

Quando toquei para o irmão Stahlke, ele ficou muito feliz e emocionado. Contou que tivera um sonho sobre aquele hino na noite anterior! Senti o amor que Deus tinha por ele e por mim.

3. Retribuir

Logo comecei a tocar os hinos na flauta. Eu queria fazer algo para agradecer ao irmão Stahlke o presente. Por isso, ensaiei o hino “Da corte celestial” (*Hinos*, nº 114). Pedi a meu pai que me levasse à casa do irmão Stahlke para eu lhe mostrar como seu presente me ajudara a descobrir um novo talento.



ENVIE-NOS UMA ESTRELA!

Diga-nos como você faz sua luz brilhar! Recorte uma estrela e escreva nela a respeito de uma ocasião em que você deu um bom exemplo. Peça a seu pai ou à sua mãe que envie por e-mail uma fotografia de sua estrela, com a permissão deles, para liahona@LDSchurch.org.



COMO VOCÊ PODE BRILHAR?

Aprenda a cantar, a tocar ou a reger um hino e compartilhe esse talento na noite familiar.

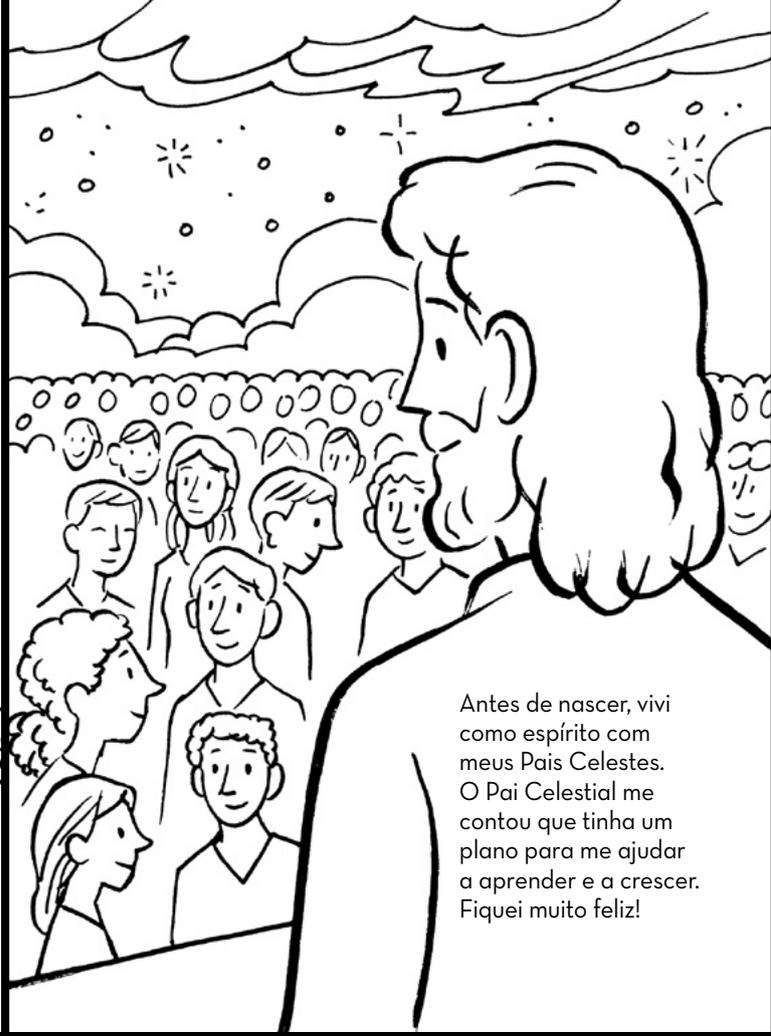
Pratique um talento e compartilhe-o com alguém.

Minha ideia: _____



O plano de felicidade

Pinte estes desenhos para aprender a respeito do plano de felicidade do Pai Celestial para você! Você também pode recortá-los, colar o verso deles e grampear as bordas num livreto.



Antes de nascer, vivi como espírito com meus Pais Celestes. O Pai Celestial me contou que tinha um plano para me ajudar a aprender e a crescer. Fiquei muito feliz!

Jesus Cristo Se prontificou para ser meu Salvador. Ele veio à Terra e deixou um exemplo perfeito para mim. Pagou pelos meus pecados. Conhece meus problemas e pode me ajudar. Amo Jesus!



Nasci nesta bela Terra. Ganhei um corpo! Meu espírito e meu corpo trabalham juntos à medida que aprendo. Todos os dias, tento seguir Jesus sendo bondoso.



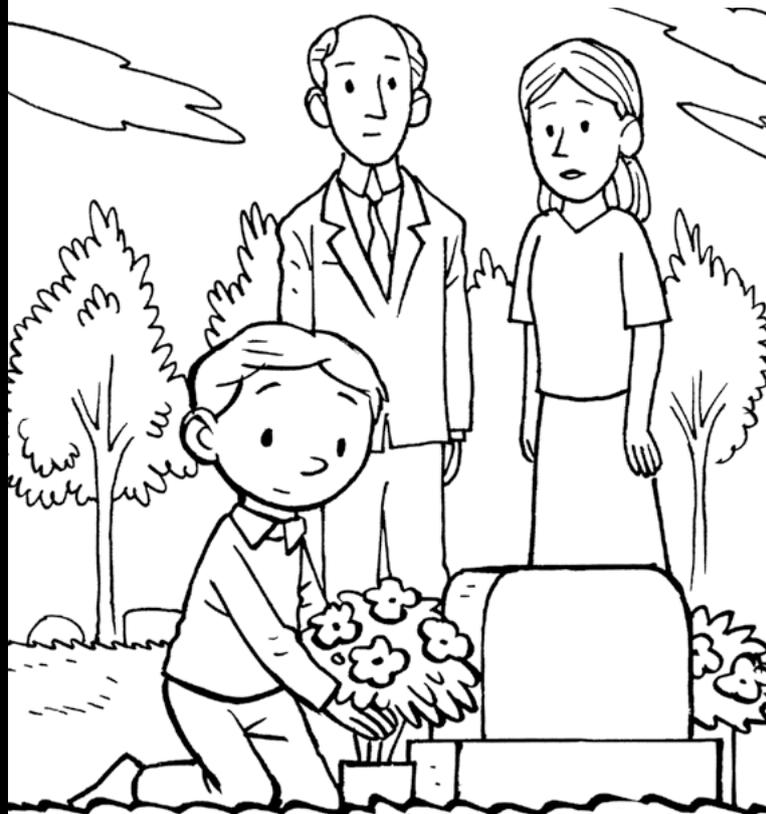
Sigo Jesus sendo batizado. Prometo guardar os mandamentos. O Pai Celestial promete que o Espírito Santo vai me ajudar. Quando cometo um erro, eu me arrependo e tento ser melhor da próxima vez. É assim que aprendo e cresço!



Mesmo estando longe de meus Pais Celestes e de Jesus Cristo, sinto-me perto Deles. Posso orar ao Pai Celestial a qualquer hora. Posso ler as escrituras. Um dia vou poder ir ao templo, onde vou aprender mais sobre o plano de Deus para mim. É um lugar tranquilo e feliz.



A morte é apenas outra parte da vida. Quando eu morrer, meu corpo vai ficar na Terra, e meu espírito vai para o mundo espiritual. Vou estar com meus familiares e amigos.



Um dia, meu corpo e meu espírito vão se unir de novo. Verei Jesus outra vez! Posso viver com minha família e com meus Pais Celestes para sempre. Sou muito grato por esse plano de felicidade!





“Jesus Cristo é o amado Filho Unigênito de Deus. Ele é nosso Criador. Ele é a Luz do Mundo. Ele é nosso Salvador do pecado e da morte. Esse é o mais importante conhecimento que existe na Terra, e vocês podem saber isso por si mesmos, como sei por mim mesmo.”

Élder Dallin H. Oaks
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Extraído de “Ensinamentos de Jesus”, A Liahona, novembro de 2011, p. 90.



Continue tentando!

Élder
Peter F. Meurs
Dos Setenta

“Caso se humilhem perante mim e tenham fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes para eles” (Éter 12:27).

Meus pais se filiaram à Igreja quando eu era jovem. Estávamos em um pequeno ramo da Austrália. Minha mãe tocava piano na igreja. Mas só sabia tocar alguns hinos. Eu estava aprendendo piano também. Quando eu tinha 7 anos, o presidente do ramo me pediu que eu tocasse na igreja.

Quando tocava piano, cometia muitos erros. E quando errava, chorava. Eu era muito tímido e ficava nervoso. Mas continuei praticando. Queria tocar bem os hinos. Agora adoro tocar piano! Sei tocar todos os hinos. Em minha missão na Nova Zelândia, servi em outro ramo pequeno. Eles não tinham ninguém que tocasse piano. Por isso, toquei órgão e piano o ano inteiro. Para mim foi uma bênção vencer meus temores.

Isso permitiu que eu abençoasse outras pessoas.

Também tinha dificuldades para falar quando era pequeno. Eu gaguejava. Era difícil prestar testemunho na frente de todos. Às vezes, quando eu tentava falar, simplesmente começava a chorar. Recebi bênçãos do sacerdócio para me ajudar. Minha mãe e meu pai me incentivavam muito. Por fim, tive a bênção de conseguir falar de modo mais claro e confiante.

Ainda fico nervoso. Foi assustador ter que caminhar até o púlpito para falar na conferência geral. Mas havia um espírito muito forte ali. Senti-me inspirado e calmo. Foi impressionante.

Se você for tímido e tiver dificuldade para fazer discursos, continue tentando. Mesmo que continue tendo dificuldades, precisamos ouvir o que você tem a dizer. Você pode abençoar muitas pessoas com as coisas que só você pode dizer! ■

Cartões de citações da conferência

Aqui estão algumas de nossas citações favoritas da conferência geral de outubro:

“A fé
sempre
vence o temor.”



– Presidente Henry B. Eyring,
primeiro conselheiro na Primeira Presidência

– Élder Ronald A. Rasband,
do Quórum dos Doze Apóstolos

“O Senhor
ama
estar
conosco.”



– Sharon Eubank,
primeira conselheira na Presidência
Geral da Sociedade de Socorro

“Deus tem
uma obra para
cada um
de nós.”



– Élder John C. Pingree Jr.,
dos Setenta

“Vocês vão
resplandecer
sua luz?”



NOSSA PÁGINA



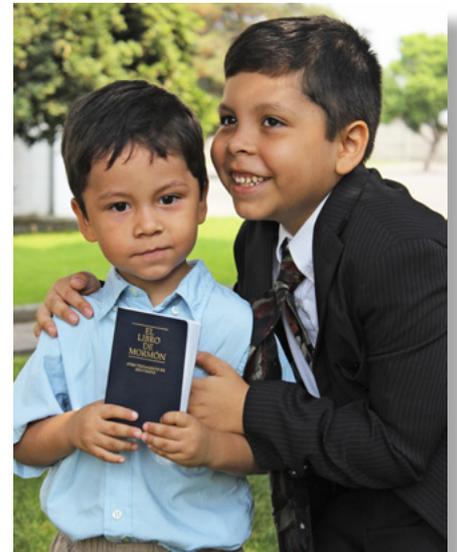
Sempre que visito o templo com minha família, sinto muito forte o Espírito, como se o Salvador estivesse conosco. Adoro ir ao templo.

Alana L., 8 anos, Brasil



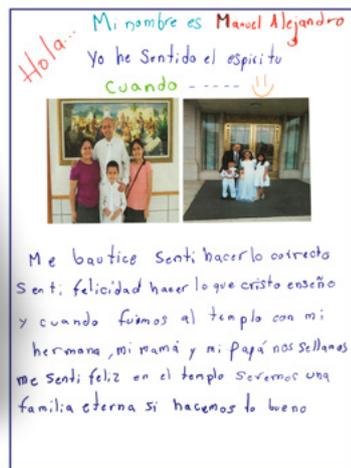
Sigo Jesus quando respeito meus colegas de escola e mostro amor a eles.

Vianca V., 7 anos, Colômbia



Sabemos que o Livro de Mórmon pode nos ajudar com nossos problemas, e a oração também. Meu irmãozinho gosta muito de orar.

Benjamín M., 3 anos, e Joaquín M., 8 anos, Chile



Senti o Espírito quando fui batizado. Isso me fez querer escolher o que é certo. Fiquei feliz quando fiz o que Jesus ensinou. Quando fui ao templo com minha irmã, minha mãe e meu pai, fomos selados, e fiquei feliz. Seremos uma família eterna se fizermos o que é certo.

Manuel R., 9 anos, El Salvador

Adão e Eva

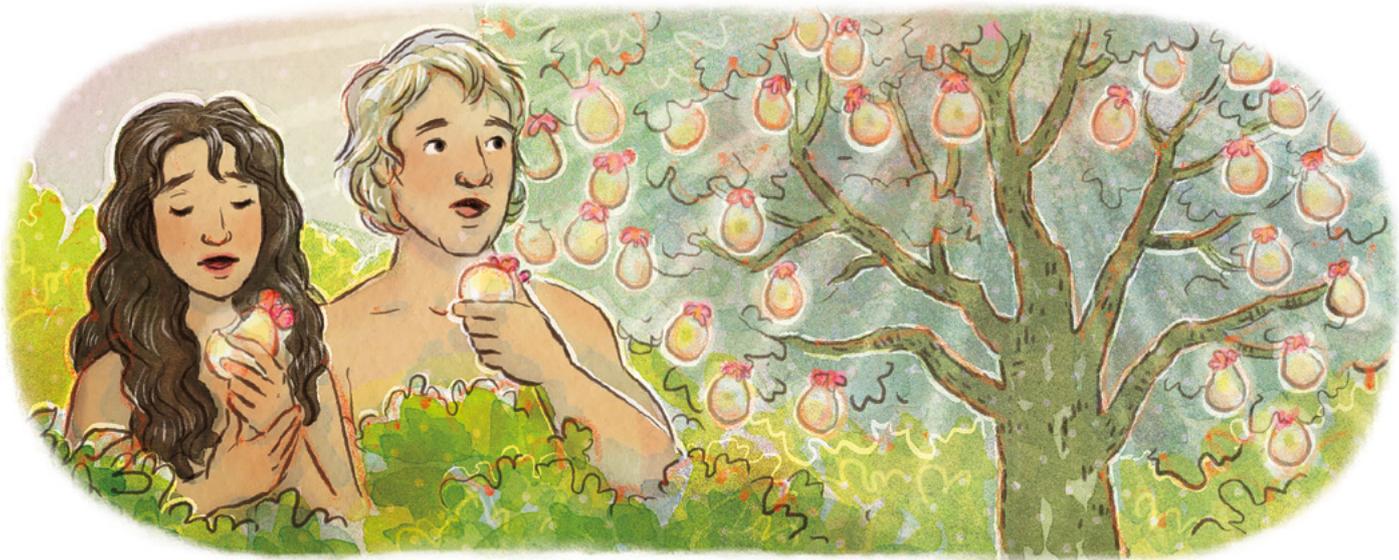
Kim Webb Reid

O Pai Celestial e Jesus criaram a Terra. Fizeram a terra, o mar, o Sol e as estrelas. Fizeram as plantas e os animais. A Terra então estava pronta para os filhos do Pai Celestial. Quem Ele enviou primeiro para morar na Terra?



Adão e Eva!

O Pai Celestial os colocou no Jardim do Éden. Todo o alimento de que precisavam crescia no jardim. Eles não tinham que trabalhar. Não ficavam doentes.



O Pai Celestial disse a Adão e Eva que, se eles comessem algum fruto de uma das árvores, teriam que sair do Éden. Satanás tentou Eva a comer do fruto, e ela comeu. E Adão também.

A escolha que eles fizeram de sair do Éden fazia parte do plano do Pai Celestial.

Depois que saíram do Éden, Adão e Eva aprenderam a orar, arrepender-se e ter fé em Jesus. Tornaram-se pais e ensinaram o evangelho aos filhos.

A vida fora do Éden era mais difícil, mas eles aprenderam coisas novas e importantes.

Estavam felizes.





Sou como Adão e Eva. Escolhi vir à Terra para poder aprender, crescer e me tornar mais semelhante a meus Pais Celestes. ■

Posso fazer boas escolhas





**Presidente
Dieter F. Uchtdorf**
Segundo conselheiro na
Primeira Presidência

O EVANGELHO ENGLOBA TODA A VERDADE

A folha que temos diante de nós é simplesmente um instantâneo microscópico — parte de uma floresta infinitamente vasta.

A história é importante. E o fato de nos manter ancorados às lições aprendidas com a história vai permitir que imitemos o que há de melhor no que significa sermos humanos.

Dizem que o antigo romancista Michael Crichton declarou: “Se você não conhece história, não conhece nada. Você é uma folha que não sabe que faz parte de uma árvore”. A história nos ensina não apenas a respeito das folhas da existência. Ensina também sobre os galhos, ramos, troncos e as raízes da vida. E essas lições são importantes.

Uma das fraquezas que temos como mortais é presumir que nossa “folha” é tudo o que existe — que nossa verdade é completa e universal. Um antigo ditado iídiche [diz]: “Para um verme num rabanete, o mundo



é o rabanete”. Quero salientar que a verdade aceita por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se estende para além das folhas e sem dúvida para além do rabanete. Estende-se para além do tempo e do espaço e abrange toda a verdade.

O evangelho de Jesus Cristo abrange não apenas a verdade do que foi e do que é, mas também a verdade do que pode ser e do que será. É a mais prática de todas as verdades. Ensina o caminho do discípulo — um caminho que pode pegar mortais comuns e falhos e transformá-los em seres gloriosos, imortais e ilimitados, cujo potencial divino está além de nossa escassa capacidade de imaginar.

Isso é uma verdade prática. É inestimável, além de nossa imaginação. É a verdade em sua mais alta ordem. A busca, descoberta e aplicação da verdade são o que temos nesta Terra para descobrir. O evangelho de Jesus Cristo abrange toda a verdade, mas também se especializa no conhecimento que será de maior valor para nós nesta vida e por todas as eternidades vindouras.

É um sentimento extraordinário pertencer a uma Igreja que aceita a verdade — não importando a fonte — e ensina que há muito mais por vir, que Deus “ainda revelará muitas coisas grandiosas e importantes relativas ao Reino de Deus” (Regras de Fé 1:9). Consequentemente, sentimo-nos humildes em relação à verdade que temos. Entendemos que nosso conhecimento é um trabalho em progresso, que a folha que temos diante de nós é simplesmente um instantâneo microscópico — parte de uma floresta infinitamente vasta de fascinante conhecimento. ■

Extraído de “Seeing Beyond the Leaf” [Ver além da folha], Simpósio de história da Igreja da Universidade Brigham Young, em Salt Lake City, Utah, EUA, em 7 de março de 2014.



**ADAM AND EVE (ADÃO E EVA),
ARTE TÊXTIL DOS ÍNDIOS CUNAS,
ILHAS SAN BLAS, PANAMÁ**

Tentados pelo diabo, Adão e Eva comeram do fruto proibido e assim se tornaram mortais. Eva testificou das bênçãos resultantes: "Se não fosse por nossa transgressão, jamais teríamos tido semente e jamais teríamos conhecido o bem e o mal e a alegria de nossa redenção e a vida eterna que Deus concede a todos os obedientes" (Moisés 5:1).

Tópicos desta edição

PARA OS JOVENS ADULTOS

“Clamamos para que Ele nos livrasse”



Quando um terremoto devastador sacudiu sua missão, os missionários do Japão sentiram que o Senhor os estava guiando e protegendo.

p. 44

PARA OS JOVENS

p. 50

JESUS CRISTO *Nossa fonte de paz*

Assim como acalmou as turbulentas ondas do mar da Galileia, o Salvador oferece a esperança de uma paz interior eterna para cada um de nós.



PARA AS CRIANÇAS



O plano de felicidade

Recorte e pinte este livreto para aprender mais sobre o plano de felicidade do Pai Celestial!

p. 70



PORTUGUESE

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS